
Ultra
um romance de
MAG STAEL




Essa é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência. Essa obra segue as regras da Nova Ortografia da língua Portuguesa.

É proibido o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora. Criado no Brasil. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Copyright © 2019 Mag Stael
Todos os direitos reservados

# SUMÁRIO

SINOPSE
PLAYLIST
PRÓLOGO
UM
DOIS
TRÊS
QUATRO
CINCO
SEIS
SETE
OITO
NOVE
DEZ
ONZE
DOZE
TREZE
QUATORZE
QUINZE
DESEZZEIS
DEZESSETE
DEZOITO
DEZENOVE
VINTE
VINTE E UM
VINTE E DOIS
VINTE E TRÊS
VINTE E QUATRO
EPÍLOGO
SOBRE A AUTORA

A DISPUTA PELO CARGO DE CEO NUNCA FOI TÃO QUENTE.

Melinda Becker fugiu de seu passado, mas agora ela estava de volta na cidade e decidida a assumir o comando da empresa de seu falecido pai.

Em seu caminho, está um obstáculo sexy e pervertido chamado Greg, uma antiga paixão que ela nunca foi capaz de esquecer. Melinda tenta evitá-lo, mas ele não vai deixá-la em paz tão facilmente.

O que os dois não contavam é que fossem se tornar oponentes em uma briga pela cadeira de CEO das Empresas Becker. Em meio à disputa pelo poder e um complexo jogo de sedução, segredos muito bem guardados por anos estão prestes a vir à tona.

E Melinda vai precisar decidir se romperá os laços com o turbulento mundo de Greg ou se cederá a esta paixão insana, mesmo que isso signifique a sua destruição.

**O LIVRO CONTÉM CENAS DE SEXO E LINGUAGEM DE CUNHO ADULTO.**

Para ouvir a playlist de *"Greg"* no no Spotify, abra o app no seu celular, selecione “buscar”, clique na câmera e posicione sobre o *code* abaixo.



"EXISTE UM LUGAR ONDE NINGUÉM PODE TIRAR VOCÊ DE MIM.
ESTE LUGAR CHAMA-SE PENSAMENTO. E NELE, VOCÊ ME PERTENCE!"
(CHARLIE CHAPLIN)

O céu estava revestido pelo manto negro da noite. As luzes amarelas dos postes brilhavam acima da minha cabeça, iluminando as calçadas. Meus instintos me alertavam para tomar cuidado. Afinal, já era muito tarde, para perambular pelas ruas, mesmo o bairro sendo seguro.

Estranhando minha mãe não ter ligado para que eu voltasse para casa, ou mandado o motorista para me buscar, apertei o passo. Talvez ela soubesse que eu queria aproveitar o máximo possível o tempo ao lado de Amanda.

Dentro de algumas horas, ela embarcaria para Los Angeles. Ao mesmo tempo em que eu estava feliz por ela ter conseguido ingressar em uma boa universidade, meu coração encontrava-se em pedaços. Era minha única amiga e imagino como seriam meus dias sem Amanda. Limpei uma lágrima no canto dos olhos e coloquei a mão na frente da boca para conter um soluço. As pessoas que passavam me olhavam curiosas, mas eu não me importava.

Levantei os olhos e vi o carro preto do meu pai entrando na rua da nossa casa, bem acima da velocidade permitida, e pareceu nem ter me visto na calçada. Quando passei pelo portão, ouvi a batida da porta do carro e o vi arrancar a gravata do pescoço. Com a certeza de que algo estava errado, subi a escada de mármore, quase correndo, e entrei em casa atrás dele.

A sala era iluminada somente pela luz da rua, que penetrava pelas cortinas tremulantes, lançando sombras nos móveis. Não havia sinal de nenhum dos empregados.

*— Nunca imaginei que você tivesse coragem de fazer uma coisa dessas.*

A voz do meu pai, carregada de ódio e ira, chegou aos meus ouvidos assim que coloquei o pé no primeiro degrau da escadaria.

*— Você sabe que eu nunca faria isso —* respondeu minha mãe, com a voz embargada.

Logo soube que estava chorando.

— *Desde quando você está me enganando? Desde quando você está…*

— *Isso não é verdade. Você precisa acreditar em mim!* — suplicou, impedindo que ele continuasse.

O barulho de coisas se quebrando me fez subir a escada o mais rápido que conseguia.

— *Quando eu voltar, não quero mais te ver aqui.* — Ouvi a voz de meu pai no alto da escada e estaquei no lugar.

Ele a desceu pulando o máximo de degraus que suas pernas permitiam. Seus cabelos loiros estavam desalinhados e a camisa escapava da calça. As maçãs do seu rosto estavam vermelhas, assim como ficavam todas as vezes em que ele se deixava dominar pela raiva — o que era constante nos últimos tempos.

— Pai! — chamei quando ele passou por mim.

Ignorando-me, ele continuou descendo. Girei nos calcanhares e o alcancei próximo à saída. Sem pensar, segurei-o pelo braço, ele se virou brevemente, permitindo-me ter um vislumbre dos seus olhos, a ira que irradiava deles era quase palpável.

— Aonde você vai? — perguntei.

Ele se livrou facilmente do meu toque. Ele era um homem alto e robusto, nem mesmo os anos tiraram a sua beleza; enquanto eu, baixa e franzina, seria uma cópia de mamãe se não tivesse herdado os cabelos loiros e os olhos azuis dele. Papai era alemão e se mudou para o Brasil quando abriram a filial das empresas *Becker* no país.

— Vou à delegacia — respondeu, dirigindo-se para a porta e a bateu com força.

Ainda paralisada no lugar, ouvi o ronco do motor do carro. Subi a escada

correndo e parei junto à porta do quarto dos meus pais. Intencionava bater, quando escutei a voz de mamãe.

— *Ele acabou de sair* — disse e a ouvi colocar o telefone no gancho.

Escutei o barulho de seus passos aproximando-se, meus músculos esqueceram como se mover. Abrindo a porta bruscamente, ela me viu e levou as mãos aos cabelos castanhos, em uma vã tentativa de colocá-los no lugar.

— Oi, filha. Você está aí? — Forçou um sorriso. O tom de sua voz já tinha voltado ao normal. O único indício de que ela estivera chorando eram seus olhos cor-de-mel que estavam vermelhos. — Não demore para descer — proferiu, seguindo para a escada. — Logo o jantar será servido.

Aquela foi a última vez que vi meu pai com vida. E eu nunca soube o que aconteceu realmente naquela noite.

Rolei na cama e arrumei o travesseiro, a fim de provocar o sono. O relógio verde cintilante, no criado mudo, marcava 03:00 am. Uma voz irritante na minha cabeça repetia o tempo todo que eu deveria ter aceitado o convite da Amanda para sair e aproveitar a noite agitada de Los Angeles — na verdade, fingir que me divertia entre um drinque e outro. Ao invés disso, preferi ficar no apartamento com a pior companhia do mundo: eu mesma. Eu e meus demônios.

Era como se eu revivesse aquela cena todas as noites antes de dormir. Os olhos vermelhos de chorar e o cabelo castanho desgrenhado de mamãe vinham me assombrar. Apertei as pálpebras com força para me livrar das imagens que me invadiam a mente, mas as vozes continuavam chegando aos meus ouvidos.

O brilho da tela do celular iluminou o quarto. Estiquei o braço e o pesquei no criado mudo.  Não reconheci o número, mas, tão logo o vi, soube que era do Brasil. Deixei tocar até terminar a chamada. Algum tempo depois recebi uma mensagem de mamãe:

***Acabei de receber uma ligação do advogado que está cuidando do inventário de seu pai. Como herdeira, você precisa estar presente para a lavratura da escritura.***

Voltar ao Brasil? Isso não estava nos meus planos. Voltar significava ter que reviver toda aquela dor. Naquela noite, não só perdi meu pai, como também toda a confiança na minha mãe. Perdi o rumo e não conseguia mais encontrá-lo. Eu nunca soube lidar com a desconfiança de que ela era cúmplice na morte do meu pai; nunca soube lidar com a mágoa, nem o que fazer em relação a isso; portanto, na primeira oportunidade que tive, fugi para longe dela. Nunca consegui esquecer a frieza que ela lidou com a notícia do acidente, com morte do meu pai. Como se ela já esperasse por aquilo. Eu não sabia se um dia teria

coragem de olhá-la nos olhos novamente. Todos aqueles anos longe, eu sempre arrumava uma desculpa para não voltar. O que eu faria dessa vez?

Enxuguei uma lágrima que me escapou dos olhos, afastei os lençóis e me levantei da cama. Sentindo o chão gélido debaixo dos pés, andei até a cozinha. Abri a geladeira e enchi uma taça de vinho. O cheiro entrou pelas minhas narinas. Sorvi o líquido em um só gole. Com a garrafa em mãos, fui para a sala e me joguei no sofá. Levando o gargalo aos lábios, senti o líquido descendo pela garganta e aquecendo-me por dentro.



O barulho das janelas sendo abertas despertou-me do sono. Forcei as pálpebras pesadas a se abrirem e as fechei em seguida por causa da claridade repentina. Minha cabeça doía e eu estava a ponto de vomitar. Coloquei a mão na boca e respirei com força, puxando o ar para dentro dos pulmões.

O som dos passos sutis no carpete deixaram-me em estado de alerta. Senti o colchão afundar ao meu lado e abri os olhos. Amanda me estudava com interesse. Seus cabelos escuros estavam presos em um coque mal feito e suas delicadas mãos descansavam sobre um joelho. Ficamos um bom tempo em silêncio. Na verdade ela não precisava falar para que eu soubesse o que pensava. Seu semblante nada amistoso entregava que estava chateada.

— Como você está? — perguntou, depois do que me pareceu uma eternidade. — Aconteceu algo muito sério para você ter ficado nesse estado.

Aquilo não era uma pergunta. Ninguém me conhecia melhor do que Amanda. Bastava apenas um olhar para que ela soubesse que tinha algo errado comigo. E eu a conhecia bem para saber que ela não me deixaria em paz, caso eu não falasse.

Ela se levantou e deu uma volta pelo cômodo. Franzi o cenho quando me dei conta de que estava no meu quarto, na minha cama. Minha última lembrança é que eu estava no sofá com a garrafa de vinho. Mandy voltou o olhar para mim e colocou as mãos na cintura, esperando por uma resposta.

— Como vim parar aqui? — indaguei, precisando forçar a voz.

— O Sean te trouxe.

— Sean? — perguntei surpresa.

— Sim. Por coincidência ele apareceu por lá. — Amanda se esforçava para se manter séria enquanto falava.

— Então toda sua insistência para que eu fosse era para me encontrar com o Sean — concluí.

— Você sabe que ele te ama. — Andando em minha direção, voltou a sentar-se na cama. — Quando se der conta de que ele é o cara certo para você, espero que não seja tarde demais.

— Nunca fui capaz de amá-lo como ele merecia.

— Você nunca se permitiu amar outra pessoa que não fosse o Greg.

Ao ouvi-la mencionar o nome de Greg, as lembranças da noite anterior me inundaram com força e a bile subiu à minha garganta.

— Meu amor pelo Greg acabou no momento em que minha mãe anunciou que se casaria com o pai dele.

— Isso é o que você diz para enganar a si mesma — redarguiu.

— Ele nunca sentiu nada por mim. E, mesmo se me quisesse, seria incapaz de me relacionar com ele.

— Seus pais terem se casado não fez dele seu irmão — proferiu, com impaciência. — Você não percebe que está jogando sua felicidade pelo ralo? A primeira vez, quando você desistiu de conquistar o Greg e a segunda, quando terminou com o Sean porque não conseguia esquecer o Greg. — Fez uma pausa,

mas eu sabia que estava apenas começando. — Sei que você odeia o fato da sua mãe ter se casado com outro homem…

— Não desisti do Greg por isso; desisti dele porque…

Calei-me quando percebi o que falaria. Não poderia dizer que desisti do Greg porque acreditava que o pai dele era o responsável pela morte do meu. Mesmo Amanda sendo minha melhor amiga, nunca lhe falei da minha desconfiança. Todos diziam que a morte do meu pai tinha sido um acidente. Por vezes, até eu queria me convencer disso.

Meu coração se comprimiu em meu peito, destruindo-me por dentro e não pude conter as lágrimas. Amanda me encarava com o rosto crispado, em claro sinal de confusão.

Levantei-me da cama, rápido demais, e senti o mundo girar sob meus pés. Os braços de Amanda envolveram meu corpo, puxando-me para um abraço.

— Desculpe-me — ela disse, afagando meu cabelo. — Sei que não gosta de falar sobre isso porque te faz lembrar do seu pai. Você teve outro daqueles pesadelos? Foi por isso que bebeu tanto? — Ela se afastou e buscou meus olhos.

— Recebi uma mensagem da minha mãe.  Farão a lavratura do inventário de papai e ela quer que eu vá.

— E você vai? — Ela estreitou os olhos e franziu a testa.

Soltei-me do seu abraço e enxuguei as lágrimas com as mãos.

— Não. Eu não vou. Pedirei para um advogado me representar. Vou para a Alemanha dentro de alguns dias. Já está decidido.

— O que sua mãe achou da ideia de você ir para a Alemanha?

— Ela não sabe. Desde que se casou, não se importa mais comigo.

— Mas eu me importo e acho que seu lugar é aqui, ou no Brasil, dirigindo as empresas do seu pai.

— Não tenho a menor chance. Caso meu pai tenha me deixado metade

das ações, ainda serão poucas para eu brigar pelo cargo de CEO.

— Imagine você trabalhando com o Greg? Juntos vocês serão imbatíveis. — Nos seus lábios desenhou-se um meio sorriso que logo desvaneceu e ela ficou séria.

— O Greg não precisa de mim para ser imbatível, Mandy. O pai dele o preparou a vida inteira para isso. Não é à toa que, assim que o pai dele assumiu a presidência, o Greg se tornou o vice, o braço direito do pai.

A morte do meu pai foi muito oportuna para os dois.

— Quando você vai parar de arranjar tantas desculpas? Sabe que um dia terá de parar de fugir, não é mesmo? — inquiriu.

— Não estou fugindo, Amanda — proferi sem saber ao certo se tentava convencê-la, ou a mim mesma.

— Sei — falou com um tom de descrença. — Vá tomar um banho e se trocar, daqui a pouco o Sean estará aqui.

Puxei o ar com força.

— Não. Hoje não quero ver ninguém.

— Sem chances, o Sean ficou muito preocupado ao te ver naquele estado. Deu trabalho convencê-lo a ir embora.

— Ainda não entendi o que Sean veio fazer aqui de madrugada — grunhi, sem ter certeza se ela me ouvia.

— Matt e eu bebemos além da conta e Sean nos deu uma carona.

Cruzei os braços na frente do corpo e a encarei.

— Afinal de contas, você quer me jogar nos braços do Sean ou do Greg? — Dei um sorriso forçado.

— Qualquer um dos dois. Só quero te ver feliz.

— Não preciso de um homem para ser feliz.

— Você está impossível hoje.

Amanda fechou o semblante e passou pela porta.

Dei um passo para trás e comecei a me mover na direção do banheiro. Empurrei a porta, assustei-me ao ver meu reflexo no espelho, os olhos sem vida, rosto pálido e os cabelos desgrenhados. Arranquei o pijama, atirei-o para longe, entrei no box e liguei o chuveiro. Ao sentir a água fria tocar minha pele, estremeci.

Encostei a testa no azulejo frio e deixei escapar o choro que estava preso na garganta. Abracei meu próprio corpo, que tremia, meus soluços misturando-se ao barulho da água do chuveiro.

As palavras de Amanda causaram um turbilhão de emoções dentro de mim. Por mais que eu negasse, ela tinha razão. O que eu estava fazendo esses anos todos além de fugir? Mas não poderia voltar. Eu nunca teria coragem de olhar minha mãe nos olhos. Eu era covarde demais para lidar com a verdade.

— Mel… Melinda, você está aí?

Ao ouvir a voz de Sean, tive um sobressalto, e meus olhos se voltaram para a porta.

— Sim. Estou — respondi, com a voz embargada.

— Você está bem? — A preocupação era perceptível em sua voz.

Um estalo e a maçaneta começou a girar. Instintivamente, cobri os seios com as mãos.

— Já estou saindo.  Me dê alguns minutos.  — Não seria a primeira vez que Sean me veria nua, no entanto as circunstâncias entre a gente tinham mudado.

— Tem certeza de que está bem? Já faz mais de uma hora que você está aí.

Fechei o chuveiro. Em seguida, enfiei o roupão pelos braços.

Me debrucei sobre a bancada. Mesmo depois do banho, minha aparência

era caótica. Os cabelos molhados grudavam no roupão. Escovei os dentes para me livrar do hálito de álcool e fui para o quarto, desejando que Sean tivesse ido embora. No entanto, eu sabia que isso não aconteceria. Sean era persistente, por isso que se manteve próximo por todo esse tempo.

Encontrei-o de pé diante da imensa janela de vidro, sua cabeça levemente inclinada, os braços erguidos, e os dedos gravados no metal de sustentação. O que me fez crer que ele sequer olhava para os arranha-céus do distrito financeiro de Los Angeles à sua frente. Suas mãos deslizaram para baixo, de modo que os músculos de suas costas ficaram marcados na camisa branca.

Ele girou a cabeça olhando por cima do ombro, tomou consciência da minha presença, ele arregalou os olhos e me examinou de alto a baixo. Percebi um brilho diferente no canto dos seus olhos e tive a impressão de que ele havia chorado.

— Você está mesmo decidida a ir embora?

— Não quero mais falar sobre isso.

— Mas eu quero — murmurou, passando as mãos nos cabelos, deixando-os ainda mais desalinhados. — Seu lugar é aqui… ao meu lado — afirmou, em um tom exasperado. Sua voz embargada deixava evidente a dor que sentia.

Sabia que ele estava tentando se segurar.

— Meu visto está vencido. Antes que me diga que posso continuar trabalhando na empresa de seu pai e tentar conseguir um visto de trabalho, te adianto que esta hipótese está descartada.

— Podemos pensar em outro modo para que você fique.

Apertando o nó do cinto, me movi em sua direção. Seus braços quentes me envolveram em um abraço. Uma de suas mãos parou em meu cabelo. Apertei o rosto contra seu tórax. Seu cheiro penetrou em minhas narinas, ele cheirava maravilhosamente bem. Sean acariciou minhas costas com a outra mão, apertando-me contra si. Ergui os olhos para que pudesse ver seu rosto e me perdi

no azul do seu olhar. Eu adorava estar em seus braços, mas aquilo parecia tão errado. E o erro ali era eu. Sean era tudo que uma garota poderia querer. Lindo, os cabelos escuros, que insistiam em cair em seus olhos e estavam sempre bem tratados, as roupas sempre impecáveis; rico e com uma personalidade admirável.

*“Por que eu simplesmente não poderia amá-lo?”*

Esticando o braço esquerdo, Sean tocou meu rosto. Alisando minha pele com as pontas dos dedos, desceu até o pescoço e levantou meu queixo, perscrutando meu rosto com seu olhar tão intenso, fazendo meu coração errar uma batida e um leve tremor dominar minhas pernas. Eu podia ler neles o quanto ele me amava — ninguém nunca tinha me olhado daquele jeito. Mesmo não o amando, ao seu lado me sentia segura, aquilo era o bastante para me deixar vulnerável e aceitá-lo de volta todas as vezes que tentava afastá-lo de mim.

Seu olhar deslizou para os meus lábios. Respirei fundo, sabia o que viria a seguir. Senti a proximidade do seu rosto do meu, sua respiração tocando minha pele e, deslizou os lábios quentes por minha face, depositando um beijo no canto da minha boca, pedindo permissão para aprofundar o beijo. Eu precisava pará-lo. Se nós começássemos não conseguiríamos parar, mesmo que no fim acabássemos nos machucando. Era sempre assim. Eu não conseguia resistir a ele. Por carência talvez, mesmo que eu tentasse negar.

Seus lábios tocaram os meus, e, meu autocontrole se dissipou. Cedi à pressão de sua boca e sua língua encontrou a minha em um beijo nada gentil. Correspondi ao beijo em um misto de desejo e culpa.

Colocando um braço em volta de minha cintura, me puxou para mais perto, unindo nossos corpos. Sua mão deslizou para minha nuca, aumentando a pressão entre nossas bocas. Seus lábios se separaram dos meus, deslizaram por meu rosto até a orelha, e mordiscou o lóbulo. Não pude deter o baixo gemido de prazer que se iniciou em minha garganta quando seus lábios desceram por meu pescoço até chegar ao seio. Apertou-o entre sua mão, envolvendo-o por inteiro e abocanhou o mamilo. Ao toque de sua língua, senti meu corpo entrando em

combustão, e a umidade crescente em minhas pernas. Agarrei seus cabelos e apertei o seio ainda mais em sua boca. Ele lambeu e sugou, fazendo-me gemer mais alto.

Ele me pegou pela bunda. O atrito do tecido da sua calça no meu sexo desnudo foi suficiente para aumentar minha excitação.

Voltando a me beijar, cruzou o quarto e me colocou sobre a cama. Me encarou com os olhos ardentes de desejo, tirando sua camisa. Ele não era forte, mas tinha os músculos definidos. Deslizou a calça preta, junto com a cueca boxer e chutou-as para longe. Desfiz o nó do cinto do roupão, com o olhar fixo em sua ereção.  Segurando meus joelhos, separou minhas pernas, expondo meu sexo liso e úmido. Minha expectativa se elevou a um nível estratosférico, quando ele curvou o tronco, depositou um beijo no interior da minha coxa e deixou o corpo cair sobre o meu. Ele tomou meus lábios em um beijo selvagem, necessitado. Sua língua invadiu minha boca, roubando-me o fôlego. Meus dedos afundaram em seus cabelos. Suguei seu lábio inferior com força e cravei as unhas em suas costas.

Suas mãos estavam em todas as partes do meu corpo, quando tocou meu sexo, respirei fundo, tentando recuperar o ar. Enquanto ele brincava com meu clitóris, abri-me mais, dando a ele livre acesso, e movi os quadris, incitando-o a me penetrar com os dedos. Ele retirou a mão e, no mesmo instante, senti falta do seu toque.

— Sean. — Seu nome saiu dos meus lábios em um grito de frustração.

Tomando mais uma vez meu seio, Sean chupou e esfregou a língua no mamilo, provocando-me, levando-me ao limite.

— Preciso de você dentro de mim, agora, Sean — pedi, em tom de súplica.

Em resposta, ele sorriu contra minha pele e esfregou o pênis na entrada do meu sexo em uma maldita tortura.

Girando nossos corpos, me puxou sobre ele. Inclinando-me sobre os joelhos, sentei sobre suas pernas, segurei seu membro inchado e umedeci os lábios.

— Não — bradou e se colocou sentado quando percebeu o que eu pretendia fazer. — Você ainda toma o anticoncepcional? — perguntou, afirmei apenas com um murmúrio.

Alinhando o pênis, ele me penetrou em uma estocada profunda, sussurrando entre gemidos como ele amava estar dentro de mim. Movi-me sobre ele, empalando seu membro e passei a subir e descer em um impulso quase primitivo. Tremores tomaram meu corpo, anunciando o gozo iminente. Ele abraçou-me com mais força, enterrando-se todo dentro de mim. Um rosnado escapou de sua garganta, quando ele alcançou o clímax junto comigo, liberando seu esperma em golfadas quentes.

Enlacei os braços em seu pescoço e coloquei o rosto em seu ombro, aguardando que os tremores deixassem meu corpo.

— Case comigo. — Sua voz penetrou os meus ouvidos.

Por um instante achei que meus ouvidos estivessem me traindo, até ele repetir:

— Case comigo.

Em choque, ergui o rosto para encará-lo, buscando indícios de que aquilo não era verdade, mas o que encontrei em sua face me fez estremecer e um nó se formar em minha garganta.

— Você disse casar? — Forcei a voz para fora da garganta.

Ele ficou em silêncio por um tempo e suspirou. Seus lábios se contraíram em sinal de aborrecimento.

Desvencilhei-me de seus braços e firmei os joelhos, buscando forças para me levantar. Puxei o ar em jatos curtos, mas ele não chegava aos pulmões. O quarto parecia diminuir, e as paredes se fechavam em volta de mim, deixando-me claustrofóbica.

Andei até a janela, meus dedos trêmulos lutavam com as fechaduras. Quando consegui abri-la, um jato de ar invadiu o quarto, roçando em minha pele. Coloquei as mãos no mármore frio, enquanto meus olhos vagueavam pela avenida muitos metros abaixo. Meu coração batia em um ritmo frenético, ameaçando explodir dentro do peito. Senti os passos de Sean atrás de mim, mas não me virei para olhá-lo. Ele se aproximou, colocou as mãos no mármore, uma em cada lado do meu corpo, colando seu tórax nas minhas costas.

— Sei que você não me ama, mas posso amar por nós dois — falou em um volume de voz baixo, quase inaudível. No entanto, o sofrimento era perceptível em cada uma de suas palavras.

Meu coração se apertou no peito, não consegui evitar as lágrimas. Doía-me demais vê-lo sofrer por minha causa.

— Você tem ideia do que está dizendo? — perguntei. — Não há a menor possibilidade disso dar certo. Funcionamos bem em um relacionamento sem cobranças, como esse que tivemos.

— Por um momento, tive esperança de que você fosse aceitar.

— Sean, não … — Fiz uma pausa, tentando encontrar as palavras.

— Tudo bem. — Ele se afastou e andou até onde estava suas roupas. — Essa é minha última tentativa, não te procurarei mais — disse, enquanto vestia sua calça. — Adeus, Melinda.

Ao vê-lo passar pela porta, o aperto no peito ficou insuportável. Uma confusão mental se instalou em mim. Um medo paralisante me tomou. Quando a realidade me sobreveio, não consegui conter as lágrimas. Eu o tinha afastado para sempre. Aquela foi nossa despedida. Por um momento, cogitei a possibilidade de me casar com ele, só para não vê-lo partir.

— Eu a… — tentei gritar, mas a voz ficou presa na garganta e se transformou em um soluço histérico.

Andei até onde estava o roupão e o vesti rapidamente, com a intenção de ir atrás dele, mas, ao invés disso, fiquei dando voltas, desnorteada. Mesmo que meus pés estivessem no chão, o quarto girava fora de controle. Deixei meu corpo deslizar para o chão, sentindo a textura da parede arranhar minha pele. Sentei-me no carpete e aninhei minha cabeça sobre os joelhos. Ouvi o barulho da porta abrindo, seguido de passos. Levantei o rosto rapidamente, na esperança de que ele tivesse voltado e abaixei em seguida, quando encontrei o olhar de Amanda. Engoli o choro, enxuguei os olhos embaçados pelas lágrimas e me levantei. Voltei a olhar pela janela para que Amanda não visse meu rosto.

— E-le se fo-i — falei, com a voz embargada.

— Eu sei — revelou, depois de um longo tempo em silêncio. — Queria muito que vocês ficassem juntos finalmente, contudo é melhor assim. Você só vai permitir que alguém entre em seu coração quando arrancar o Greg de dentro dele.

— Por que você continua insistindo nisso? — perguntei, com certa irritação.

— Porque é verdade. — Escutei quando deu alguns passos na minha direção. — O que acha de sairmos? Falta poucos dias para sua viagem e vamos aproveitá-los da melhor forma.

Olhei-a por sobre o ombro, vi uma lágrima brotar no canto dos seus olhos e ela secá-la rapidamente. Assim como eu, Amanda não gostava de demonstrar emoções, mas eu sabia que ela estava sofrendo com minha partida.

— Sentirei muito a sua falta. — Virei-me para encará-la. — Você foi a calmaria quando tudo era caos.

— Não fale assim…

— Você sabe que é verdade. — Eu a interrompi. — Estava completamente perdida depois da morte do papai. Ter desistido do curso na Alemanha e vir morar com você foi a melhor escolha que eu poderia ter feito — falei, sentindo as lágrimas brotarem novamente em meus olhos.

Depois da morte do meu pai, meus dias se resumiam a ficar trancada no meu quarto. Principalmente depois que minha mãe se casou com o Abílio. Era muito doloroso, para mim, assistir à felicidade dos dois. O que fazia com que minha dúvidas e temores se tornassem cada dia mais vívidos, mais destruidores, pois imaginar que minha mãe poderia ter a mínima participação na morte de meu pai me trazia um gosto amargo à boca, acabava com a admiração e amor que eu sentia por ela. Deixava-me vazia e minhas desconfianças, mais intensas. A rapidez com que ela se envolveu com outro homem me levou a crer que Abílio era a pessoa com quem ela falava ao telefone naquela noite. E o motivo para meu pai sair furioso era porque tinha descoberto que os dois eram amantes. Isso me machucava e, por mais doloroso que fosse, eu tentei me convencer de que tudo não passava de uma paranoia da minha cabeça, mas as coisas só pioravam e, por mais que eu não tivesse provas, ainda pensava que Abílio tinha algo a ver com a morte do meu pai. Tudo foi oportuno demais, para sua ascensão e a de seu filho na empresa. E ele passou a ter tudo o que foi do meu pai, até mesmo a mulher, e isso rasgava o meu peito. Trazia à minha mente o desejo de vingança.

Saber que o homem a quem amei e idolatrei morreu por mera ambição fazia meu coração doer e a raiva aflorar. Desde aquela noite, já não era mais a mesma. Enterrei com meu pai um pedaço de mim.

Abílio era amigo próximo do meu pai, o vice-presidente e homem de confiança dele. Ninguém acreditaria em mim se o acusasse.

Minha única saída foi me afastar, fugir do que me fazia mal. Ir para a Alemanha, morar com a família dele só potencializaria minha dor.

— Não sei se fez uma boa escolha. — Ela se afastou e se moveu pelo quarto. — Tenho a impressão de que você acha que negligenciou os planos do seu pai por não ter ido estudar e está tentando consertar isso agora.

Amanda se virou na minha direção. Colocando uma mecha do cabelo castanho-escuro atrás da orelha, que ia até um pouco abaixo do seu pescoço, me estudou por um instante. Seus olhos escuros não desviavam do meu rosto.

— Não gosto quando você me trata como um paciente.

Amanda era psicóloga organizacional em uma multinacional.

— Não estou te tratando como um paciente. Só estou tentando entender. Seria bem mais fácil se você não se fechasse tanto, não guardasse tudo para você. É para isso que servem os amigos. Chorar, desabafar não é sinal de fraqueza. Ninguém consegue ser forte o tempo todo — proferiu, em um tom magoado. Atravessando o quarto, parou antes de passar pela porta. — Preparei uma sopa para você — continuou. — Não pode ficar o dia todo sem comer.

Forcei minhas pernas a se moverem, fui até a cama e deixei meu corpo cair sobre o colchão. Eu só queria ficar ali e chorar com o rosto enfiado no travesseiro. A dor continuava esmagando meu peito, e minha garganta estava tão seca que respirar exigia esforço. Olhei para a porta temendo que Amanda entrasse por ela a qualquer momento e me visse mais uma vez chorando por Sean. Por que perdê-lo doía tanto? Era egoísmo querer mantê-lo por perto quando o que tínhamos já estava acabado. Quando tudo sequer tinha existido.

Mesmo em todos aqueles anos, não fomos realmente um casal.  A dor que eu sentia talvez fosse culpa por nunca tê-lo amado da forma que ele merecia. Fechei os olhos, tentando acalmar a tempestade de emoções que me devastava por dentro.

Pesquei meu celular sobre o criado mudo e o apertei entre os dedos, pensando se deveria ligar para ele, dizer tudo que nunca tinha dito.

Desbloqueei o visor e senti a coragem vacilar.

*“Não era o que você queria? Afastá-lo de sua vida?”*

O celular vibrou em minha mão. Era o mesmo número do Brasil que tinha me ligado na madrugada. Hesitei antes de atender e levei o aparelho ao ouvido.

— Melinda? — disse uma voz masculina do outro lado da linha.

— Sim. É ela mesma.

— Sou Eduardo Freitas. Eu era advogado do seu pai.

Um calafrio percorreu meu corpo com essa revelação.

— Acredito que já esteja a par da lavratura...? — continuou ele.

— Sim, estou — respondi com certa impaciência.

Pelo visto, eu ainda iria ouvir muito aquela pergunta.

— Estou te ligando porque prometi ao seu pai que te ajudaria quando chegasse a hora.

— A que você está se referindo?

— Antes de morrer seu pai colocou as ações da empresa em seu nome. — Permaneci em silêncio, tentando assimilar as informações.

— Está me dizendo que mamãe não ficará com metade das ações?

Meu cérebro trabalhava em uma velocidade assustadora enquanto ele continuava a falar:

— Não. Seu pai tinha colocado em seu nome alguns dias antes do … acidente — fez uma pausa, procurando a palavra certa.

Eduardo explicou-me, brevemente, o que papai tinha feito, e me orientou a voltar para o Brasil.

Mesmo sendo formada em administração, nunca tive nenhuma pretensão de me colocar à frente da empresa de meu pai. Jamais pensei na possibilidade de ele deixar todas as ações para mim. O que poderia tê-lo levado a fazer isso? Será se ele já desconfiava que pretendiam matá-lo e decidiu fazer isso com a intenção de frustrar os planos do pai do Greg de ficar com o comando da empresa?

Isso me deixou intrigada e, ao mesmo tempo, fez uma onda de euforia brotar em minha mente, enublando meus pensamentos. Como detentora da maior parte das ações da empresa, eu tinha uma possibilidade real de vingança, poderia brigar pelo cargo de CEO e tomar o que me pertencia. Meu pai queria isso!

Desliguei o celular e o joguei sobre a cama, puxando o lençol sobre meu corpo, buscando um pouco de alento para a avalanche de sentimentos que me assaltavam. A sopa que Amanda tinha feito para mim ficou completamente esquecida.

Enfrentei uma verdadeira batalha interna, tomada por uma grande angústia. Não seria fácil voltar para o Brasil e reviver a perda do meu pai, ao mesmo tempo em que eu sentia uma enorme necessidade de fazer o que ele esperava de mim. Isso culminaria em uma disputa iminente com o pai do Greg. Ele não abriria mão do cargo tão facilmente e, além disso, eu ainda teria de convencer o Conselho da empresa de que eu sou a melhor pessoa para ocupar o cargo.



Acordei com meu celular tocando, ainda sonolenta, o localizei entre os lençóis.

— Alô! — Atendi com a voz rouca.

Logo que a pessoa do outro lado da linha disse as primeiras palavras em um alemão perfeito, identifiquei quem era.

— Tio, sou eu Melinda. Desculpe, mas não entendi o que disse. — O interrompi.

— Às vezes, esqueço que você não fala minha língua. Parece até que seu pai não queria que você viesse para cá — respondeu em inglês.

— Papai tentou me ensinar várias vezes, mas nunca dei muita importância — admiti, envergonhada.

— Você está sabendo que será feita a lavratura da escritura do inventário?

— Sim, estou. Mamãe me mandou uma mensagem avisando.

— Agora que tomará posse das suas ações, o que pretende fazer?

Meu cérebro entrou em alerta, talvez fosse porque eu não confiava mais nas pessoas. Mas, parecia ter algo errado, tio Herbert estava preocupado com minhas escolhas.

— Ainda não sei — desconversei.

— Está certo.  — Pude sentir o alívio em sua voz.

E depois ficamos um tempo falando sobre trivialidades, o que pensei se tratar de uma estratégia para disfarçar seu verdadeiro interesse: saber o que eu faria com minhas ações. Isso só intensificou a minha certeza de que fazer a vontade do meu pai era a coisa certa. Desbancar o pai do Greg de repente me pareceu muito excitante. Era hora de voltar e ocupar o lugar do meu pai. Se essa

era a vontade dele, era isso que eu faria. Se o pai do Greg tinha matado meu pai e se casado com minha mãe para ficar com o cargo de CEO, eu tiraria isso dele.

Encerramos a ligação e fui para a cozinha antes que Amanda viesse atrás de mim. Segui o tilintar dos pratos e o cheiro delicioso de café que exalava. Encontrei-a arrumando a mesa pequena e redonda, organizando os pratos e talheres com perfeição, ainda que as refeições, na maioria das vezes, fossem feitas só por nós duas, ela fazia questão de arrumar tudo conforme a etiqueta. Encostei no batente e fiquei observando-a.

Amanda se virou, e seus olhos encontraram os meus.

— Sente-se melhor? — perguntou, dobrando um guardanapo.

— Estou muito melhor. Você não faz ideia do quanto.

Dei alguns passos, e ela continuou examinando-me com o olhar.

— Tudo isso é por causa da proximidade da viagem?

— Vou viajar, mas não irei para a Alemanha — declarei, e ela ergueu as sobrancelhas. — Vou para o Brasil, seguirei seus conselhos. É hora de lutar. Vou tomar posse das ações que meu pai deixou para mim e vou brigar pelo cargo de CEO.

— Sabe que o Greg estará lá.

— Sei. E isso não me interessa. Eu não sinto mais nada por ele — Eu a encarei, e minha voz soou firme. — Todo esse amor que diz existir é coisa da sua cabeça.

Amanda deu uma risada debochada.

— De verdade, torço para que seja. — Ela ficou séria de repente. — O Greg é um cafajeste, um cafajeste muito gostoso, mas ainda assim é um cafajeste. Tudo nele indica perigo.

## ALGUNS DIAS DEPOIS...

Depois de enfrentar uma longa fila para fazer o check-in, seguimos para o salão de embarque. Amanda e Matt fizeram questão de me acompanhar, era lindo observar os dois, o amor presente em cada troca de olhares, em cada toque.

Como em todas as vezes em que estive no Aeroporto Internacional de Los Angeles - LAX, eu estava impressionada com a grandiosidade e movimentação do lugar. Insistentemente, meus olhos vagavam pela multidão, e a cada pessoa de cabelos negros que eu encontrava, meu coração se agitava no peito para se decepcionar em seguida.

— Você esperava que ele viesse? — perguntou Amanda, percebendo minha agitação.

— Eu gostaria de ter me despedido dele direito.

Todas as minhas tentativas de contato com Sean nos últimos dias tinham sido em vão. Ele não atendia minhas ligações, nem respondia minhas mensagens.

— Você disse a ele que eu queria vê-lo? — perguntei pela enésima vez.

— Já disse que sim — respondeu, parando diante das catracas.

Dei um breve abraço em Matt, em seguida abracei Amanda, sentindo as lágrimas brotarem nos olhos.

— A hora que quiser voltar, saiba que estarei aqui para você.

— Eu sei. — Mesmo se nada desse certo, voltar não estava nos meus planos, estava na hora de seguir minha vida e deixá-la seguir a dela com Matt.

Meus olhos viajaram mais uma vez, só para confirmar o que eu já tinha

certeza.  Sean não viria.

— “Se você está atravessando o inferno... não pare”[1] — balbuciei para mim mesma e passei as catracas. Era hora de continuar atravessando. Era hora de enfrentar meus demônios.

Passava das 21 horas quando entrei em um táxi no aeroporto Internacional de Guarulhos. Ninguém sabia da minha chegada, assim eu teria mais tempo para me preparar para aquele encontro. Ocupei o banco de trás e afivelei o cinto de segurança. No rádio tocava uma música, mas eu não prestava atenção na letra.

Meus olhos não desgrudavam do trajeto. Conforme avançávamos pela Rodovia Presidente Dutra, a realidade me atingiu como uma avalanche. Dentro de alguns minutos eu estaria frente a frente com minha mãe. Como ela reagiria ao me ver depois de tantos anos? Fechei os olhos e apoiei a cabeça no encosto, inspirando com força.

— Chegamos! — anunciou o motorista depois do que pareceu minutos. Nem o trânsito caótico foi capaz de esticar o tempo como eu precisava.

Abri os olhos, girei a cabeça devagar e encontrei o portão de casa. Meu corpo recusava-se a se mover. Por anos, eu tinha me escondido atrás de uma casca de durona e fria, quando na verdade eu estava um caco por dentro. Até quando conseguiria manter isso?

Desci do carro, paguei pela corrida. Arrastando a mala pela calçada, me dirigi para o portão. Minha mão estava um pouco trêmula, quando enfiei a chave na fechadura. Ouvi um estalido quando ela girou. Imagens daquela noite invadiram minha mente, exigindo de mim um esforço maior para andar.

Soltei o ar dos pulmões e entrei. Tudo parecia igual. O jardim continuava impecável, a fachada era coberta pela mesma tintura amarela pastel. Meu coração se contorceu no peito quando vi que o outro carro que pertencia ao meu pai continuava na garagem. O estacionamento de visitantes estava repleto de veículos, outros tantos ocupavam o gramado. Uma música alta ecoava de dentro da casa e se misturava às vozes que ainda não tinha identificado de onde vinham.

*Uma festa? Era só o que me faltava.*

Subi a escadaria, então eu me vi parada diante da porta principal. Apertei a maçaneta, e ela girou sob meus dedos.

Lá dentro, tudo parecia diferente. Os porta-retratos que ficavam em cima do aparador no *hall* de entrada foram substituídos por vasos de flores. Estiquei o pescoço e analisei a sala de estar vazia. As paredes, outrora verde claro, estavam pintadas de branco. As mobílias tinham sido substituídas. Um enorme sofá branco e uma dupla de poltronas vermelhas ocupavam a sala. O que chamou minha atenção, no entanto, foram os copos e garrafas de bebidas espalhadas sobre a mesinha de centro e as mesinhas laterais.

As vozes vinham da sala de jogos, eu podia ver a silhueta das pessoas movendo-se.

Comecei a dar passos lentos. Se eu tivesse um pouco de sorte, poderia alcançar a escada sem ser vista. Segurei o corrimão e me virei no momento em que ouvi uma voz atrás de mim.

— Será que te conheço?

Girei o corpo e encarei a dona daquela voz. Seu rosto era marcado por longos cílios pretos e espessos e sobrancelhas arqueadas. Ela franziu o cenho com ar de verdadeira confusão. Seus olhos desviaram do meu rosto para a mala que descansava junto aos meus pés.

— Acredito que a gente não se conheça — limitei-me a dizer e continuei subindo.

— Você acha que pode invadir a casa das pessoas?

Parei onde estava e analisei a mulher mais uma vez.

Ela deslizou os dedos longos pelos cabelos avermelhados e colocou as mãos na cintura bem marcada pelo vestido tubinho, esperando por minha resposta.

— E porque acha que estou invadindo?

— Sempre frequento as festas do Greg e nunca te vi.

*Greg?* Meu coração pulsou freneticamente, e minhas pernas tremeram só em ouvir o nome dele.

— Eu não frequento as festas do Greg — respondi, minha voz assumindo um tom aborrecido, e me coloquei em movimento. Agarrei a alça da mala e a arrastei pela escada, sentindo o olhar dela sobre mim. Isso a deteve, mas só por um instante.

— Vou chamar os seguranças para você. — Ouvi sua voz do alto da escada.

Percorri o minúsculo corredor e entrei no meu quarto, iluminado apenas pela luz do jardim que transpassava pela cortina. Fechei a porta atrás de mim e colei meu corpo a ela. Fui tomada por uma grande nostalgia.

Depositei as malas no chão, joguei minha bolsa no pequeno sofá creme e tirei o cardigã, deixando-o em um canto qualquer. Esfreguei o rosto e me dirigi para o banheiro, sentindo meu corpo reclamar de cansaço. Eu precisava de um banho quente e de uma cama confortável, mesmo que dormir estivesse fora de cogitação. A música que vinha lá de baixo ficava cada vez mais alta. Era uma batida ininterrupta que penetrava meu cérebro.

Arranquei as roupas e atirei-as para longe conforme caminhava para o chuveiro. Ouvi batidas na porta e estanquei no lugar.

— Abra a porta! — disse uma voz masculina.

Decidi ignorar e as batidas recomeçaram, cada vez mais fortes.

Corri os olhos em volta, procurando algo para me cobrir.

— O que você quer? — perguntei e encostei na porta.

— Saber quem está aí dentro.

— Melinda Becker — respondi.

Quem quer que estivesse do outro lado ficou em silêncio por um momento.

— Isso só pode ser uma piada. — Eu o ouvi dizer. — Traga uma chave reserva.

— Merda! — praguejei.

Recolhi minha blusa no chão, enfiei-a pela cabeça e abri a porta pronta para enfrentar quem quer que fosse.

Greg estava do outro lado da porta. Eu não estava preparada para a reação que tive ao vê-lo ali. Meu coração acelerou e parecia querer saltar pela boca, o ar escapou dos meus pulmões. Sua boca se abriu levemente e seus olhos se arregalaram em surpresa. Não pude deixar de lançar lhe um olhar discreto. Ele era impressionante. Moreno, parecia um modelo, era alto e musculoso. Vestia uma bermuda preta e uma camiseta branca. Seus cabelos castanhos agora estavam longos, e seu braço esquerdo coberto por tatuagens, dando a ele um aspecto lindamente selvagem. Mas não era só no porte físico que Greg exalava magnetismo, era muito sensual, e as mulheres que conviviam a sua volta não faziam nenhum esforço para esconderem o deslumbramento que tinham por ele.

— Mel? — balbuciou.

Sua voz rouca penetrou em meus ouvidos causando um verdadeiro estrago dentro de mim.

— O que você quer? — perguntei, com a voz falhando.

— Me disseram que uma estranha tinha entrado na casa e achei melhor checar.

Ele me olhou de alto a baixo, parecendo não acreditar que eu estava ali.

— A estranha era eu, Melinda — repliquei, reassumindo meu autocontrole.

— Sua mãe sabe que você está aqui?

— Não. Ela não sabe. Eu queria fazer uma surpresa, mas caso eu esteja atrapalhando, posso procurar um hotel.

— Esta é a sua casa. Quer que eu ligue para sua mãe e avise que você está aqui?

— Não. Muito obrigada…, Gregório. — Seu nome escapou dos meus lábios com má vontade. — Se puder me dar licença, vou tomar um banho agora.

Empurrei a porta na intenção de fechá-la. Ele não se moveu e voltou a percorrer meu corpo com o olhar. Seus olhos brilharam, e um forte arrepio atravessou meu corpo. Como se soubesse o efeito que aquilo tinha me causado, um sorriso se desenhou em seus lábios.

— Achei a chave. — Uma voz feminina invadiu o quarto.

Greg se virou em sua direção, e eu aproveitei para bater a porta.

— Não é mais necessário. — Ouvi seus passos distanciando-se.

— E a invasora? — ela perguntou em um tom descrente.

— É a Melinda... Melinda Becker.

— A filha da sua madrasta?

*“A filha de Rudolf Becker”,* respondi em pensamento.

Meu coração pulsava com tanta força que eu mal conseguia respirar, minhas mãos tremiam, e minhas pernas viraram gelatina.

Cruzei o curto espaço que me separava do chuveiro, arranquei a blusa, joguei-a sobre o box e abri a água. Um jato frio atingiu meu corpo.

*“Você não pode se esquecer de quem ele é! Ele é filho do homem que matou seu pai”*, recriminei-me mentalmente.

*“Como eu podia me deixar afetar daquela maneira por tão pouco?”*, perguntei-me enquanto me ensaboava. Eu sabia a resposta. O tempo tinha feito o impossível, tornando Greg ainda mais bonito do que eu me lembrava. Há seis anos, ele já era muito atraente, com um aspecto juvenil, mas agora se

transformou em um homem sexy e másculo. Impossível de ignorar.

Eu estava muito ferrada. Para minha sorte, ele nunca demonstrou interesse em mim — salvo uma única vez.

Greg era o tipo de homem que ficava com uma mulher por pouco tempo e logo a substituía pela próxima da fila.

Quando saí do banheiro, a música já tinha diminuído o volume, eu mal conseguia distinguir a letra. Tranquei a porta à chave. Vencida pela curiosidade, andei até a outra extremidade e prendi o tecido da cortina entre os dedos. Meus olhos viajaram pelo jardim. No meio de todas aquelas pessoas, consegui encontrá-lo. Era como se não houvesse mais ninguém, ou como se houvesse um imã que atraiu meu olhar para ele. Prendi a respiração e fiquei imóvel por um longo momento, vendo Greg andar ao lado da piscina azul tremulante. Parando junto a um grupo de pessoas que estavam sentadas na borda, ele tirou a camiseta e a bermuda. Meus olhos vagaram por seus músculos, ombros largos, abdômen esculpido. Engoli em seco. Greg passou as mãos no cabelo, empurrando-o para trás, e deixou o corpo cair em uma espreguiçadeira.

Meus olhos captaram o momento em que uma mulher saiu da piscina. Secando o corpo com uma toalha, andou até ele. Ela era esbelta, mas não magra demais, a cintura curvava de maneira graciosa. Greg a puxou para seu colo e a beijou. Um beijo cheio de luxúria, quase obsceno. Minha garganta ficou seca. Logo ele parou de beijá-la. Como se soubesse que estava sendo observado, ergueu o olhar e o fixou na minha janela e pareceu focalizar-me. Sobressaltada, soltei a cortina, me afastei da vidraça e fui para a cama.

Deitei de costas, com a cabeça sobre os braços e fixei os olhos no teto, sentindo raiva de mim mesma por ser tão irracional.

Fechei os olhos, e a imagem do rosto do meu pai se desenhou na minha mente. As memórias voltaram como uma avalanche, parecia que eu podia ouvir a voz da apresentadora noticiando a morte dele. *“A perícia constatou que a*

*causa do acidente foi problemas mecânicos”*, dizia ela. Por mais que eu apertasse os olhos, continuava a ver a imagem do carro destruído. Estar ali fazia a dor parecer mais forte. Sem conseguir contê-las, as lágrimas transbordaram dos meus olhos e escorreram por minhas bochechas.

Mordi o punho para sufocar os soluços quando ouvi passos que pararam junto à porta e se afastaram depois de um tempo.

Chorei por horas a fio e acabei dormindo sem perceber.



Meu celular tocava insistentemente. Ainda sonolenta, negava-me a abrir os olhos e, quando o fiz, não lembrava onde eu estava. Girei a cabeça e fitei o *closet* vazio, a porta de correr estava entreaberta. O criado mudo sustentava um imponente abajur. Analisei aquele espaço enorme que talvez fosse quase do tamanho do apartamento que eu dividia com Amanda. Ouvi vozes do lado de fora. Abri os olhos e me coloquei sentada. Era a voz de mamãe.

— Você não vai comigo até o escritório do advogado? — perguntou ela, em um tom decepcionado.

— Não vou poder. Tenho uma reunião mais tarde e um jantar com investidores.

— Abílio…

Ao ouvi-la mencionar esse nome, a velha e familiar raiva se agitou dentro de mim, procurando uma oportunidade para escapar.

— Estarei no escritório lá embaixo. Assim que o Greg chegar, peça para ele ir falar comigo — disse ele, impedindo que mamãe continuasse.

— O almoço já será servido — replicou ela.

Suas vozes foram se distanciando e eu já não podia ouvi-las.

Levantei-me da cama, meus pés descalços tocaram o chão, senti uma fisgada em minha pele ao caminhar pelo piso gélido. Pesquei meu celular na bolsa, tinha várias ligações perdidas de Amanda. Fiz uma nota mental para retornar mais tarde. Já se passava do meio-dia, eu teria que me apressar ou me atrasaria para o meu compromisso com o advogado de papai. Além do mais, eu não podia mais adiar o encontro com mamãe. Respirei fundo, tentando desanuviar a mente e afastar aquela avalanche de sentimentos que me perturbavam. Uma parte de mim queria abraçá-la e a outra queria estar bem longe dela.

Depois de me arrumar rapidamente, deixei o quarto. Desci a escada devagar. O barulho dos meus sapatos *Chanel* batendo contra o chão era ocultado pelo carpete.

A sala de estar estava vazia. O som de talheres batendo nos pratos me guiou até a sala de jantar. Como se pressentisse minha presença, no momento em que me aproximei, Greg levantou a cabeça e repousou o garfo no prato. Seus olhos verdes ardentes continuavam fixos em mim enquanto me aproximava. Minhas pernas perderam a força, tive a sensação de que o mundo à minha volta começava a oscilar.

Acompanhando o olhar de Greg, minha mãe virou o rosto, ao me ver, um assombro transpassou seu rosto, que ficou sombrio no mesmo instante.

— Me-Melinda — gaguejou, seus lábios tremeram um pouco. Ela correu os olhos em volta como se procurasse por algo. — Quando você chegou?

— Ontem à noite — grunhi, desapontada.

No fundo, eu esperava que ela ficasse feliz em me ver. Apesar dos anos que fiquei distante e do fato de ela nunca ter reclamado da minha ausência.

— Também não acreditei quando a vi aqui — Greg falou com um

sorriso, tentando diminuir a tensão do momento.

— Então você já sabia que ela estava aqui? — Minha mãe perguntou, voltando-se para o Greg.

— Sim. Eu sabia. Só não liguei para avisá-la porque a Melinda queria fazer surpresa.

— É verdade. Achei que, depois de tanto tempo longe, seria bom te fazer uma surpresa. Você gostou, mãe? — Forcei um sorriso, ante o embaraço dela.

— Si-sim. Claro que gostei. Pretende ficar por muito tempo, Melinda? — indagou minha mãe, com a voz instável.

Não me lembrava de tê-la visto tão desconfortável. Mamãe sempre foi uma mulher segura.

— Pretendo, sim, mãe.

Andei até a cabeceira da mesa e estendi a mão para o meu padrasto, que observava tudo em silêncio.

— Senhor Abílio — disse eu, vestindo minha máscara de indiferença e frieza.

Ele limpou a boca no guardanapo e apertou a mão que eu estendia.

— Sente-se e coma com a gente — Greg disse e indicou a cadeira ao seu lado.

— Não, obrigada. Tenho um compromisso e já estou atrasada. — Voltando-me para minha mãe, perguntei: — Posso usar aquele carro do papai?

— Claro, ele também é seu agora. — As palavras mal saíam de sua boca.

— Pode me dar a chave?

— Está na gaveta do aparador, no *hall*.

— Você mandou fazer manutenção nesse carro no último ano?

— Depois que o seu pai morreu, ninguém mexeu nele.

— Você ainda se lembra do nome daquela mecânica aonde o papai sempre levava os carros?

Ela levou uma garfada à boca de forma lenta e cuidadosa.

Ergui o rosto para a parede onde ficava um quadro de nós três pintado em aquarela, enquanto esperava por sua resposta.

— Nunca me interessei em saber sobre isso. — Deu de ombros.

— Tem certeza de que não se lembra? O papai sempre te incumbia de acertar tudo com o nosso motorista.

Seu rosto permaneceu impassível.

— Pode deixar que mando os carros para manutenção — falou Abílio, em um tom controlador, parecendo um homem acostumado a dar ordens e a ser obedecido.

— Obrigada, senhor Abílio. Eu mesma quero fazer isso. — O sarcasmo estava bem presente em minha voz. A austeridade de seu semblante denotava que ele não gostou de ser desafiado. — Você ainda mantém as coisas do papai no escritório, mãe? — perguntei, voltando meus olhos para ela. — Acredito que posso encontrar o que preciso lá.

Ela olhou para Abílio antes de responder:

— Não. O escritório foi reformado.

— Você sabe o quanto papai gostava daquele escritório. — Minha voz transbordava a tristeza que eu sentia. — Por que você apagou todas as lembranças do meu pai? Por que, mãe? Você não levou em conta que meu pai era insubstituível para mim? E que eu gostaria de manter as coisas que lembrassem dele.

Abílio me estudava atentamente. Seu olhar sombrio era severo, seus lábios se repuxaram um pouco, quase em um sorriso. Isso inflamou a raiva que

pulsava nas minhas veias como uma coisa viva. Sustentei seu olhar por um tempo e comecei a me mover.

Enquanto me afastava, fiz uma promessa à memória de papai de que eu viraria aquele jogo.

Um barulho de cadeiras arrastando-se quebrou o silêncio, mas não me dei ao trabalho de olhar quem tinha se levantado. O ar dentro da casa se tornou sufocante, eu precisava sair dali o mais rápido possível. Eu estava procurando a chave do carro na gaveta do aparador, quando ouvi a voz de Abílio em tom de comando:

— Greg, ainda não terminei de falar com você.

— Não temos mais o que falar, pai. Minha resposta continua sendo a mesma.

Passei pela porta principal e desci as escadas de mármore branco, ciente de que Greg tentava me alcançar.

— Melinda! — Ouvi-o chamar meu nome e continuei andando.

Eu podia sentir seus passos firmes ecoando bem atrás de mim. Ele segurou meu braço desnudo, obrigando-me a parar e me virar para ele. No mesmo instante, encontrei seu olhar cravado em mim.

— Se quiser, posso te dar uma carona — ofereceu, solícito. — Não sei se é uma boa ideia usar o do seu pai. — Ele voltou seu olhar para a chave que eu tinha nas mãos.

*“Não pretendo usá-lo, Greg. Só quero garantir que ninguém mexa nele enquanto eu estiver fora”*, pensei, sorrindo fraco.

— Tem razão — concordei.

— Meu carro está logo ali. — Apontou com o queixo indicando onde seu carro de luxo estava parado.

— Obrigada, mas prefiro ir de táxi.

Livrei-me do seu toque e dei um passo para trás.

— Você está tão diferente. — Ele me encarou, hipnotizando-me com seu olhar. Tamanha era a intensidade que me senti desnuda, era como se ele enxergasse minha alma.

— Diferente, como? — indaguei, minha voz não soou firme como eu gostaria.

— Seus olhos tem um brilho diferente.

— E isso é bom?

— Não sei. É o que estou tentando descobrir — murmurou, com a expressão pensativa, parecendo um pouco distante, e desviou o olhar.

Aproveitei sua distração para analisá-lo por inteiro, percorri todo o seu corpo com o olhar. Ele vestia uma calça jeans de lavagem escura que se moldava às suas coxas e uma camiseta casual verde. Tudo nele era perfeito, mas o fato de ser filho do meu maior inimigo fazia tudo parecer errado.

— Quer jantar comigo? Passo às 20h para te pegar.

Quase ri de sua autoconfiança.

— Como pode ter tanta certeza de que irei aceitar? Eu não quero jantar com você, Greg. A única coisa que quero é que fique longe de mim.

Minha recusa o pegou desprevenido. A expressão em seu rosto denunciava que estava atordoado, pois era acostumado a ter as mulheres a seus pés, disputando sua atenção, ansiosas por um encontro.

Ele suspirou e colocou as mãos no bolso da calça. Girei nos calcanhares e obriguei minhas pernas a se moverem, ciente do seu olhar nas minhas costas.

Quando passei pelo portão, vi Abílio se aproximar e colocar uma mão no ombro do filho.

Onde ele estava antes que eu não o tinha visto?

Assim que entrei no táxi, o celular vibrou no bolso da calça. Levei o aparelho ao ouvido e logo escutei a voz de Amanda do outro lado da linha.

— Eu tentei te ligar tantas vezes, mas o celular só chamava. Esperei que fosse me ligar ontem, mandar uma mensagem, qualquer coisa. — A mágoa era perceptível em sua voz.

— Minha chegada foi um tanto conturbada.

— O que houve? — ela perguntou, atenuando subitamente a voz.

— Greg estava dando uma festa.

— Então você o viu?

Amanda ficou animada demais para o meu gosto.

— Infelizmente — falei firme, deixando claro que o assunto *Greg* estava acabado.

— Sua mãe deve estar em êxtase com sua chegada.

— Ela não pareceu nem um pouco feliz. Minha mãe não me parece a mesma pessoa.

— Talvez você pense isso porque nunca aceitou o fato de ela ter seguido em frente. Você também deveria fazer o mesmo.

— Não é isso, Mandy — bufei, sem paciência para discutir. — Sinto que há algo de errado com ela, mas não sei o que é.

O motorista olhou para mim pelo retrovisor interno. Desviei o olhar e recostei no banco de trás, voltando a me concentrar no que Amanda falava.

— O Sean está inconsolável com sua partida.

Sorvi o ar, sentindo o coração martelar e uma dor ameaçou se instalar no meu peito. Eu também sentia a falta dele.

— Mandy…!

— Eu sei — disparou ela, interrompendo-me. — Eu sei, você não quer falar. Você nunca quer falar.

— Também estou sofrendo por tê-lo deixado. O Sean é o melhor cara que já conheci.

— Mas isso não foi o suficiente para que você o amasse.

— Não, não foi. Pelo menos não da forma que ele merecia.

Enquanto falava com Amanda, de quando em quando o motorista olhava pelo retrovisor. Parecia inquieto. Girei o corpo. Pelo parabrisa traseiro, vasculhei o trânsito com o olhar. Não consegui identificar nada de anormal no meio daquela infinidade de carros.

Quando saltei do táxi, o motorista logo arrancou o carro, como se estivesse com pressa de se livrar da corrida.

Andei até a entrada do imponente prédio com fachada de vidro à minha frente e empurrei as portas duplas. Dispensei o elevador, uma vez que o escritório do advogado ficava no segundo andar.

O olhar da recepcionista me encontrou assim que passei pela porta e deu um enorme sorriso ao me aproximar.

— O Dr. Freitas está me aguardando. Sou Melinda Becker.

Ela direcionou o olhar para a tela do computador.

— Sim. Ele está. Só um instante.

Ela se levantou. Atravessando o pequeno espaço, alisou seu vestido azul de corte bem marcado, passou as mãos pelo cabelo loiro, que mantinha bem preso em um rabo de cavalo, e bateu na porta com o nó dos dedos.

— A sua cliente já está aqui — informou ela, ao enfiar a cabeça pelo vão da porta.

— Mande-a entrar — respondeu.

Pela voz grave logo criei uma imagem mental de um homem com a idade já avançada.

A recepcionista abriu totalmente a porta e sinalizou para que eu entrasse.

Do outro lado da porta, um par de olhos atentos me observavam. O homem à minha frente era muito diferente do que eu tinha imaginado. Bem

jovem ainda, deveria ter no máximo uns trinta anos. Tinha cabelos castanhos e espessos, que fazia consonância com a pele alva do rosto. A barba cerrada dava a ele um aspecto sério. Os músculos do seu braço estavam bem marcados na camisa branca. Era lindo.

Corri os olhos pela sala para confirmar que era ele o advogado que me esperava.

Seus lábios se abriram em um sorriso que iluminou seu rosto inteiro.

— Melinda. — Ele estendeu sua mão e, ao apertá-la, senti algo acolhedor naquele contato. — Sente-se.

Ocupei a cadeira à sua frente, ainda observando-o.

— O senhor gostaria de falar comigo, então aqui estou.

— Pode me chamar de Daniel.

Arqueei a sobrancelha em confusão. O sorriso em seu rosto se expandiu.

— Eu tinha um horário marcado com o Dr. Eduardo Freitas. Desculpe, devo ter cometido algum engano.

— Sou eu, Daniel Eduardo Freitas. Pedi que viesse porque queria entregar a cópia dos documentos do seu pai que estão em minha posse.

Daniel abriu uma gaveta, retirou uma pasta e estendeu para mim. Folheei os documentos rapidamente, um pouco desconfiada. Se eram autênticos, por que, nesses anos todos, a diretoria da empresa não tinha descoberto que sou a sócia majoritária?

Ergui o olhar em sua direção.

— Por que guardou essa informação por tanto tempo? Já faz quase sete anos que meu pai foi… morreu — corrigi-me, quando percebi o que eu ia dizer.

— Não consegui te entregar antes. Tentei todos esses anos entrar em contato com você, mas foi em vão. Cheguei a ir a mansão de sua mãe, mas minhas desculpas não a convenceram a me passar seu telefone. Te procurei

também nas redes sociais, sem sucesso. Acho que você não queria ser encontrada.

*"Você está certo, eu queria que as pessoas esquecessem da minha existência".*

— Eu não uso redes sociais. Onde estão os documentos originais?

— Eu não sei.

Daniel se levantou, colocou as mãos nos bolsos da calça cinza elegante e se aproximou da janela.

Tirando uma mecha de cabelos que caíam sobre seus olhos verdes, ele se voltou para mim.

— Onde você acha que seu pai guardaria documentos tão importantes?

*“Em um cofre”*. Foi o primeiro pensamento que me ocorreu. *“Temos um cofre no escritório.”*

— Acredito que conseguirei encontrar. Se for necessário, posso confirmar a autenticidade deles indo ao cartório.

— Sim, sei que conseguirá.

Intrigada com aquela situação, analisei-o atentamente, buscando nele algum sinal de que ele me oferecia perigo ou que estivesse me enganando.

— Por que exatamente você está tão empenhado em me ajudar, Daniel? — Minha pergunta o pegou de surpresa.

— Sou seu advogado, Melinda — respondeu calmamente.

—Por que razão ele estaria tão empenhado em me ajudar?

— O último pedido que Rudolf me fez foi que te ajudasse em tudo que fosse preciso. E quero honrar o pedido dele.

— Por que meu pai te pediu isso?

— Eu fui o advogado responsável para tratar da partilha dos bens, ou seja, a melhor pessoa para te instruir.

Suas palavras não me convenceram. A expressão presente em seu semblante denotava que ele sabia muito mais daquela história.

— Você disse partilha? Isso não faz sentido já que o inventário saiu só agora.

— Seu pai fez uma partilha em vida. Mas é obrigatório deixar um porcentagem de bens e são esses que entraram no inventário.

— E os seus honorários? Não sei se posso te pagar — balbuciei.

— Você é Melinda Becker. A herdeira do império Becker.

— Às vezes, até me esqueço disso. Nos últimos anos, fiz de tudo para esquecer que sou uma Becker e o peso que meu sobrenome possui. Tudo que eu queria era meu pai de volta. Estava disposta a abrir mão de tudo isso, até receber sua ligação — murmurei, sentindo as lágrimas arderem em meus olhos.

— O que mudou depois que te liguei?

Abri a boca para responder e parei quando percebi que estava me abrindo com alguém que eu tinha acabado de conhecer.

Desviei o olhar, pensando na forma certa de dizer, mas não sabia se existia uma forma certa. Eu não podia falar que queria fazer Abílio pagar por algo que talvez só existisse na minha cabeça.

Levantei-me e andei até ele. Naquele momento, só queria ir para casa procurar o documento. Estendi-lhe a mão e ele a prendeu entre a sua, com um ar de sofisticação e masculinidade.

— Obrigada, doutor …

— Daniel — balbuciou, corrigindo-me.

— Obrigada, Daniel. Foi um prazer te conhecer.

— O prazer foi meu, Melinda.

Ele soltou minha mão e andou de volta para sua mesa. Fixei meu olhar na vidraça e observei a avenida. Em meio à confusão de carros que passava,

focalizei um carro preto. Era impossível não reconhecê-lo.

*“Greg? O que ele faz aqui?”*

— Aqui está meu número. Me ligue quando precisar — disse ele, chamando minha atenção para si.

Peguei o cartão que ele oferecia e guardei na bolsa junto com a pasta.

— Ligo, sim.

— Tem um restaurante ótimo aqui ao lado, você poderia ir almoçar comigo.

O convite me pegou de surpresa. Apertei os olhos pensando em uma resposta. Seu semblante sério denotava que ele só queria me manter ali por mais tempo.

— Fica para outra ocasião. Agora preciso ir.

— Okay — anuiu, contrariado. — Nos vemos amanhã.

Sem pensar direito no que ele disse, concordei com um meneio de cabeça e saí pela porta. Naquele momento, queria chegar o mais rápido possível na rua e descobrir por que Greg me seguiu até ali.

Desci as escadas pulando de dois em dois degraus até o andar inferior e, por pouco, não tropecei com meus sapatos. Quando cheguei à rua, percorri tudo com o olhar. O carro não estava mais lá.

Apertando a bolsa contra o corpo, entrei em casa. Como em outros tempos, não se via mais a movimentação dos empregados. Até o momento, eu não tinha visto nenhum. Meu estômago roncava, afinal já estava há um bom

tempo sem comer. Quando tinha sido minha última refeição? Eu nem me lembrava direito, no entanto estava ansiosa demais para analisar os documentos com calma. Fui direto para o quarto, tomando o cuidado de trancar a porta.

Deslizei os pés para fora dos sapatos e me sentei na cama, com os joelhos flexionados. Peguei a pasta de dentro da bolsa, aquilo parecia queimar minhas mãos. Fiquei olhando-a por um bom tempo. Respirei fundo, buscando coragem, e a abri.

*"Você sabe o que isso significa, Melinda?"*, perguntei-me enquanto folheava os papéis para me lembrar de que meu pai tinha confiado a mim uma grande responsabilidade e eu não iria decepcioná-lo. Além das ações, meu pai havia me deixado um apartamento e aberto uma conta em meu nome em um banco.

*"Se o meu pai pensou em todos os detalhes, então ele já sabia que ia morrer."*

Naquele momento, um turbilhão de pensamentos me sobreveio em tal velocidade que foi difícil ordená-los.

Guardei os documentos no fundo da minha mala e deixei o quarto rumo ao escritório. Quando a maçaneta girou sob meus dedos, meu coração retumbou no peito, como se eu estivesse entrando em uma aérea proibida. Eu não reconhecia mais aquela casa como sendo minha, não reconhecia aquele lugar. A estante de livros não existia mais, no seu lugar foram colocados um sofá de couro cru e um bar.

Meu olhar parou no quadro na parede que ocultava o cofre. Sustentei-o com as duas mãos, mas era muito grande e pesado.

— Merda! — praguejei baixinho e subi no sofá para tentar removê-lo.

— O que você está fazendo, Melinda? — Ouvi a voz de mamãe atrás de mim e larguei o quadro.

Encarei-a, pensando em uma resposta.

— Estou procurando algo que me pertence.

— Não tem nada seu aí — replicou, com a feição visivelmente irritada. — Por que está mexendo nas coisas de Abílio?

Ela estava histérica, a voz soando uma oitava acima, deixando-me enojada, por ser tratada como uma intrusa na minha própria casa.

— Estou mexendo nas coisas do meu pai. Pelo que eu saiba, o Abílio não tem nada aqui, nunca teve. Vocês são dois aproveitadores — disse eu, reunindo os últimos vestígios de desafio, a raiva consumindo-me pela rejeição evidente à minha chegada.

— Não sei do que está falando, Melinda. Agora venha, saia do escritório de Abílio.

— Se tivesse algo meu aqui, você nunca me diria, não é mesmo? — acusei e desci do sofá.

Seu rosto se endureceu, tornando-se sombrio e inquietante.

— O que você está insinuando, Melinda? — falou, com os dentes cerrados, dando um passo na minha direção e ergueu a mão na frente do meu rosto.

Meus olhos se arregalaram com o choque. O ar ficou suspenso e preso nos meus pulmões. Ela pareceu hesitar, como se estivesse travando uma batalha interna. Seus braços caíram ao lado do corpo, ela piscou e olhou para o chão.

Soltei o ar e dei um passo para trás.

— O que você ia fazer, mãe? — As palavras ficaram presas na minha garganta. Falar me exigia muito esforço. — Pretendia me bater? — Ela apenas balançou a cabeça e cobriu o rosto com as mãos.

Uma mistura de tristeza e raiva me tomou. Enxuguei uma lágrima que ameaçava escapar dos meus olhos. Saí do escritório e fui para o meu quarto. Minutos depois, saí de lá arrastando minha mala. Encontrei minha mãe ao pé da

escada, seus cabelos tinham alguns fios fora do lugar e seus olhos estavam vermelhos. Ela tinha no rosto o mesmo olhar estático e vazio da noite em que meu pai morreu.

— Você está indo embora? — indagou, quando passei por ela.

— Estou. — Suspirei.

— Melinda, você entendeu errado, eu… — Ela lutava para encontrar as palavras.

Coloquei a mala de mão no chão e andei até parar à sua frente. Pegando-a de surpresa, envolvi seu corpo em um abraço. Ela ficou sem reação por alguns segundos, mas em seguida retribuiu o gesto. As lágrimas que estavam presas na garganta irromperam pelos meus olhos e escorreram em minha bochecha.

— Te amo, mãe.

Era verdade. Apesar de que nunca conseguiria me livrar da desconfiança de que ela era cúmplice na morte do meu pai, eu nunca pude odiá-la. E isso me fazia ter raiva de mim mesma.

Suas mãos tocaram meu rosto em uma carícia, no entanto nenhuma palavra escapou dos seus lábios. Afastei-me dela e segurei a alça da mala.

— Melinda, você não precisa ir.

— Preciso.

*“Foi um erro ter vindo aqui. Se eu ficar, essa será só a primeira de muitas brigas que teremos.”*

Quando saí pela porta, o *Jaguar* de Greg parou a alguns metros. Ele saiu do carro. Meu coração falhou algumas batidas ao vê-lo correr em minha direção para se proteger da chuva que caía.

— Me diga que entendi errado, e você não está indo embora — disse ele, parando ao meu lado.

— Você não entendeu errado, estou indo embora dessa casa — rosnei, sem disfarçar o quanto eu estava irritada.

— O que aconteceu? — Eu o ignorei e comecei a me mover. Ele se colocou em minha frente, bloqueando o caminho. — Ainda não me respondeu.

— As coisas mudaram, eu mudei, por isso estou indo procurar um hotel até arrumar um lugar para ficar.

— É muito difícil para você estar aqui, não é mesmo? Ainda sente muita falta do seu pai.

— Nunca vou parar de sentir.

— Eu sei. Também sinto falta de minha mãe. Tem dias que é quase insuportável. — Ele tinha uma expressão de dor em seu rosto. Sua mãe tinha morrido em decorrência de um mal súbito. — Pode ficar no meu apartamento se quiser.

— Não, obrigada — respondi com um sorriso irônico nos lábios. — Seria bem cômodo para você, assim não precisaria me seguir. — Ele arqueou as sobrancelhas e buscou meus olhos. — Por que estava me seguindo, Greg?

— Não sei do que está falando.

— Quando saí mais cedo, você me seguiu. — Apontei o dedo para o seu peito. — Por que o interesse em saber para onde fui?

Seu olhar ficou sombrio, parecia pensativo.

— Realmente não sei do que está falando.

— Era o seu carro. Eu vi… — Parei de falar no momento em que ouvi a porta abrir e o barulho de saltos no chão. Olhando por cima do ombro, vi minha mãe se aproximar.

— Melinda! — ela gritou.

Antes que eu me desse conta do que estava fazendo, pus-me em movimento. A chuva forte encharcava minha roupa, meu cabelo grudava no meu rosto, no entanto isso não me importava, tampouco os gritos de Greg e mamãe pedindo-me para esperar.

O portão se encontrava poucos metros à frente, quando ouvi um barulho de motor. O carro de Greg passou ao meu lado em baixa velocidade. O vidro desceu rapidamente com um zumbido, revelando seu rosto.

— Entre no carro. Levo você — gritou.

— Eu já disse que não vou a nenhum lugar com você — rosnei entre dentes e continuei andando.

Greg saiu do carro, bateu a porta com força, correu ao meu encontro, segurando a alça de minha mala, a ergueu no ar e voltou para o *Jaguar*. Avancei em sua direção, disposta a recuperá-la. Trinquei os dentes ao vê-lo abrir a porta traseira e colocá-la sobre o banco.

— Você não ouviu o que eu disse? — gritei, deixando a raiva me dominar.

Um relâmpago cortou o céu, seguido de um estrondoso trovão. Dei um pulo no lugar.

— Não seja teimosa. Está ficando toda molhada.

Ele abriu a porta do carro e me impulsionou para dentro. Eu lutava com a maçaneta tentando sair. Ele entrou rapidamente, ocupou o banco do motorista e

deu partida no motor. Encarei-o com os lábios crispados e soltei um longo suspiro.

— Você não deveria estar trabalhando ao invés de ficar me perseguindo? Não é o vice-presidente da empresa? — Minha voz parecia um rosnado quando as palavras escaparam de meus lábios.

— Não. Pedi afastamento do cargo, só falta a diretoria acatar — respondeu com uma voz serena.

— Por quê?

Ele desviou o olhar e se concentrou de novo na pista à sua frente. Obviamente, não iria responder minha pergunta.

— Acho que deveria ter ouvido o que sua mãe tinha para te falar. Ela sofreu muito com sua ausência — proferiu, quando paramos no primeiro semáforo.

Dei um sorriso forçado.  No fundo, eu torcia para que suas palavras fossem verdadeiras, mas não eram. Minha mãe nunca me visitou em Los Angeles, nunca questionou quando eu não vinha nas férias.

— A quem você está tentando enganar? — Fixei os olhos na janela. — Você viu a forma que ela me recebeu.

— Acredite, ela sente sua falta. — Ele segurou minha mão. Quando seus dedos encostaram em minha pele, um arrepio percorreu meu corpo. Livrei-me do seu toque no mesmo instante. — Às vezes, eu me pegava com vontade de entrar em um avião e ir te ver.

Achei que meus ouvidos estivessem me traindo. Virei-me em sua direção, ele me olhava fixamente. O que vi em seu olhar me assustou. Tive medo de, em algum momento, acreditar que ele me desejava.

— Você morou em Cambridge por muitos anos. Por que não foi? — Minha voz soou como um lamento.

— Então você gostaria que eu tivesse ido?

Ele estava tentando me capturar na minha própria teia, usando minhas palavras contra mim.

— Eu não disse isso. Estou dizendo que não acredito em você.

Ele riu, claramente não tinha acreditado na minha resposta.

— Para onde quer que eu te leve? — perguntou, exibindo no rosto um sorriso debochado.

— Não sei. Preciso tentar uma vaga em algum hotel.

— O convite para ficar no meu apartamento ainda está de pé. — Eu o olhei de cara feia. — Não irei te atacar. Relaxe. — Seus lábios diziam uma coisa e seus olhos transpareciam o contrário. — A menos que você queira — Sua voz era quase inaudível.

— Só quero que fique longe de mim — grunhi, irritada. — Será que pode fazer isso?

— Não, não posso. Você precisará se esforçar muito para me afastar de você.

Ele parecia muito convicto do que dizia. Vi-me incapaz de articular qualquer palavra. Uma onda de pânico começou a se formar dentro de mim. Um alerta ressoou em minha mente, dizendo-me para ficar o mais longe possível dele.

— Como vice-presidente e responsável por muitos projetos, você não deveria usar um carro do nosso catálogo ao invés de um da concorrência?

Ele sorriu torto, de uma forma estonteante, deixando-me arrepiada. Algo dentro de mim se agitou. Desviei os olhos, sentindo-me uma estúpida.

— Gosto muito desse carro. Mas tenho um *Flora*, que foi lançado na Alemanha este ano. As fábricas *Becker* no Brasil não produzem super carros.

— O carro que você projetou em homenagem à sua mãe.

Seu olhar capturou o meu. Foi impossível não me prender e me perder em sua profundeza. Mesmo quando seus olhos assumiram uma expressão sombria e triste.

— Isso — confirmou com um fio de voz.

Voltei a olhar a rua pelo vidro escuro. A chuva caía sem piedade, as pessoas andavam apressadas, desviando umas das outras, enquanto nós estávamos presos no congestionamento de São Paulo.

Meu estômago roncou, lembrando-me que ainda estava vazio.

— O que acha de irmos até meu apartamento? Enquanto você come alguma coisa e tira essa roupa molhada, ligo para os hotéis procurando uma vaga. Acho que seria uma perda de tempo irmos de hotel em hotel. Seria melhor você ligar.

Hesitei por um momento. Greg franziu a testa, esperando por uma resposta.  Foi difícil para mim admitir, porém ele tinha razão.

— Está bem — sussurrei, um pouco desconcertada.

— Não ouvi direito. O que disse?

— Eu disse que aceito ir ao seu apartamento — praticamente gritei.

Um enorme sorriso se desenhou em seus lábios. Fechei a mão em punho com vontade de socar seu rosto até desaparecer aquele sorriso presunçoso.



Assisti com expectativa o portão correr nos trilhos. Um pouco de sobriedade atravessou minha mente, advertindo-me de que estava cometendo um erro. Antes que eu pudesse ter qualquer reação, Greg avançou com o carro para dentro da garagem e estacionou ao lado de um *Aston Martin*. Ele desprendeu o

cinto e desceu. Contornou por trás do carro, abriu a porta para mim e estendeu a mão.

— Você não vem? — perguntou ao perceber que não movi um músculo.

Soltei um longo suspiro, então segurei a mão estendida, quando sua pele tocou a minha, senti uma pequena chama espalhando-se por meu corpo. Larguei sua mão imediatamente e dei um passo para longe dele. Vi-o abrir a porta traseira e tirar minha mala.

— O que você está fazendo? — indaguei, com os lábios tremendo um pouco por causa do frio.

— Achei que fosse precisar para se trocar. — Apontou para a roupa colada em meu corpo. — Se quiser, pode vestir uma das minhas.

— Suas roupas não cabem em mim. Você é muito maior do que eu.

Olhei-o de alto a baixo para confirmar o que eu tinha dito. Não pude deixar de notar o quanto estava bonito com uma blusa branca que ia um pouco mais acima da metade de suas coxas grossas, calça da mesma cor e um casaco preto, curto na frente e um pouco mais longo atrás.

— Minhas camisas ficariam perfeitas em você.

Greg segurou meu braço, como se temesse que eu fosse fugir, e pôs-se em movimento, obrigando-me a segui-lo. As luzes se acendiam conforme andávamos pelo estacionamento.

Ele acionou o botão. As portas duplas do elevador se abriram, ele as segurou para que eu pudesse entrar e me seguiu. Encostei-me à parede metálica, ciente de que ele estava bem ao meu lado. Eu poderia tocá-lo caso esticasse a mão. Naquele pequeno espaço, seu cheiro másculo ficou ainda mais presente.

Depois de dois andares, o elevador parou. A expressão relaxada que Greg sustentava segundos antes tinha desaparecido completamente. Acompanhei seu olhar, minha boca se abriu um pouco ao ver Daniel entrar, acompanhado de uma mulher.

— Melinda, que bom reencontrá-la — disse Daniel, com um sorriso travesso em seu rosto. — Senhor Montenegro. — Sua voz soou gélida, mas educada. Greg se limitou a responder com um aceno de cabeça. Sua expressão relaxada de antes já não existia mais. Seu maxilar estava cerrado, em claro sinal de tensão. — Veio visitar seu meio-irmão? — perguntou Daniel, aproximando-se de mim mais do que o necessário.

— Não somos meios-irmãos — Greg e eu respondemos em uníssono.

A mulher, que até então alternava o olhar entre Greg e Daniel, me olhou de relance e crispou os lábios que tinham somente resquícios de um batom vermelho.

O elevador parou com um estalo. Antes que eu pudesse me esquivar, Greg colocou o braço em meu ombro, conduzindo-me para fora e colou o corpo às minhas costas, como se quisesse me esconder do olhar de Daniel.

— O que há com você? — indaguei assim que pisamos no corredor.

— De onde você conhecesse aquele cara? — murmurou, sem dirigir-me o olhar e começou a andar pelo corredor.

— Tem certeza de que você não sabe de onde o conheço? — inquiri, seguindo-o de perto.

É claro que ele sabia, afinal tinha me seguido até o escritório de Daniel.

Greg tirou uma chave do bolso e colocou-a na fechadura.

— Você sabe que ele a estava fodendo, não sabe?

Minha primeira reação foi querer rir, no entanto me contive.

— Sei. Sei que você também já a fodeu... — A palavra soou estranha nos meus lábios. — … em alguma ocasião e por isso os dois estavam tentando bancar o macho alfa.

— Meu Deus, Melinda! — exclamou com incredulidade.

— Se não é isso, então me diga qual o motivo — desafiei.

Uma parte de mim acreditava que Greg estivesse com ciúmes e a outra parte a repudiava por estar feliz com isso.

Ele baixou o rosto e me encarou. Parecia se esforçar para encontrar as palavras certas.

— Bem, chegamos — disse, abrindo a porta diante de nós. — Seja bem-vinda e fique à vontade.

Ele acionou o interruptor e sinalizou para que eu entrasse. Assim que passei, ele fechou a porta atrás de mim. Eu o vi sumir por um minúsculo corredor, arrastando minha mala.

Ainda paralisada no lugar, corri os olhos pela sala. Era pequena, mas bastante aconchegante, sem muitos móveis e decoração. Então a realidade me sobreveio. Eu estava com ele, no apartamento dele. Meu coração se agitou no peito e o ar ficou preso na garganta.  Eu estava fazendo tudo errado.

*“Você não teve escolha”*, pensei, tentando arrumar uma justificativa por ter cedido.

— Vou preparar algo para você comer. — Tive um sobressalto, pois não o tinha visto se aproximar. — Agora vá tirar essas roupas molhadas antes que pegue um resfriado. — Apontou para o corredor, onde ele tinha sumido antes. — Se quiser tomar um banho quente, no armário do banheiro tem toalhas limpas e sabonetes — disse, dirigindo-se para a cozinha americana. Seu cabelo estava preso em um coque e ele tinha trocado de roupas.  Vestia uma calça preta e uma camiseta cinza.  — O que você gostaria de comer?

— O que você preferir.

Um sorriso pervertido se desenhou em seus lábios, revirei os olhos e segui pelo corredor parando diante de uma única porta. Constatei que o apartamento só tinha um quarto. Um pouco temerosa por estar entrando no quarto dele, girei a maçaneta. Era bem arrumado. Em um canto, tinha um sofá marrom, uma cama de casal enorme e um armário embutido branco.

Tomei um banho rápido, vesti um moletom, uma camiseta branca e deixei o quarto.

— Oi, pai! — Estaquei imediatamente quando ele pronunciou a palavra pai, cruzando a sala. De relance, o vi parar diante da janela envidraçada e colocar a mão no bolso. — Não, eu não sei onde a Melinda está. — Fez uma pausa por alguns segundos. Quando voltou a falar, o tom de sua voz estava alterado. — Sim, sim. Realmente, a levei até o ponto de táxi na rua Afonso Braz, mas não sei para onde ela foi. O que você quer com ela? — Fez-se outro silêncio. — Se a mãe dela está preocupada, por que não liga para ela? Está bem, pai. Boa noite!

Seus passos tornaram-se audíveis, então, voltei rapidamente para o quarto. Assim que se distanciaram, saí do meu esconderijo, perguntando-me por que ele tinha omitido meu paradeiro.

No momento em que coloquei os pés na sala, seus olhos me encontraram, e os manteve fixos em mim até que me aproximei e me encostei na ilha de mármore.

— O que você está cozinhando? — perguntei, inalando o cheiro delicioso que se exalava pelo ambiente.

Arrastei uma banqueta e me sentei.

— Arroz de panela de pressão e salada verde.

Ele se virou e continuou a mexer em algo sobre a pia. Esquadrinhei seu corpo com o olhar, demorando-me em suas costas largas. Ele girou a cabeça vagarosamente, desviei o olhar a tempo de não ser pega observando-o e focalizei na janela. Os raios do lado de fora cortavam o céu e as luzes penetravam pelas cortinas.

Um trovão ressoou assustadoramente alto, chacoalhando as janelas. Sem nenhum aviso as luzes se apagaram, arrancando-me um grito.

Ouvi um risinho abafado e girei a cabeça de um lado a outro, tentando localizar Greg na escuridão que dominou o ambiente.

— Está tudo bem, Melinda? — Sua voz soou um pouco distante.

— Sim. Onde você está?

— Estou tentando me lembrar onde guardei as velas.

Por alguns instantes, escutei o som de gavetas sendo abertas. Até que uma pequena chama avermelhada apareceu na minha frente.

— Não poderíamos ter começado da melhor forma, um jantar a luz de velas — balbuciou.

Sua voz sexy e rouca penetrou meus ouvidos, fazendo minha pulsação acelerar.

Depois de colocar os pratos e a comida sobre o mármore, Greg se sentou ao meu lado. Comíamos em silêncio e, por mais que eu tentasse, não conseguia parar de prestar atenção nele.

— Meu pai ligou — murmurou, quebrando o silêncio. — Sua mãe está preocupada com você e queria saber onde você está.

— O que você disse? — Fiz-me de desentendida.

— Eu disse que não sabia de você. — Arqueei a sobrancelha, e ele continuou. — Não sabia se você ia querer que soubessem que passará a noite comigo. — A dualidade implícita em suas palavras fez meu rosto corar.

Agradeci por estarmos quase no escuro e ele não poder me ver naquele momento.

— Eu não passarei a noite com você.

— Não há nenhuma condição de você sair. Lá fora deve estar um caos.

— Não. — Balancei a cabeça efusivamente.

— Não seja teimosa. — Ele tirou uma mecha de cabelo úmido que grudava em meu rosto e me obrigou a olhar para ele.

Fui sugada pela imensidão verde que era seu olhar, por mais que quisesse, não conseguia desviar os olhos.

— Isso está errado — sussurrei, mal conseguindo deixar as palavras saírem.

De repente, seu rosto ficou muito próximo.

— Não tem nada de errado, Melinda — murmurou.

Sua boca roçou minha orelha, provocando em mim um arrepio delicioso. Fechei os olhos brevemente. Seu cheiro entrou por minhas narinas, espalhando-se por meu sistema como um veneno letal. Senti sua respiração na minha pele. Fixei o olhar em seus lábios vermelhos e convidativos, e meu coração bateu descompassado contra a caixa torácica. Uma voz gritou em minha mente, era o meu lado racional advertindo-me de que ele estava prestes a me beijar. E, o pior de tudo: eu queria ser beijada por ele.

Por mais que eu quisesse, não conseguia parar de olhar para Melinda. Meus lábios ficaram a poucos centímetros dos seus, podia sentir sua respiração e o hálito quente. Seu olhar pousou em minha boca, ela parecia presa naquela mesma bolha que eu.

Segurei sua nuca, pronto para beijá-la, desejando sentir o gosto dos seus lábios Parecendo despertar de um transe, Melinda levantou-se bruscamente, arremessando a banqueta para trás. No momento em que tocou o chão, o barulho ensurdecedor reverberou no ambiente.

— Desculpe, não tive a intenção — balbuciou, abaixando-se para recolocá-la no lugar. — O jantar estava delicioso. Obrigada.

— Mel — sibilei em tom de súplica ao mesmo tempo em que segurava seu braço. Minhas mãos deslizaram por sua pele, provocando nela um pequeno estremecimento.

— Não. — Não sei se falava para mim ou para si mesma.

Frustrado. Foi assim que me senti ao ver Melinda afastando-se. Eu já tinha esperado tanto para sentir o gosto dos seus lábios que suspirei inconformado, ao ver a oportunidade escorregando por entre meus dedos. Nenhuma mulher tinha fugido das minhas investidas, Melinda sequer me dava tempo para começar.

— Merda!

Ouvi seu grito, seguido do barulho de um vidro espatifando-se, levantei-me apressado e fui até o quarto com a vela nas mãos. Fiquei um tempo observando-a, perto o suficiente para poder vê-la. Ela tinha as mãos no rosto e seus longos cabelos loiros caídos para frente.

— Melinda — proferi devagar, aproveitando a sensação de ter seu nome

em meus lábios. Ela me encarou com seus profundos olhos azuis que pareciam confusos. — Você se machucou?

— Estou bem — respondeu, e suas palavras não me passaram confiança.

Na verdade, eu sabia que havia algo de errado com Melinda desde o primeiro instante em que coloquei meus olhos nela. Alguma coisa que me fazia querer colocá-la em meu colo e protegê-la. Meus olhos capturaram o exato momento em que ela correu a língua pelos lábios, e aquilo pareceu ter uma conexão exata com minha virilha. Meu pau pulsou dentro da cueca box e empurrou a calça de moletom.

— Só preciso sair daqui. O que sua namorada irá pensar quando souber que passei a noite no seu apartamento?

Coloquei a vela em cima do criado-mudo e cruzei o quarto em direção à sacada. Puxei a cortina bruscamente, pois meus pulmões ansiavam por ar. Lá fora, a chuva caía sem dó.

— Ela não irá pensar nada, porque eu não tenho uma namorada — sussurrei, temendo que minha voz entregasse o quanto eu estava excitado.

Mesmo que minha vontade fosse jogá-la na cama e fazer amor com Melinda, sabia que precisava ir devagar com ela. Meus lábios se abriram em um sorriso quando me dei conta da ironia dos meus pensamentos. Desde quando eu fazia amor? Desde quando eu ia devagar?

— E a garota que…? — Parou de falar. Emitiu um longo suspiro e, mesmo com a fraca iluminação, vi quando mordeu os lábios, e aquilo piorou ainda mais minha situação. Minha mente imediatamente criou imagens dela nua, mordendo os lábios daquela forma, comigo entre suas pernas. — Ah, verdade, pessoas como você não namoram. — Pude sentir um resquício de rancor em sua voz.

— Verdade, meus relacionamentos são puramente sexuais.

Cobrindo o volume na minha calça com a mão, fui até o armário e peguei

algumas peças de roupas.

— Aonde você vai? — ela perguntou.

— Vou tomar um banho. Por que não aproveita para dormir um pouco?

— Você não tem um quarto de hóspedes e eu não vou dormir com você… *nunca* — enfatizou a última palavra. Mal sabia Melinda que eu já tinha determinado que ela seria minha. E que eu não desistia fácil do que queria.

— Eu durmo no sofá.

— Tem certeza? O sofá é muito pequeno para você.

— Não se preocupe. Ficarei bem.

Encaminhei-me para o banheiro e logo arranquei a camisa e a calça, jogando-as longe. Liguei a água fria e segurei meu pau ereto que latejava. Encostei a testa no azulejo e iniciei um lento movimento de vai e vem. Fechei os olhos, desejando estar dentro dela. Imagens de tudo que eu queria fazer com ela invadiram minha mente. Os movimentos dos meus dedos ficaram mais intensos. Mordi o punho para sufocar os gemidos que ameaçavam escapar. Um estremecimento tomou meu corpo por inteiro e gozei sussurrando o nome dela entre os dentes.

Quando voltei, o quarto estava em completa escuridão. Tateei até encontrar o armário e abri a gaveta que guardava as cuecas samba canção. Peguei a primeira peça que meus dedos tocaram e a vesti.

— Melinda — chamei baixinho, temendo que ela estivesse adormecida. A resposta veio do outro lado do quarto. Um relâmpago cortou o céu, iluminando sua silhueta. — Por que você ainda não está dormindo?

Ela demorou para responder e, quando o fez, sua voz era apenas um sussurro.

— Às vezes, tenho pesadelos horríveis e por causa disso costumo deixar uma luz acesa. A vela acabou.

Ouvi seus passos e em seguida o farfalhar dos lençóis.

— Quer que eu fique até você conseguir dormir?

Antes mesmo que ela respondesse, sentei-me na cama e recostei a cabeça na cabeceira.

— Não precisa. Você deve estar cansado. Acredito que não tenha dormido muito depois da festa.

— Não se preocupe comigo. Durma.

Ficamos em silêncio por um momento, o único som audível era o da nossa respiração.

— O que você pensou na época em que nossos pais se casaram? Nunca tive a oportunidade de te perguntar.

— Fiquei muito surpreso. Eu não esperava.

Era verdade. Depois das coisas horríveis que meu pai fez com minha mãe, eu não esperava que um dia alguma outra mulher fosse se interessar por ele. Trinquei os dentes quando as lembranças tão vívidas retornaram como um espectro em minha mente.

— Que a minha mãe se casaria não foi nenhuma surpresa para mim. A única surpresa foi a pessoa que ela escolheu para ser seu marido.

— Quando você voltará para Los Angeles? — Aproveitei que ela parecia disposta a falar e externei a dúvida que estava me atormentando. Precisava saber quando tempo ainda tinha com ela.

— Não pretendo voltar — respondeu em um tom enigmático.

Sua resposta me pegou de surpresa.

— Então quando disse que pretende encontrar um lugar para ficar estava falando sério? — proferi, tentando me convencer de que aquilo era mesmo real.

— Estava.

— Sabe que poderá contar comigo para o que precisar.

— Pode me ajudar indicando um bom mecânico.

— Você está mesmo pensando em usar aquele carro do seu pai?

— Ainda não sei, mas de qualquer forma quero mandar dar uma olhada nele.

Voltamos a ficar em silêncio e logo ela estava dormindo, ressonando baixinho. Escorreguei para o colchão e me aproximei, desejando ver seu rosto enquanto dormia. O cheiro da sua pele e seus cabelos invadiram meus sentidos. Ela se mexeu com minha proximidade. Fiquei imóvel, com medo de que ela acordasse. Seu braço foi parar em meu peito e suas pernas se entrelaçaram na minha. Tentei tirá-la de cima de mim. Ela se mexeu e se enroscou ainda mais, aninhando a cabeça em meu tórax. Sua respiração quente e ritmada em minha pele causava-me arrepios.

Meu pau despertou dentro da samba canção. Em vão, tentei afastá-la mais uma vez. Seria impossível dormir com seu corpo tão próximo ao meu. A preocupação em descobrir o que meu pai queria com ela também não me abandonava. Eu tinha quase certeza de que era ele que a tinha seguido. Por quê?

Coloquei a cabeça no travesseiro e fechei os olhos, torcendo para que ela aliviasse o aperto que havia se tornado garras em volta de mim.

Já havia passado um tempo e ela não se mexia. Aconcheguei-me a ela, aproveitando a sensação de ter seu corpo junto ao meu.

## *Melinda*

Abri os olhos devagar. O quarto estava parcialmente iluminado. Parecia ser cedo ainda. Tentei me virar na cama. Alguma coisa me prendia contra o colchão e minhas costas tocavam algo sólido e quente. Precisei de um minuto para entender o que acontecia. Sobressaltada, ergui a cabeça e olhei por cima do

ombro. *Meu Deus!* Greg dormia ao meu lado, com um braço ao redor de minha cintura. Sua ereção matinal cutucava minha bunda. Levei a mão à boca para conter o grito que ameaçava irromper em minha garganta.

Ergui seu braço com cuidado e saí da cama. Levantei-me e o encarei. O ódio tomou conta de mim, queria acordá-lo e confrontá-lo. Por que ele tinha feito aquilo?

Ele ronronou algo que não pude compreender e virou para o outro lado. O cobertor deslizou, deixando seu corpo à mostra. Meus olhos passearam por seu tórax, seu abdômen esculpido e pararam no volume na samba canção. A rígida ereção parecia querer escapar da cueca. Engoli em seco e fiquei ali parada, com meu queixo caído, incapaz de parar de olhá-lo. Desejei por um instante voltar para seus braços, mas meu lado racional me alertava para fugir.

Coloquei a ponta dos pés no chão, tomando cuidado para não fazer barulho e fui ao banheiro. Quando voltei, Greg ainda dormia com o cabelo cobrindo parcialmente seu rosto.

Andei até onde estava minha mala. Tentei erguê-la, mas era muito pesada. Arrastei-a devagar, ele se mexeu na cama. Imediatamente fiquei imóvel e minha respiração ficou suspensa por um segundo enquanto o observava. Abri a porta com cuidado, clamando internamente para que ela não rangesse. Ao me ver do lado de fora, soltei a respiração.

Eu me sentia um pouco tonta quando saí do apartamento de Greg. Um rapaz que esperava o elevador lançou-me um olhar discreto. As portas do elevador se abriram, então pude constatar que meu rosto estava péssimo, e meu cabelo, amassado. As roupas simples também não ajudavam muito.

— Melinda! — Ouvi alguém chamar meu nome, assim que saí do elevador.

Passos apressados me seguiam de perto. Continuei atravessando o luxuoso *hall* como se estivesse alheia, exalando uma calma fingida, mesmo que,

por dentro, o medo de que fosse Greg me impulsionasse a sair correndo. Uma mão repousou em meu ombro. Virei o rosto e encontrei Daniel, sorrindo para mim.

— Posso falar com você? — perguntou ele.

Hesitei por um momento.

— Podemos nos falar depois? Estou com um pouco de pressa agora.

— Não irei tomar seu tempo. — Ele diminuiu o tom de voz. — Você estará presente na lavratura da escritura do inventário? — Parei no mesmo instante e o encarei.

— Sim, irei. — Suspirei em desgosto quando me lembrei que não sabia o endereço e precisava ligar para minha mãe para perguntar. — Antes preciso encontrar um hotel para deixar essas malas.

— Você não gostou do apartamento? — Franzi a sobrancelha sem entender o que ele falava.

— Está se referindo ao apartamento do Greg? — Ele desviou o olhar, parecendo um pouco decepcionado.

— Não, não sabia que o Greg morava aqui. Vocês se dão bem, pelo jeito.

Fitei minhas mãos, tentando entender aonde ele queria chegar com aquilo. Pensei por um momento, procurando uma forma certa de responder, porém não sabia se existia uma forma certa.

— Nós nunca fomos muito próximo. — Foi o que consegui dizer. — Do que você está falando, então?

— Estou falando do apartamento que seu pai te deixou. Achei que tivesse vindo vê-lo. — Ele riu, não conseguindo esconder seu divertimento diante minha cara de surpresa.

— Ontem à noite, não reparei no nome do edifício. — Dei de ombros. — Adoraria ver o apartamento, mas não tenho a chave e acho que não dará tempo

de chamar um chaveiro.

— Seu pai deixou o apartamento aos cuidados do zelador. Se quiser, posso chamá-lo.

Suspirei, aliviada, poder usar o apartamento me pouparia o tempo de procurar um lugar para ficar.

— Okay! Agradeço a gentileza.

— Não precisa agradecer.

Ele caminhou até o interfone, discou o ramal e aguardou, enquanto me fitava com divertimento.

— Olá, sou eu, Daniel Freitas, preciso da chave do apartamento. Pode pedir para o zelador trazê-la, por gentileza? — Ele ficou em silêncio por um tempo. — Esse mesmo.

— Você também mora aqui? — perguntei, quando Daniel voltou para o meu lado.

— Eu estava visitando uma cliente e acabei ficando preso aqui com a falta de energia.

*“Você sabe que ele a estava fodendo, não sabe?”*

As palavras de Greg invadiram minha mente, e quase explodi em uma risada.

Ao lembrar-me dele, dirigi o olhar para o elevador, receando que ele fosse aparecer a qualquer momento.

— Você parece preocupada.

— Só estou imaginando como tudo correrá na lavratura da escritura do inventário.  Como será a reação da minha mãe — disse, ocultando minha real preocupação.

— Dará tudo certo. — Ele colocou uma mão no meu ombro.

— Você acha que é possível que ela não saiba que…? — Parei de falar ao

ouvir o som de uma voz masculina.

— Doutor Daniel.

— Pois não — disse ele, estendendo a mão para o homem que usava um uniforme azul e branco. — Essa é Melinda Becker, a dona do apartamento da cobertura.

O homem lançou-me um olhar desconfiado.

Fazendo um verdadeiro malabarismo com as coisas que tinha nas mãos, abri minha bolsa e tirei minha identidade.

— Tenho a escritura em algum lugar dentro da mala. Caso seja necessário, posso mostrá-la.

Ele olhou minha identificação rapidamente e a devolveu para mim.

— O doutor Daniel já tinha avisado que você viria. E me pediu para que deixasse tudo em ordem.

O homem tirou a chave do bolso e me entregou.

— Como você sabia que eu viria? — perguntei a Daniel, observando o zelador se afastar.

— Não imaginei que fosse mudar para cá, mas pensei que fosse querer vê-lo. — Percebi que ele ficou curioso em saber o que me levou a essa decisão, mas por algum motivo não perguntou. — Precisa de ajuda com as malas? — Neguei com um aceno de cabeça. — Então, já vou indo. Até mais tarde. — Deu alguns passos e se virou na minha direção. — Quer uma carona para ir na lavratura ou você está de carro?

— Vou pegar um táxi. Não precisa se incomodar.

— Não será nenhum incômodo. Passo às dez para te pegar.

Antes que eu pudesse protestar, ele voltou a se mover e passou pelas portas automáticas.



Para um apartamento que não era habitado havia anos, esperava encontrar um lugar com uma sensação fantasmagórica. No entanto, não foi o que aconteceu. Apesar dos poucos móveis — que pareciam ter sido deixados para trás por seu antigo dono — estarem desgastados pelo tempo, tudo estava muito limpo. E suficientemente espaçoso. Quando eu pudesse decorá-lo, ficaria perfeito.

Deixei minha bolsa sobre o sofá de couro preto e subi até o andar de cima. Abri a porta do quarto que ficava de frente para a escada. Estava completamente vazio. Depois me encaminhei para o outro quarto. O único móvel que tinha sobrado foi um imenso guarda-roupa embutido.

O apartamento era enorme e luxuoso. Do terraço, a vista da cidade era de tirar o fôlego. Poderia ficar ali o dia todo se não tivesse compromisso.

Enquanto a banheira de hidromassagem enchia, desci até a sala para buscar minha roupas.

Meu dia estava apenas começando...

Dirigi-me à varanda. Encostei-me à grade. Meus olhos estavam fixos nos arranha-céus, mas de fato não prestava atenção neles. Já fazia alguns minutos que tinha me arrumado. A ansiedade tomava conta de mim, minhas mãos estavam suadas e as unhas apertadas contra a palma.

Ouvi o toque do meu celular, me apressei em ir a sala de jantar, pegá-lo em cima da enorme mesa de madeira. Por vezes, me peguei pensando que os antigos donos do apartamento ou tinham uma família grande ou davam jantares com muitos convidados.

Sorri ao ver que era Daniel e levei o aparelho ao ouvido. Assim que atendi, ele disse que estava me esperando na portaria.

Eu não entendia porque estava à beira de um colapso, o nervosismo tomava conta de mim.

Desci para o térreo e, quando o portão deslizou à minha frente, avistei Daniel encostado ao capô do seu carro branco. Uma de suas mãos estava no bolso da calça e na outra segurava um óculos escuros. Ele curvou os lábios em um sorriso discreto, convidando-me a sorrir de volta.

— Olá, Daniel! — disse eu, estendendo-lhe a mão e ele me surpreendeu com um beijo na bochecha.

O cheiro agradável da sua loção impregnava-lhe a pele. Seu cabelo castanho estava perfeitamente penteado, a barba feita, e vestia um terno azul chumbo impecável.

Exalando elegância, deu alguns passos, abriu a porta e colocou as mãos nas minhas costas encorajando-me a entrar. Daniel ocupou o banco do motorista, deu partida, e logo estávamos em meio ao trânsito caótico.

Perscrutei seu rosto, seu queixo quadrado, o nariz bem desenhado, eram

perfeitos para o formato do seu rosto. Sentindo-se observado, ele voltou a cabeça brevemente em minha direção.

— Sabia que você me lembra alguém? — deixei escapar, pensativa.

— Quem? — perguntou, visivelmente curioso.

— Ainda não sei, mas seu rosto me parece familiar.

O divertimento em seu semblante se esvaiu por completo. Seu maxilar ficou tenso, e apertava o volante compenetrado.

— O que achou do apartamento? — indagou, como se quisesse dar um fim àquele assunto.

— É maravilhoso! Ficará perfeito quando colocar a mobília. Vou providenciar isso hoje mesmo.

Daniel ficou retraído o restante da viagem. De quando em quando, eu me pegava o olhando.

— Chegamos — anunciou, e saltamos do carro.

Daniel conduziu-me para dentro, movendo-se como se fosse familiarizado com o local.  E ele era, concluí quando passamos pelo balcão de informações, e a mulher do outro lado o encarou, deslumbrada. Ela não parava de mexer no cabelo enquanto Daniel falava.

Adentramos a sala, onde já tinha algumas pessoas sentadas em volta de uma mesa de mogno. O olhar da minha mãe encontrou o meu para logo desviar para Daniel.

— O que você faz aqui? — redarguiu Abílio, apontando para Daniel.

— Bom dia para você também Abílio e, sobre Daniel, ele é meu advogado. Nada mais natural que me acompanhe, não acha? — respondi com firmeza.

— Você não tem advogado — rebateu.

— Não, não é bem assim. Eu não tinha. Agora, como pode ver, eu tenho.

— Sorri com sarcasmo, gostando da reação que causei no homem.

— Senhores, mantenham a ordem! — ordenou uma mulher que ocupava o centro da mesa. — Vamos dar início à leitura do documento.

Algo que pareceu um temor brilhou no rosto de Abílio. Havia alguma coisa inquietante na forma como ele me olhava. Sua fúria era muito mais profunda, certamente ele sabia que as ações pertenciam a mim e nunca disse nada porque era conveniente para ele. E com minha volta, estava se sentindo ameaçado.

Daniel me indicou uma cadeira vazia do outro lado da mesa e se sentou ao meu lado. Enquanto aguardava, fitei minha mãe, que não fez questão de me olhar, ou me cumprimentar. O que não foi uma surpresa para mim, no entanto ainda me entristeceu.

Seus cabelos estavam soltos e ocultavam parte do seu rosto, coberto por uma grossa camada de maquiagem. Ela continuava tão bonita quanto eu me lembrava, no entanto havia algo estranho no seu semblante, algo inexpressivo que eu não conseguia desvendar.

— Acalme-se, querido! — Minha mãe murmurou e tocou o ombro de Abílio.

Senti meu corpo ficar tenso, engoli saliva para umedecer a garganta, quando a mulher alisou o cabelo grisalho que estava preso em um coque apertado e deu início à leitura, especificando os bens e a porcentagem que mamãe e eu iríamos receber.

Percebi certa agitação e minha mãe sussurrar algo para seu advogado.

— Me desculpe, mas tenho certeza de que Rudolf não possuía só esses bens que estão listados aqui — falou ela, erguendo o papel que tinha nas mãos. — A Melinda também pode confirmar isso.

Balancei a cabeça, em negativa. O meu pai não me deixou a par da sua fortuna e, como Daniel já tinha me explicado, os bens que foram transferidos em

vida não entrariam no inventário.

— Além dos documentos que a senhora entregou, foi feito um levantamento de todos os bens e os que foram encontrados estão aqui — respondeu a mulher, com uma firmeza invejável.

— Deve haver algum engano — replicou Abílio e lançou um olhar confuso na direção do advogado.

— Se vocês tiverem o documento que comprove a posse, o advogado de vocês poderá instruí-los sobre como proceder. Está encerrado por hoje.

Minha boca se repuxou em um meio sorriso. E um sentimento de satisfação inflava meu peito.

— Você já pode assinar, Melinda — disse Daniel, colocando alguns papéis na minha frente.

Peguei a caneta de sua mão e assinei rapidamente nos locais indicados.

— Podemos ir agora? — sussurrei para Daniel.

— Sim, podemos.



— Uma coisa tem me perturbado desde que você me disse que meu pai deixou a empresa para mim. Em nenhum momento, me procuraram para assumir minha cadeira de acionista, nunca elegi nenhum representante. Não é possível que a diretoria não saiba.

— Você tem um procurador?

— Tenho. Minha mãe é minha procuradora. E com certeza ela não iria se opor a nada que o marido fizesse.

Por que o Abílio me informaria se ele ia correr o risco de perder tudo que almejou? Me manter longe era muito mais cômodo para eles. Mesmo meu pai

tendo se precavido para que a empresa não caísse nas mãos deles. Ainda conseguiram me enganar e se aproveitaram disso. Aquilo avivou minha raiva e frustração.

— Ela pode responder por isso. Você precisa ver também se os lucros foram repassados para você, como deveriam ser.

— Não. Nunca repassaram. Eu saberia se esse valor tivesse entrado em minha conta.

Daniel franziu o cenho, ficando completamente sério e compenetrado.

— Você pode alegar que lhe ocultaram que é a dona das ações e usar isso para tirar o Abílio do cargo.

*"Usarei tudo que eu puder. Ele já tinha tirado muito de mim. Eu não posso deixar que tire isso também."*

— Sabia que às vezes ainda não acredito que isso esteja acontecendo? Fico pensando que, em algum momento, vou abrir os olhos e descobrir que esses documentos nunca existiram, que o seu telefonema nunca aconteceu.

— Mas existem. Talvez você vá acreditar quando achar os originais, ou você já os encontrou?

— Não. Muita coisa aconteceu depois do nosso encontro ontem, e não consegui procurar.

— Você não confia muito nas pessoas, não é mesmo? — Virei-me para Daniel, que mantinha os olhos na pista. Perguntando-me de onde tinha vindo aquela pergunta.

— Não tenho mais tanta certeza. Prova disso é que estou aqui, com você. — Tentei fazer com que minha voz soasse verdadeira.

O meu pai confiava nele, e isso deveria ser o bastante para mim.

Mas, não era.

Depois de almoçar, fui a uma loja de móveis e ao mercado. Mesmo sob

meus protestos, Daniel fez questão de me acompanhar, com a desculpa de que não tinha nenhum compromisso importante. Seu comportamento estava me deixando intrigada. Mas, ele sempre dava um jeito de se esquivar das minhas perguntas. No entanto, eu não desistiria tão fácil. Daniel era o elo para que eu descobrisse os últimos passos de meu pai e o mistério que envolve sua morte.

Quando Daniel estacionou o carro, saltei imediatamente. Com uma elegância desmedida, ele também desceu e abriu o porta-malas para eu tirar minhas compras.

— Precisa de ajuda para levar as compras? — indagou.

Meneei a cabeça, negando.

— Está pensando em passar a noite aí?

— Eu não sei. A funcionária da loja me garantiu que farão a entrega dos móveis hoje. Mas ela estava ocupada demais olhando para você. — Tentei brincar, mas ele estava de novo no modo compenetrado.

Dei um passo para trás e intencionava me virar quando ele disse:

— Me ligue para o que precisar. Cuide-se, Melinda.

— Com o que ou com quem preciso tomar cuidado?

Ele arqueou as sobrancelhas.

— Bem… Estou a sua disposição. Precisando de mim, me liga — desconversou.

Enquanto me afastava, fiquei pensando nas suas últimas palavras. Parecia ter muitas coisas não ditas nas entrelinhas.



Entrei no apartamento. Depois de deixar as compras sobre a bancada, joguei-me no sofá. Meu celular tocou dentro da bolsa, largada no chão. Peguei-o.

Ao imaginar que poderia ser minha mãe, um nó se formou em minha garganta. Àquela altura, ela já devia estar sabendo que não houve nenhum engano, que meu pai tinha deixado as ações da empresa para mim e por isso não apareceram no inventário. E provavelmente ela estava com muita raiva. Uma ponta de culpa quis me assaltar, mas tratei de mandá-la para longe. Um misto de alívio e dúvida me tomou quando vi que era um número desconhecido. Segurei o aparelho na frente dos olhos, tentando me decidir se atendia ou não. Deixei tocar até cair na caixa postal, e voltou a tocar outras vezes, mas eu fiquei apenas olhando para o aparelho.

O celular vibrou, dessa vez eu tinha recebido uma mensagem.

***"Melinda, atenda o telefone.***

***Greg."***

Bufei, irritada. Joguei o celular sobre o sofá e fechei os olhos. Imagens dele invadiram minha mente em flashes, projetando-se como se estivessem na minha frente. Se eu esticasse os dedos, parecia que tocaria os músculos do seu abdômen, seu pênis ereto sob a samba canção. Uma tensão se alojou na minha virilha. Pressionei minhas pernas uma contra a outra. Definitivamente, eu estava ferrada. O interfone tocou, abri os olhos sobressaltada e atendi. Eram os entregadores, e pedi para subirem.

Depois que foram embora, tomei um banho quente e deixei meu corpo cair sobre a cama — recém comprada — com o celular em mãos. Ao longe, as luzes de alguns edifícios brilhavam em um lindo efeito furta cor. Cogitei ligar para Amanda. Só de pensar nela o coração apertou no peito, mas ela me faria muitas perguntas que eu não estava preparada para responder, então acabei desistindo.

Minhas pálpebras ficaram pesadas, impedindo que eu abrisse os olhos. Revirei na cama, até que meu rosto estivesse enterrado no colchão.

A luz brilhava acima de meus olhos, e a chuva batia na porta do terraço,

sacudindo-a. Meu corpo tremia de frio. Levei alguns minutos para entender o que estava acontecendo. Eu tinha dormido. Estiquei o braço e apaguei a luz. A claridade tênue que entrava pela porta aberta, vinda do andar de baixo, era suficiente para que o quarto não ficasse completamente escuro. Procurei pelo lençol para me cobrir, então me dei conta que não tinha nenhum.

Deslizei a mão pelo colchão, até encontrar meu celular. Conferi as horas, era 01h30min.

Encolhi as pernas e abracei meu corpo que continuava a tremer e parecia uma pedra de gelo. Depois de alguns minutos, decidi me levantar, seria impossível voltar a dormir.

Andei até onde estava minha mala à procura do meu casaco, e não o encontrei. Só havia um lugar em que eu poderia ter deixado: na casa de minha mãe.

— Droga! — praguejei.

Um espasmo sacudiu meu corpo e um pensamento começou a se formar em minha mente. Balancei a cabeça em uma tentativa vã de afastá-lo.

Eu não queria ir atrás de Greg, no entanto, ele era a única pessoa que poderia me ajudar naquele momento.



Apertei a campainha pela segunda vez. Passou-se alguns minutos e não obtive nenhuma resposta. Ignorando meu lado irracional, que implorava para eu continuar insistindo, recuei, pronta para ir embora. Ouvi o barulho da chave na fechadura e assisti com expectativa à maçaneta girando. Meu coração bateu com força contra a caixa torácica. Quando seu olhar me encontrou, era perceptível a incredulidade em seu semblante.

— Mel! — exclamou, apertando um pouco os olhos.

— Desculpe por te acordar. Você poderia me emprestar um cobertor?

Greg me olhou com estranheza, como se tivesse algo errado com meu rosto.

Escutei uma voz vinda lá de dentro e olhei para além dele.

Uma moça loira andava pela sala, arrumando o vestido no corpo. Olhei-o, de alto a baixo. Sua camisa estava amassada e aberta nos primeiros botões, seus cabelos pareciam ainda mais revoltos. Não era difícil imaginar o que estavam fazendo.

— Não queria atrapalhar. Boa noite! — falei, torcendo para que minha voz não entregasse o caos que havia se instalado dentro de mim.

Recusava-me a aceitar que aquele sentimento inquietante e doloroso fosse ciúmes de vê-lo com outra mulher. Eu não poderia estar com ciúmes de Greg. Essa constatação deixou-me ainda mais revoltada comigo mesma.

Obriguei minhas pernas a se moverem.

— Melinda, espere! — ele gritou.

— Então é ela? — inquiriu a loira com a voz resignada.

Apertei o botão do elevador e entrei antes que pudesse ouvir a resposta. Selecionei meu andar no painel luminoso e me encostei à parede, sentindo o frio do metal contra minhas costas.

Dois braços seguraram a porta, impedindo que ela se fechasse. Quando ele entrou, a porta se fechou, e o elevador começou a subir. Greg esboçou um sorriso deslumbrante, mostrando seus dentes brancos. Bufei, ao me dar conta de como fiquei afetada, e cruzei os braços diante do peito, fuzilando-o com o olhar.

— Mel, você entendeu errado. Não é o que você está pensando — disse, em um tom exasperado.

— Você não me deve nenhuma explicação. Agora pode voltar para sua

garota.

— Ela não é minha garota. Ela já estava indo embora quando você chegou.

— Você transou com ela e a dispensou? — perguntei, sem conseguir esconder a raiva e a indignação. Não por ele ter dispensado a garota e sim por ainda continuar agindo como um cafajeste.

— Eu não transei com ela. — Ele se aproximou, com o olhar fixo em mim. Colocou os braços um de cada lado do meu corpo, encurralando-me contra a parede. — E sim, eu a dispensei. Antes que me pergunte por que, digo que não era com ela que eu queria passar a noite — sussurrou.

Tentei me desvencilhar, e ele deu um passo, diminuindo a pouca distância entre nós. Respirei fundo, tentando recobrar a calma, mas foi impossível me controlar. Ele estava muito próximo. Seu perfume delicioso penetrou em meu nariz, deixando meu corpo inteiro consciente da sua presença.

Seu rosto vinha de encontro ao meu, sabia que precisava me afastar, mas eu estava hipnotizada por seu olhar e não conseguia me mover. Sua respiração quente tocou minha pele. Senti sua boca na minha. Fechei os olhos, rendendo-me ao inelutável.

Entreabri os lábios, permitindo que sua língua invadisse minha boca. Greg segurou minha nuca e afundou os dedos no meu cabelo. Com o outro braço, circundou minha cintura, puxando-me para mais perto, esmagando meus seios contra seu tórax rígido. Uma descarga percorreu-me por dentro. Coloquei os braços em torno do seu pescoço, entregando-me à sensação de ter sua língua na minha, explorando cada canto da minha boca. Seus gemidos em minha boca me roubaram a sanidade. O roçar do seu quadril no meu foi o bastante para acender meu corpo e me fazer ansiar por mais. Sua mão deslizou por minha bunda. O beijo tornava-se mais intenso, e sentia sua ereção empurrando minha barriga. Meu desejo também era evidente, meu corpo inteiro pulsava por ele.

Eu precisava tomar fôlego e me afastei. Sua respiração estava tão entrecortada quanto a minha. Abri os olhos e encontrei seu olhar. O gosto dos seus lábios ainda dominava minha corrente sanguínea como uma droga viciante. Meu corpo clamava para que ele me tocasse novamente. Quanto tempo esperei por aquele momento, e a percepção de todo esse desejo fez o pânico tomar cada célula do meu corpo.

Percebi, naquele beijo, que meus sentimentos por ele ainda continuavam vívidos, mas eu não poderia ceder.

Aquilo era uma loucura autodestrutiva. No final, só um coração permaneceria inteiro. E não seria o meu.

— Porra, Melinda! Sua boca é deliciosa. — sussurrou, com os lábios colados aos meus. — Você não faz ideia do quanto...

— Você pode me soltar agora? — interrompi-o.

Sentindo a frieza em minha voz, Greg se afastou um pouco e me encarou, confuso.

— Está me mandando embora? — Ele balançou a cabeça e passou a mão nos cabelos, empurrando-os para trás, parecendo duvidar de que aquilo estivesse acontecendo.

— Estou. Boa noite, Greg.

— Não irei embora sem conversarmos. — Antes que eu pudesse protestar, ele colocou um dedo em meus lábios, silenciando-me. — Pode relutar o quanto quiser, mas você será minha. Terei você como sempre desejei te possuir... espero por esse momento há anos.

Abri a boca para dizer que aquilo não iria acontecer, no entanto a certeza que ele exalava me desarmou.

Ele se aproximou mais uma vez.

— Vou buscar o cobertor e já volto — sussurrou, com os lábios a poucos centímetros dos meus.

Arquejei e senti um frio na barriga com a possibilidade de ele querer me beijar de novo.

As portas deslizaram, devolvendo-me a realidade. Saí, cambaleando um pouco. Minhas pernas estavam bambas, meu coração acelerado e minha respiração ofegante. Greg sempre causava esse efeito em mim. E agora parecia ainda mais devastador.

Ele sorriu quando me virei para encará-lo, desnorteada. E eu pude ler em seus olhos uma promessa de que ele iria voltar.

Pus-me a me mover pelo corredor. Encostei-me à porta do meu apartamento, com a impressão de que iria desabar a qualquer momento. Quando meus batimentos cardíacos ficaram um pouco estável, a abri e entrei. Meus joelhos vacilantes mal me obedeciam, no entanto, me forcei a caminhar. Deixei meu corpo cair no sofá e contemplei a chuva que caía além da vidraça.

Descansei a cabeça no encosto e fechei os olhos. Toquei meus lábios, inchados por causa do beijo. Eu ainda podia sentir o seu sabor. Ao me dar conta

do quanto eu tinha gostado, um suspiro involuntário escapou de minha garganta antes que eu pudesse pará-lo.  Permaneci assim por um bom tempo, até que ouvi o barulho da porta abrindo e fechando, seguido por seus passos.

— Eu já disse o quanto você é irritante? — perguntei, mantendo os olhos fechados.

— A última vez que você me disse foi na sua festa de dezoito anos. — Senti o sofá afundando ao meu lado e suas costas se chocarem contra o encosto. — Você ainda se lembra daquela noite? — falou com uma voz calma, quase sussurrada.

Como eu iria me esquecer? Eu tinha esperado tanto por aquilo. Desde a primeira vez que o vi, eu desejava estar em seus braços.

— A gente se beijou.

— Logo depois, você fugiu de mim. Por que, Melinda?

Mesmo naquela época, eu já sabia que Greg seria meu abismo. E eu fazia de tudo para ir para o lado oposto a ele.

Abri os olhos e o fitei. Ele me olhava com adoração, exigindo de mim esforço para falar.

— Talvez porque eu não estava interessada, assim como você também nunca esteve — respondi, torcendo para que minha voz não me traísse.

— Se há algo que nunca tivemos é desinteresse.

— Você acha que estou apaixonada por você? — perguntei, meio sarcástica.

— Não sei o que você sente, mas não dá para negar que sempre teve algo entre nós.

Revirei os olhos.

— Meu Deus, Melinda. Mal posso esperar para te ver revirar os olhos desse jeito, quando eu estiver dentro de você.

Fuzilei-o com o olhar.

— O Daniel mora aqui? — questionou.

— Se o Daniel morasse aqui não seria um tanto invasivo você entrar no apartamento dele? — Vi seus olhos escurecerem até ficarem em um tom indecifrável, seu maxilar endurecer, e seus lábios se transformarem em uma linha fina. Esperei que fosse dizer algo, mas, não o fez. — Por que você acha que o Daniel mora aqui? — continuei.

— Bem, você estava com ele. — Pôs-se a analisar tudo em volta com uma feição confusa.

— Como sabe disso? Estava me seguindo de novo?

— Não. Como você desapareceu hoje de manhã, liguei para sua mãe para saber se você tinha aparecido por lá, e ela disse que você estava com o Daniel. Então pensei que…

— Que eu estivesse passando a noite com ele — completei. — Acha mesmo que o Daniel está interessado em mim?

— O que te leva a pensar que ele não está? Você é muito linda. Com certeza está à altura do doutor Daniel, sócio de um dos maiores escritórios de advocacia do país. — Ele sorriu com ironia.

— Você disse que o Daniel é sócio de um dos maiores escritórios de advocacia do país?

— Ele é. Dizem que ele fez a sociedade quando saiu da empresa. Ele era um advogado em começo de carreira e, por incrível que pareça, vem de uma família humilde. — Havia uma acusação velada. Dava para sentir em seu tom de voz.

— De onde você acha que veio o dinheiro?

— Você alugou esse apartamento? — inquiriu, esquivando-se da minha pergunta.

Ele colocou o cobertor sobre o sofá e se levantou, analisando tudo em volta.

— Não. Esse apartamento é meu.

— Você o recebeu como herança? — redarguiu, displicente.

— Não, os imóveis que recebi como herança, segundo o Daniel, vão demorar um pouco para estarem definitivamente em meu nome. — Levantei-me do sofá e dei uma volta pela sala. — Se veio até aqui para saber se eu estava com Daniel, já sabe que não estou. Já é tarde, e tenho um compromisso pela manhã.

— Eu sei. Fui informado que você solicitou uma reunião com o conselho administrativo da empresa. Também estarei lá. Poderia me adiantar o que será tratado nesta reunião? Como sócia majoritária, o que você pretende fazer?

Parei no mesmo instante, com as mãos na cintura e o encarei.

— Desde quando você sabe que sou sócia majoritária? — Apertei um pouco os olhos.

— Só hoje que fiquei sabendo.

Analisei-o, buscando indícios de que estivesse mentindo. Sua feição impassível não revelava nada.

— Minha mãe te contou? — perguntei, ainda que já soubesse a resposta.

— Meu pai me ligou. — Franzi o cenho. — Ele é o atual presidente. É de se esperar que esteja preocupado com o rumo que as coisas irão tomar de agora em diante.

— Então ele está preocupado. — Um pequeno sorriso se formou nos meus lábios e fui incapaz de contê-lo. — E você também está?

— Só há uma coisa que está me preocupando agora. — Ele me olhava de forma muito intensa enquanto falava.

Avançou lentamente em minha direção, como se estivesse pronto para me devorar a qualquer momento. Um leve tremor sacudiu meu corpo, todavia, não

recuei.

Ele prendeu uma mecha de meus cabelos entre os dedos e os colocou atrás da minha orelha.

— Quero te beijar de novo. — Balancei a cabeça e mordi os lábios. — Sei que você também quer.

Tentei me afastar e colidi com o sofá. Espalmei as mãos sobre seu tórax para mantê-lo longe. Cobrindo-as com a sua, ele as manteve presas ali. Seu peitoral subia e descia com violência. Suas mãos deslizaram por meus braços, arrepios desciam por todo meu corpo. Vi seus olhos se encherem de decisão enquanto ele me observava. Mesmo que meu cérebro me gritasse para agir, eu não tinha força para pará-lo. Seus lábios cobriram os meus em um beijo selvagem e devastador, nossas línguas batalhavam por controle. Meus dedos emaranharam em seus cabelos. Suas mãos foram parar em volta de minha cintura, puxando-me para perto. Mais uma vez, eu estava sendo arrastada para aquele mar turbulento que era Greg.

Ele me ergueu, colocando-me sentada sobre o encosto do sofá. Suas mãos subiram por minhas panturrilhas e pararam no meu joelho. Segurou-o com força, me fazendo contornar seu quadril com minhas pernas. Um gemido rouco escapou da sua garganta. Greg me abraçou com força, alinhando nossos quadris. Gemi, com o atrito do seu sexo no meu.

Ele separou nossos lábios, traçou uma trilha de beijos por meu rosto e desceu até meu pescoço que arqueou para o lado. Quando senti sua língua úmida e quente deslizando e sugando minha pele, deixei escapar um grunhido e cravei as unhas em suas costas. Eu não conseguia pensar com clareza, minha mente estava imersa somente nas sensações que ele estava me proporcionando.

Greg me fitou por um instante, com os olhos escuros de desejo. Encostou a boca na minha e prendeu meu lábio inferior entre seus dentes.

— Está sentindo como estou duro para você? — sussurrou com a voz

rouca e mordeu o lóbulo da minha orelha.

Seus lábios buscaram os meus mais uma vez, sua língua se movia dentro da minha boca, enviando ondas por todo meu corpo, deixando-me à beira de um colapso.

Suas mãos subiram por minhas pernas, espalhando um incêndio por meu corpo todo. Seus dedos tocaram o elástico de minha calcinha, pedindo passagem.

Seu celular tocou em seu bolso, assustando nós dois. Nossas bocas se separaram abruptamente. Ao se dar conta de onde vinha o som, ele enfiou a mão no bolso da calça e tirou o aparelho. Antes de ele desligar, vi brilhando na tela a palavra pai. Isso trouxe à minha mente um pouco de sanidade e me lembrou por que eu não deveria ser tão fraca. Por mais que ele estivesse me olhando com tanto desejo, de forma que todo o ar se extirpava dos meus pulmões, e o som da sua voz fizesse com que meu coração quase saltasse do peito, eu deveria resistir a ele com todas as minhas forças.

Seu rosto voltou a se inclinar na direção do meu, e eu desviei meus lábios.

Meus olhos se arregalaram um pouco, e meu semblante deve ter deixado transparecer a avalanche de sentimentos que devastava tudo dentro de mim. Uma mistura de revolta, angústia e culpa. Percebi isso pelo modo desapontado que ele perscrutava meu rosto.

— Isso é um erro — balbuciei e tentei me desvencilhar dele.

— Mel — disse ele com uma voz controlada. — Por que acha isso?

*"Estamos fadados ao fracasso antes mesmo de começarmos".*

— Quero que fique longe de mim — rosnei entre dentes.

Ele se afastou alguns centímetros.  Desci do sofá e não pude evitar que nossos corpos se chocassem. Puxando meu vestido para baixo, andei até a porta.

— Boa noite, Greg — disse, segurando a porta aberta, esperando que ele

saísse.

Em passos rápidos, ele venceu a pouca distância que o separava da porta e parou defronte a mim.

— Não pense que estou desistindo, Melinda, porque isso é apenas o começo — disse, com os olhos fixos nos meus.

Enquanto se movia pelo corredor, seu celular voltou a tocar. Greg soltou um suspiro de frustração, retirou o aparelho do bolso e o levou ao ouvido.

— O que você quer? — Atendeu o celular rudemente. — Você faz ideia de que horas são? Eu já disse que estarei lá, não se preocupe.

Então uma sensação de extrema satisfação se apossou de mim. Abílio estava realmente se sentindo ameaçado com meu retorno, para estar acordado uma hora daquelas.

Fechei a porta atrás de mim, ajeitei meus cabelos, peguei o cobertor sobre o sofá e fui para a cama. Sabia que não conseguiria voltar a dormir tão facilmente. O cheiro de Greg estava impregnado no cobertor e em cada parte do meu corpo. Sua imagem invadia minha mente todas as vezes que tentava fechar os olhos.



A luz do sol penetrava pela vidraça e atingia meu rosto. Movi os olhos devagar, forçando as pálpebras a se manterem abertas. Sentei-me na cama e me espreguicei, ouvindo os ossos estalarem. Meus pés tocaram o chão frio.

*“Que horas são?”*, perguntei-me ao observar como o sol brilhava lá fora. Estiquei o braço, peguei o celular e conferi as horas. Eu teria bastante tempo ainda para me arrumar com calma. Andei até o banheiro branco, tomei um banho rápido e vesti um roupão.

Enquanto penteava meus cabelos na frente do grande espelho sobre a bancada de mármore branco, levei a mão ao meu pescoço e toquei as marcas arroxeadas deixadas pelos lábios de Greg.

Voltei para o quarto e escolhi com cuidado a roupa que usaria naquele dia. Depois de pronta, chequei minha aparência no espelho. Eu estava quase irreconhecível. Não por causa da calça preta e da camisa azul, mas pelo brilho diferente em meu olhar.  O dia que eu tanto ansiava tinha chegado. O dia que eu finalmente tiraria Abílio do cargo de CEO.

Peguei minha bolsa e saí do quarto. O barulho dos meus saltos ecoavam no corredor silencioso. Olhei para a porta do quarto vazio, como se Amanda fosse sair de lá ou eu fosse ouvir a voz dela. Desci a escada lentamente, meus olhos ainda insistindo em procurar Mandy. Depois de fitar o balcão da cozinha, não havia nada lá, nem uma xícara de café esquecida, nem um prato do *waffle* que ela costumava preparar. Finalmente compreendi que estava mesmo sozinha. A solidão não me parecia tão reconfortante.

Abri a geladeira quase vazia, enchi um copo com suco, sorvi rapidamente o líquido amarelo em goles longos e deixei o apartamento, sentindo a adrenalina correr por minhas veias.

Quando entrei no elevador, encostei-me junto à parede. Enquanto mantinha os olhos fixos no celular, me lembrei que Daniel me fez prometer que o avisaria quando eu fosse à empresa. Por que Daniel queria saber de todos os meus passos? Levei a mão à têmpora, pensativa. Ouvi as portas duplas abrindo e fechando várias vezes, pessoas entravam e saíam, e eu permanecia alheia, presa aos pensamentos que enublavam minha mente.

Um perfume amadeirado invadiu minhas narinas. Inalei, cerrando os olhos por uma fração de segundo. Meu sistema logo reconheceu o cheiro que era exalado. Como se uma estranha força me guiasse, ergui o rosto lentamente. Meu olhar parou nos sapatos reluzentes e viajou pela calça social preta que cobria suas coxas musculosas e uma camisa branca. O paletó preto descansava em seu

antebraço. Quando meu olhar encontrou o dele, fiquei temporariamente paralisada. Seus cabelos compridos até a altura da nuca, continuavam bagunçados, contrastando com a roupa formal, dando a ele um aspecto rude e magnífico. Ele também me encarava, sério, o sorriso irritante de sempre tinha desaparecido do seu rosto. Tentei, em vão, disfarçar o quanto eu estava inebriada com sua presença. Mexi-me irrequieta, acreditando que Greg fosse se aproximar. Eu o vi colar as costas à parede da cabine e permaneceu imóvel. Quando o elevador parou, ele saiu e começou a andar, sem sequer me dirigir o olhar.

*“Por que estou tão decepcionada?”*, perguntei-me em pensamento enquanto cruzava o *hall* e me dirigia para a portaria.

Greg estava me ignorando. Eu deveria ter ficado feliz, afinal de contas tinha pedido para ele me deixar em paz. E por que não estava? Engoli em seco, lutando contra o sentimento conflitante que ameaçava se formar em meu interior.

Ouvi o barulho baixo de um motor e girei a cabeça. O carro de Greg saía do estacionamento e foi diminuindo a velocidade conforme se aproximava. Mesmo por trás dos vidros escuros cerrados, eu sentia o seu olhar em mim. Por um instante, acreditei que fosse parar. Ele baixou o vidro e sorriu, presunçoso. O portão começou a deslizar nos trilhos, ele pisou fundo no acelerador, e o *Jaguar* desapareceu pela rua. Só então deduzi que ele estava me testando e eu tinha falhado miseravelmente.

Atravessei o portão ainda procurando o carro com o olhar. Senti uma mão quente tocar meu ombro e me assustei dando um pulo no lugar.

— Daniel — murmurei, sem conseguir conter a surpresa em vê-lo ali.

— Oi, Melinda! — Ele arqueou o tronco e beijou meu rosto. — Você está indo para a empresa? — Sacudi a cabeça concordando, envergonhada por não tê-lo avisado. — Imaginei. Mas não é por isso que estou aqui. Eu estava subindo. Como não atendeu o interfone, imaginei que estivesse descendo e resolvi esperar. — O sorriso em seu rosto desvaneceu.

— Aconteceu alguma coisa?

— Se quiser posso te deixar na empresa e aproveitamos para conversarmos — sugeriu.

Ele deu alguns passos, abriu a porta do passageiro e a manteve aberta, esperando que eu entrasse.

Deslizei para dentro do carro, afundei-me no banco macio de couro e vi a outra porta se abrir ao meu lado. Daniel ocupou o banco do motorista. O motor ganhou vida com um ronronar suave, e o carro afastou-se da calçada. Ficamos em silêncio por um bom tempo, enquanto o veículo parecia flutuar pelas ruas de São Paulo. Daniel apertava o volante compenetrado e parecia perdido em pensamentos.

— Você ainda não me disse o que o trouxe aqui, Daniel.

— Você precisa averiguar quais medidas sua mãe tomou em seu nome na empresa e se ela não repassou poderes para outra pessoa indevidamente. Se houver algo errado, podemos entrar na justiça para responsabilizar os envolvidos.

Encostei a cabeça no assento e fechei os olhos por alguns instantes.

— Às vezes, me sinto um monstro por estar tirando a empresa dela.

— Você não acha que seu pai teve algum motivo para fazer isso?

— O meu pai te falou o motivo que o levou a tomar essa decisão?

— Não, Melinda. Seu pai não era homem de dar explicações — disse, esquivando-se habilmente da minha pergunta.

*"O meu pai devia confiar muito em Daniel para colocar uma responsabilidade tão grande em suas mãos. E o porquê eu também quero descobrir."*



Eu sentia a euforia correndo em minhas veias, e meu coração estava acelerado quando as portas automáticas resvalaram na minha frente, descortinando o andar onde ficava a diretoria. Eu tinha ido ali poucas vezes com meu pai, mas fora o bastante para memorizar cada espaço.

Algumas cabeças se viraram em minha direção. Vi uma senhora de meia idade se levantar da sua mesa e tirar um fiapo invisível do seu terninho antes de vir até mim e me direcionar para a sala mais nobre do andar. Ao entrar, senti os olhares sobre mim, enquanto me movia em direção à mesa. Assim que me deparei com o olhar de Greg, o sentimento inquietante que eu tentava sufocar retornou com força total.

— Já que estão todos aqui, daremos início à reunião — disse Abílio, que ocupava a cadeira na cabeceira da grande mesa de reunião. — Por gentileza, Melinda, nos diga o motivo pelo qual você convocou essa assembleia.

— Bom dia, senhores. — Respirei fundo, meu coração batia forte no peito e a adrenalina corria nas veias. — Acredito que vocês já devem imaginar por que solicitei essa reunião — Minha voz soou firme. — Sou a sócia majoritária, desde que meu pai morreu. Nunca assumi minha cadeira porque não sabia que era dona das ações, e durante todo esse tempo terceiros tomavam as decisões por mim. — Fiz uma pausa para tomar fôlego. — E como sócia majoritária, estou pedindo o afastamento do nosso atual presidente e reivindicando o cargo.

Abílio cerrou os dentes, suas mãos deslizaram sobre a mesa e se fecharam em punho. Seus olhos vazios e frios focalizaram meu rosto, deixando-me momentaneamente sobressaltada.

Sabia que ele estava tentando me desestabilizar.

— Isso é um absurdo. Não pense que pode voltar e dar ordens, isso eu não irei permitir!

— Senhor presidente — Minha voz soou carregada de sarcasmo. — Eu não preciso de sua permissão e o senhor bem sabe o porquê.

— Já calculou o risco que será assumir uma empresa dessa extensão sem nenhuma experiência no mercado, Srta. Becker? — perguntou uma mulher ainda jovem que me foi apresentada como presidente do Conselho.

— Estive nos últimos dois anos trabalhando como diretora operacional. Eu era o braço direito de um CEO de uma multinacional. Então, sim, eu sei bem em que tudo isso implica.

Abílio empurrou a cadeira para trás, fazendo-a ranger sobre o piso.

— Como você conseguiu o cargo, Melinda? — disse, exalando ironia e autoconfiança. — Quem você acha que é, garota? Não tem experiência alguma senão um cargo ridículo na empresa do pai do seu namorado.

Ele ficou de pé e colocou as mãos sobre a mesa, encarando-me.

— Não estamos aqui para tratar a vida pessoal da Melinda — replicou Greg. — Estamos aqui para tratarmos o futuro da empresa.

Minha boca se abriu de surpresa e, olhando para o lado, vi que todos os olhares se voltaram para ele, atentos, e o silêncio se instalou na sala por alguns segundos.

— Bom, senhorita Becker, entendemos seus motivos para tal desconfiança, em nenhum momento estávamos cientes disso — começou a presidente do Conselho, chamando a atenção para si. — O máximo que podemos acatar do seu requerimento no momento é o afastamento do atual presidente. Quanto à ocupação da cadeira, isso deve ser definido com cuidado, por ora, faremos a indicação de um nome para ocupar o cargo até que tudo seja devidamente esclarecido.

De relance, vi os lábios de Abílio se repuxarem um pouco nos lados, em um quase sorriso de satisfação.

— Qual nome vocês irão indicar? — inquiri, de antemão já sabia que não iria gostar da resposta.

— A pessoa com os requisitos necessários para ocupar o cargo no momento é o senhor Gregório Montenegro. Como vice presidente, ele é nossa primeira opção até que tudo esteja resolvido.

Quando ouviu seu nome ser pronunciado, Greg pareceu tão surpreso

quanto eu. Até então, eu estava evitando olhar para ele ou não conseguiria me concentrar na conversa.

— Deus! — exclamei, sem conseguir conter a minha indignação. — Acha que fará alguma diferença trocar o pai pelo filho?

— O que estamos levando em conta é a capacidade profissional e não o parentesco. Se o Sr. Montenegro não for o nome mais votado nessa assembleia, abriremos a seleção para um novo presidente.

Ouvimos uma batida na porta, e a cabeça da secretária surgiu pelo vão.

— Desculpe interromper, mas o Sr. Herbert Becker está na linha 2 e gostaria de falar com a senhorita Becker.

Tirei o telefone do gancho, me levantei da mesa e andei até a imensa vidraça, com meus passos nervosos ecoando no chão de mármore.

— Alô! — atendi, temerosa.

— Oi, Melinda. Minha representante me mandou um e-mail dizendo que você convocou uma reunião reivindicando o cargo de CEO — falou, em um inglês fluente.

Corri os olhos nas duas mulheres à mesa e fitei a morena que o representava. Ela ajeitou seus cabelos curtos, enquanto eu a fuzilava com o olhar, perguntando-me como ela havia mandado um e-mail tão rápido.

— Sim, tio, é verdade — confirmei, categórica.

— No momento, você não está falando com o seu tio. Seu pai e eu sempre deixávamos de lado os laços sanguíneos quando tratávamos de negócios.

Eu também preferia deixar a questão familiar de lado.

— Durante esses anos, vocês ocultaram de mim a informação de que eu era dona das ações. E eu não elegi nenhum representante.

— Como assim você não sabia? — indagou, aparentemente descrente. — Sua mãe é que tem cuidado dos seus negócios, achei que você tivesse

conhecimento.

— Eu não sabia e estou aqui para corrigir isso e reivindicar o cargo.

— Não estou de acordo com sua decisão.

— Por quê? — Engoli em seco antes de continuar falando. — Você também acha que não tenho capacidade para ocupar o cargo?

— Não é isso. Só acho muito arriscado você assumir agora com a crise financeira que a empresa vem enfrentando.

— E você está de acordo com a nomeação do Greg?

— Estou, ao menos por ora. Para estar à frente de uma empresa desse porte, não basta só entender da parte administrativa, precisa saber como as coisas funcionam tecnicamente. O Greg é um ótimo engenheiro, conhece o funcionamento das fábricas como ninguém. Irei ao Brasil, Melinda, para resolvermos isso de uma vez. Colocar tudo às claras, pois, até o momento, não entendo como tudo isso aconteceu. Foi um absurdo o que fizeram com você. — Ele fez uma pausa. — Ainda acho que o melhor a fazer é você vir para a Alemanha trabalhar comigo.

— Não pretendo ir, pelo menos por enquanto. Quero ficar aqui e me inteirar de tudo.

— O que você acha de ficar com o cargo de diretora operacional? Tenho certeza de que você aprenderá muito com o Greg.

Trabalhar lado a lado com o Greg não estava nos meus planos, portanto não me restava saída a não ser aceitar. Será um bom álibi para estar aqui e me inteirar do funcionamento da empresa.

— Aceito o cargo, por enquanto — enfatizei.



Derrotada. Era como me sentia quando deixei a empresa e entrei em um táxi. Respirava fundo, tentando, a todo custo, segurar as lágrimas. Eu tinha falhado. Sabia que não seria fácil conseguir o cargo, contudo esperava que meu tio me apoiasse. O mais estranho é que, em momento algum, ele pareceu surpreso com minha vinda para o Brasil. Era como se ele já soubesse que eu estava aqui. Nada tirava da minha cabeça que Abílio tinha influenciado a decisão do Conselho.

Quando entrei no meu apartamento, fui direto para minha suíte. Enquanto subia as escadas, senti meu celular vibrando. Pesquei o aparelho na bolsa e levei ao ouvido.

— Eu não consegui, Daniel — proferi, com a voz embargada.

— O Abílio continua sendo o CEO?

— Não. Ele foi afastado, e o Greg assumiu o lugar dele.

— O Greg? — Daniel deu uma risada nervosa.

— Sim, o Greg. Ele teve o maior número de votos do Conselho.

Entrei na suíte, joguei minha bolsa sobre a cama e me dirigi para o banheiro. Abri as torneiras de água quente e fria. Enquanto a banheira enchia, arranquei os sapatos e os chutei para longe.

— Fui convidado para uma festa no final de semana. O que acha de ir comigo?

— Agradeço, mas…

— Não precisa responder agora. Terei que desligar. Já estou quase saindo do trabalho e te ligo para a gente combinar.

*“Eu em uma festa com o Daniel?”*

Se não fosse minha necessidade de me aproximar dele, aquilo seria algo que eu jamais aceitaria — não em um dia como aquele. Antes que eu pudesse responder, ouvi o vazio do outro lado da linha. Arranquei as roupas e me afundei na banheira.

Joguei a cabeça para o lado. Desolada, fechei meus olhos, em uma tentativa vã de esquecer os acontecimentos do dia. As imagens de Greg

transpirando uma virilidade a que eu não conseguia ser imune vieram me assombrar. O sangue ferveu em minha veias, por ser tão fraca quando se tratava dele. Remexi-me com violência, fazendo a água transbordar.

A campainha soou alto, meu corpo retesou no mesmo instante. Ninguém além de Greg e Daniel sabia que eu estava morando ali. Estremeci ante a possibilidade de ser Greg.

Forcei meu corpo para fora da banheira e enfiei o roupão pelos braços. A campainha continuava a tocar, insistente. Sentindo os pés descalços encontrarem o piso gélido, fui até a porta da frente. Pressionando o rosto na porta, olhei pelo olho mágico e só encontrei o corredor vazio.

Abri a porta e fiquei alguns segundos parada, fitando minha mãe, sem reação. O único movimento feito por mim foi um piscar os olhos. Ela me observava de volta com o rosto crispado, austero. Deixando evidente que ela não tinha ido ali por um bom motivo.

— Posso entrar? — perguntou, erguendo o queixo com altivez.

— Claro — respondi, um pouco abalada, pois, por mais que eu estivesse chateada, ali na minha frente estava a mulher que amei, imaginando ser a mãe perfeita. Mas tudo foi desfeito.

Ela entrou no apartamento, seus olhos inescrutáveis viajavam de um lado a outro.

Fechei a porta e fiquei observando-a, com os olhos semicerrados. A sua fisionomia havia mudado muito pouco nos anos em que fiquei longe, mas essa mulher movendo-se pela minha sala tinha se tornado uma estranha. Eu não a reconhecia mais.

Dei alguns passos e me aproximei. Por longos segundos, ou minutos, o silêncio constrangedor pesou entre nós.

— Sente. — Forcei minha voz para fora da garganta e apontei para o imenso sofá preto. — Aceita uma água?

Ela meneou a cabeça, em negativa. Seu corpo esguio tocou o assento, fazendo as molas rangerem, no entanto ela não desviou o olhar de mim nem por

uma fração de segundo.

— Muito bonito o apartamento. — Sua voz era fria como gelo. Olhei para minhas mãos e fiquei em silêncio, pois sabia que ela só estava tentando iniciar aquela conversa, e que seria uma conversa difícil. — Como você o conseguiu?

— Você sabe como — disse, com a mesma frieza. — E que bom que veio aqui, eu estava indo te procurar. — Dei um sorriso mudo. — Acho que está na hora de termos uma conversa, mãe. Não acha? — Ela inflou seu peito, impondo sua postura. — Começando do porquê escondeu de mim, por tanto tempo, que meu pai colocou a empresa em meu nome e usou de um momento em que eu estava debilitada emocionalmente para tomar decisões no meu lugar?

— Assim como você, eu também não sabia. Como já deve imaginar, Melinda.

— Não minta mais para mim. — Tentei manter a voz controlada. — Você tem cuidado dos meus negócios. Como não sabia?

— Seu advogado disse que, se entrar com uma ação, pedindo a devolução do dinheiro que usei todos esses anos, terei que fazê-lo — desconversou e senti sua voz vacilar. — Mas, nem se eu vendesse tudo o que tenho, conseguiria te devolver.

— Você só pode estar de brincadeira comigo. Você só veio aqui para se lamentar para o meu advogado não entrar com a ação. Meu Deus! — A constatação me causou ânsia. — Só falta me dizer que você gastou todo o dinheiro. — Parei para tomar fôlego. — Não sou mais uma garota, mãe. E não vou deixar que me manipule mais, menos ainda que minta ou tente me enganar ao dizer que não sabia — falei a primeira coisa que me veio à mente.

— O Abílio fez alguns investimentos que não deram muito … — Ela parou de falar, mas o pouco que disse foi o bastante para que eu soubesse que o marido era quem usava o dinheiro. A raiva pulsou em minhas veias. Senti como se a minha garganta estivesse se fechando. Minha mãe me fitou e continuou fugindo do assunto que eu queria saber. — Você acha que seu pai foi justo

comigo quando passou a maior parte do nosso patrimônio para o seu nome? — gritou, e seu olhos brilhavam de raiva. — Fui ao banco hoje sacar a parte do dinheiro da conta do seu pai que cabe a mim. — Uma lágrima de desespero desceu por seu rosto. Ela levou as mãos trêmulas até o fecho da bolsa, tirou um lenço de lá de dentro e enxugou o canto dos olhos. — A conta tinha um valor insignificante. Quase todo o dinheiro que havia nela foi transferido para sua. — Meus olhos se arregalaram, e minha boca ficou levemente aberta. — Não faça essa cara de surpresa. Se tiver acessado sua conta bancária, você já sabe disso. É impossível alguém não ter conhecimento de um valor tão alto.

Enquanto a encarava, me lembrei de que, junto com os documentos que Daniel me entregou, havia um com uma conta que fora aberta em meu nome e eu tinha me esquecido disso desde então.

— Eu não pedi para meu pai colocar nada em meu nome. Foi uma escolha dele.

— Pare, não se faça de sonsa! — gritou e se levantou, ficando a uma curta distância de mim. —Isso não é justo comigo, Melinda, menos ainda ter que lhe devolver um dinheiro, sendo que não tenho condição de fazê-lo — gritou, exasperada. Seguiu-se um longo momento de silêncio. Quando voltou a falar, sua voz estava mais branda. — Ainda estou tentando entender porque ele fez isso.

— Talvez ele tenha feito isso porque sabia que, quando morresse, a primeira coisa que você faria seria colocar tudo nas mãos do seu amante. — Minha voz soou raivosa.

Minhas palavras a feriram profundamente. Ela ergueu a mão, e o tapa estalado que veio a seguir acertou meu rosto em cheio. Senti um gosto metálico na boca. Levei um dedo ao canto dos lábios, limpei o líquido quente e viscoso e vi que era sangue.

Ela arregalou os olhos, depois os baixou, focalizando a própria mão, e voltou a me encarar. Esticou os dedos intencionando tocar meu rosto. Comecei a me afastar, andando de costas, com o olhar fixo em seu rosto que havia se

transformado em uma feição de dor. O arrependimento em seu semblante era perceptível. Por um instante, ela me pareceu apenas uma mulher desorientada.

— O que eu fiz? — perguntou, não sabia ao certo se falava comigo ou com ela mesma. — Viu o que você me faz fazer? Nunca tinha te batido e, desde que chegou, já quase o fiz duas vezes.

Quando meus pés tocaram o degrau, segurei no corrimão da escada e paralisei no lugar. Minha respiração saía ruidosa, e o ar que chegava aos meus pulmões não parecia suficiente.

— O que está acontecendo com você, mãe? O que deixou que fizessem de você?

A dor consumia minha alma como se fosse uma úlcera. A revolta tomou-me por completo, meu queixo tremia involuntariamente, minhas vistas ficaram embaçadas e lágrimas ameaçaram escorrer pelas minhas bochechas, mas eu me recusava a derramá-las. Trinquei os dentes, sufocando os soluços que queriam escapar. Nunca tinha visto minha mãe tão fora de si. Parte de mim queria acreditar que ela só estava revoltada por ter tido os planos frustrados, e a outra queria crer que havia algo sério com ela.

Ouvi a porta bater com força e ergui o olhar. Ela tinha ido embora. Deixei meu corpo deslizar para o degrau e, por fim, liberei o choro que estava preso na garganta.

Abri a porta do apartamento com vontade de socar tudo que aparecesse em minha frente. Ainda não tinha entendido o que meu pai tinha feito para convencer o Conselho a me nomear presidente, no entanto eu sabia bem o que o levou a tomar essa atitude desesperada. Meu pai não era o tipo que aceitava perder assim tão fácil.

Eu tinha convicção de que Melinda não havia dado aquele jogo por acabado. O olhar de raiva que ela me lançou durante todo o dia indicava isso.

Só de pensar nela meu coração bateu mais rápido. Como eu desejava aquela garota. Tive vontade de ir falar com ela, ouvir sua voz, mas isso talvez só piorasse a situação.

Joguei a chave do carro sobre a mesinha de centro, o som do metal batendo contra o vidro ecoou pela sala. Arranquei o paletó, a gravata, e os joguei no sofá. Abrindo os primeiros botões, fui até o bar na outra extremidade e me servi de uma dose de whisky. O líquido desceu queimando por minha garganta.

A campainha tocou. Fixei os olhos na porta como se pudesse ver do outro lado. Ao abri-la, encontrei Melinda parada, olhando para o chão, com um braço apoiado na parede, sustentando o peso do corpo. Vestia um roupão branco e seus pés estavam descalços.

— Estou com muita raiva de você — falou com uma voz embolada, muito diferente do seu tom normal.

— Eu sei.

— É só isso que você vai dizer? Eu sei?

Ela ergueu a cabeça para me olhar. Foi então que vi o hematoma avermelhado que cobria o lado esquerdo do seu rosto.

— O que aconteceu com você?

— Minha mãe me deu um tapa. — Vi as lágrimas brotarem em seus olhos. — Você já imaginou minha mãe me batendo? — Meneei a cabeça em negativa. — Nem eu. E eu sei que foi você quem deu a ela o meu endereço. Você, Greg. Eu te odeio tanto. — Começou a gargalhar.

— Não fui eu.

Sabia que meu pai logo descobriria o endereço dela, porém não imaginava que seria tão rápido. Ele estava se sentindo ameaçado por ela e faria de tudo para tirá-la do caminho. Controlar seus passos era só o início do processo.

— Se não foi você, quem foi? — Ela apontou o dedo em riste para meu peito. O cheiro de álcool invadiu minhas narinas.

— Você bebeu?

— Eu bebi uma taça de vinho. Está tudo girando, mas estou sóbria.

Seus olhos azuis estavam desfocados. Melinda cambaleou sobre seus pés. Segurei-a com força, unindo seu corpo ao meu. Ficamos assim por alguns segundos, os olhos presos nos do outro, as respirações misturando-se, tornando-se apenas uma. Um arrepio me sacudiu, espalhando uma corrente elétrica por meu corpo. Eu não me lembrava de ter sentido algo assim antes. Melinda abriu a boca para falar, mas nada aconteceu. Não consegui desviar o olhar dos seus lábios vermelhos e carnudos, um súbito desejo de beijá-la veio à tona, e meu rosto começou a se aproximar do dela. Recobrei a razão no mesmo instante, ela estava bêbada, do contrário não estaria de bom grado nos meus braços, olhando-me como se eu fosse comestível.

Conduzi para dentro.

— Farei um café amargo para você e vou cuidar do seu rosto. Você não quer se sentar?

Seus dedos se fecharam no tecido de minha camisa, como se temesse que

eu fosse me afastar.

— Não quero café, estou bem.

— Um banho frio vai te ajudar a melhorar, então.  Venha.

Suas mãos subiram por meu peitoral e seus braços foram parar em torno do meu pescoço. Ela encostou a cabeça em meu tórax e deslizou os lábios quentes na minha pele exposta, arrepiando-me por inteiro e fazendo meu pau dar sinal de vida dentro da calça. Tentei me controlar, aquele não era o momento para ter uma ereção. Encostei o rosto no topo da sua cabeça e senti o cheiro do seu cabelo, que caía em suas costas como uma cascata.

— Vou adorar tomar banho com você.

Antes que me desse tempo para processar suas palavras, ela puxou meu rosto para perto do seu e colou nossos lábios, forçando a língua para dentro da minha boca. Perdendo completamente o controle, apertei-a com mais força em meus braços. Com a outra mão segurei sua nuca e devorei sua boca. Um gemido manhoso escapou do seus lábios, deixando-me ainda mais duro. Automaticamente, minhas mãos viajaram até suas coxas e subiram até sua bunda.

— Sem calcinha, Melinda? Isso é jogo baixo.

Retirei seus braços do meu pescoço e me afastei. Se eu continuasse, não conseguiria parar.

Melinda avançou em minha direção, os olhos azuis cravados em mim. Seus pés se enroscaram em uma pequena dobra do tapete e ela teria ido ao chão se eu não tivesse sido rápido o bastante para segurá-la.

Peguei-a no colo, carreguei até o quarto e coloquei-a na cama.

— Vou pegar uma bolsa de gelo para o seu rosto.

— Não quero bolsa de gelo nenhuma. Quero você, Greg.

— Eu também te quero nua na minha cama.  Gemendo e gritando meu

nome, mas quero que esteja sóbria — sussurrei em seu ouvido com o rosto a centímetros do seu.

Queria muito fazê-la minha.

— Eu já disse que estou sóbria — exasperou-se.

— Não, você não está. E vai me odiar ainda mais se isso acontecer. Você tem um namorado, lembra? — Não sabia porque eu tinha começado com aquilo, mas sabia que isso estava me incomodando desde que foi dito por meu pai na reunião.

— Sean não é meu namorado. Na verdade, nunca demos um rótulo para o que tínhamos.

— Então o nome dele é Sean? — Ela se virou para o lado, deixando à mostra uma parte de sua bunda. Respirei fundo, tentando manter a sanidade. Puxei o edredom sobre ela e sentei ao seu lado na cama. — Posso saber por que nunca rotularam o relacionamento? Mulheres adoram rótulos.

— Amo o Sean…

— Você o ama? — perguntei, interrompendo-a. Ouvi-la dizer que amava outra pessoa fez meu coração se encolher e minhas mãos se fecharam em punho.

Ela riu e sua risada bêbeda encheu o quarto.

— Não tem como não amar o Sean, mas eu nunca… — Parou de falar de repente e fitou o vazio. — E você? Alguma mulher já conseguiu chegar ao seu coração algum dia?

A mudança brusca de assunto me pegou desprevenido.

— Já me apaixonei por uma garota — confessei, desejando que ela não se lembrasse disso na manhã seguinte. — Me apaixonei por ela desde o primeiro momento em que a vi, mas fiz de tudo para sufocar esse sentimento.

— Por que, Greg? — falou em uma voz quase sussurrada.

— Eu não era o cara certo para ela. E ela sabia disso, porque sempre

fugia de mim.

— Se apaixonar por você é como estar em queda livre. Talvez ela não estivesse disposta a cair. Você nunca se importou com os sentimentos das pessoas. — Eu podia sentir uma raiva contida em sua voz.

— Não saia daí, já volto.

Ainda sentindo o efeito perturbador de suas palavras, fui à cozinha e retornei com a bolsa de gelo. Seus olhos estavam fechados, seus cabelos loiros espalhados pelo travesseiro, e seus lábios vermelhos ainda estavam inchados do nosso beijo. Quantas vezes fantasiei em vê-la assim? Nem eu mesmo saberia numerá-las. Diante dessa visão, minha excitação chegou a um nível quase insuportável.

Acreditando que ela estivesse dormindo, aproximei-me com cuidado. Então Melinda abriu os olhos e sorriu, roubando-me o fôlego.

— Deixe eu cuidar do seu rosto ou esse hematoma estará com uma cor horrível amanhã. — Voltei a me sentar ao seu lado e coloquei a bolsa em sua bochecha. Ela gemeu. — Você ainda não me contou o que houve entre você e a sua mãe.

— Ela teve um rompante de raiva, o segundo, desde que cheguei… Eu nunca a tinha visto tão fora de controle. Tem alguma coisa de errada com ela. — Sua voz sai engasgada pelo choro. — Só não sei o que é.

Suas palavras trouxeram à tona lembranças do meu passado que eu tentava a todo custo esquecer. Ficamos um bom tempo em silêncio. Seus olhos se fecharam. Observei-a por longos minutos, preso aos seus traços perfeitos e delicados. Ela amava outro. Fiquei ali sentado, absorvendo suas palavras dolorosas. Ela começou a ressonar baixinho. Inclinei-me sobre a cama e beijei seu ombro.

Deixei o quarto, caminhei em passos rápidos até o banheiro, e foi a terceira noite que me masturbei chamando o nome dela.

## Greg

O som do despertador arrancou-me do sono. Estiquei o braço e apertei o botão, finalmente cessando o barulho irritante. Melinda estava enroscada em mim, sua respiração fazia cócegas na minha pele. Com cuidado, retirei sua cabeça que descansava em meu peito e as pernas que se entrelaçavam às minhas. No mesmo instante, tive vontade de tomá-la de novo em meus braços e fazê-la minha.

Tomei um banho rápido. Ainda abotoando o paletó, me movi até a cozinha e coloquei uma cápsula na cafeteira. Assim que ficou pronto, tomei em goles longos. Não daria tempo para um café completo ou chegaria atrasado ao trabalho.

Depois de pegar um trânsito relativamente calmo, parei no estacionamento da empresa e desci do carro. Conferi minha aparência no retrovisor e arrumei a gravata. Assim que cheguei ao hall do meu andar, pude ver a grande movimentação lá dentro. Através das paredes de vidro, olhei a sala da presidência. Meu pai se movia lá dentro. Indisposto a enfrentar seu mau humor habitual àquela hora da manhã, fui direto para minha antiga sala, ciente dos olhares que eram dirigidos a mim. A minha promoção e o afastamento do meu pai do cargo certamente era o principal assunto nos corredores.

Afastei as cortinas da grande janela de vidro, da qual era possível ter uma bela visão do bairro Morumbi, e ocupei a poltrona de espaldar alto e confortável, perfeita para acomodar meu corpo de 1,83m. Peguei o telefone e disquei o ramal da minha secretária. Minutos depois, ela bateu e enfiou a cabeça pela porta entreaberta.

— Bom dia, senhor Montenegro.

— Bom dia, Laura. Me passe a agenda do dia e me traga um café

completo, por favor.

— Só um momento, senhor.

Tirou uma poeira invisível de sua saia e se afastou.

Eu ligava meu computador quando ouvi a porta abrindo e meu pai entrar por ela. As olheiras arroxeadas debaixo dos seus olhos deixavam evidente que ele não tinha dormido. Arrastando a cadeira à sua frente, sentou-se e apoiou os cotovelos na mesa. Seu semblante inexpressivo não me preparou para o que viria a seguir.

— Por que não foi para a sala ao lado? Ainda está com a ideia de não aceitar o cargo? Achei que essa questão já tinha sido resolvida.

— E foi. Mas não vejo nenhum problema em continuar na minha sala, uma vez que a Melinda deixou claro que logo abrirá seleção de um novo presidente que seja da confiança dela. O tio dela virá em breve para…

— Você não permitirá que isso aconteça — rosnou, interrompendo-me.

— Não posso fazer nada a respeito.

— Não só pode como fará. — Um sorriso frio e cínico se desenhou em seus lábios. — Você já tem a confiança de todos aqui, meu filho. — Ouvi-lo me chamar de filho fez meu estômago revirar. Aquele homem à minha frente nunca fora definitivamente um pai para mim. — Ganhe a confiança da Melinda.

— Nunca compactuei com esse seu jogo doentio e não começarei agora.

— Não seja mal agradecido. Se chegou até aqui, foi graças a mim e ao meu dinheiro.

— Dinheiro da minha mãe — cuspi as palavras, a raiva explodindo em meu peito. Ele não respondeu e continuei: — Chega a ser impressionante como você tem uma forte atração por mulheres ricas.

— E por falar em esposa rica, futuramente quero te apresentar à filha de um deputado amigo meu — disse, mudando subitamente de assunto.

Perscrutei seu rosto, enojado.

— O que você ganha se eu conseguir levar essa moça ao altar?

— Quem ganha é você, Gregório.

Ri sem vontade.

— Acha mesmo que acredito nisso? As pessoas para você são meras peças em um tabuleiro que são movidas conforme a sua necessidade.

Seu semblante sequer se abalou com minhas palavras.

— Essa apresentação ainda vai demorar. Antes você precisa conquistar a Melinda.

Levei a mão ao queixo, na tentativa de entender sua linha de raciocínio.

— Acha que, se eu conquistar a Melinda, ela se submeterá às suas vontades? Não conte com isso.

— Sei que isso não acontecerá Só quero que você a tire do nosso caminho.

Levantei-me e comecei a andar pela sala.

— Não estou entendendo aonde quer chegar. — Voltei-me para ele.

— Faça-a se apaixonar por você e depois quebre o coração dela. Mulheres não suportam um coração partido.

— Não conte comigo para isso.

— Você sabe o que acontecerá caso outra pessoa assuma o cargo e tem direito à sua escolha, assim como também tenho à minha. Arrastarei todos vocês para a cadeia junto comigo. — A frieza em sua voz me deixou lívido.

— Não tenho nada a ver com as coisas que você fez. Eu não sabia de nada.

— Você era o vice-presidente, meu braço direito aqui dentro. Talvez você consiga provar que não sabia. — Minhas mãos se fecharam em punho. Permaneci imóvel, mas era possível perceber a tensão em cada músculo do meu

corpo. Soltei um longo suspiro e precisei de muito autocontrole para não socar a cara dele. — Um mês. Você tem um mês para tirar aquela fedelha daqui. Caso você não faça, eu mesmo darei um jeito nela.

— Não ouse encostar em um único fio de cabelo dela, ou eu …

— Ou você o quê, Gregório? — Ele se levantou e se aproximou. — Você se importa com ela, não é mesmo?

A porta se abriu e minha secretária entrou equilibrando uma bandeja.

— Eu bati, mas acho que não me ouviram — disse ela, desculpando-se.

— Já terminamos aqui — enunciou meu pai, lançando um olhar sedutor e sorriu para ela de modo provocativo.

*“O que irei fazer?”*, perguntei-me ao vê-los deixando a sala.

Revirei-me na cama e abracei o travesseiro. Eu não me lembrava de ter comprado um, assim como o resto da roupa de cama. Toquei os lençóis macios, o cheiro de limpeza que deles emanavam adentrou minhas narinas, trazendo-me uma sensação reconfortante. Forcei minhas pálpebras pesadas a se abrirem e a claridade machucou meus olhos. Uma dor aguda penetrou em minha fronte, obrigando-me a fechá-los imediatamente. Um gemido escapou dos meus lábios. Voltei a abri-los lentamente, mantendo-os semicerrados para que se acostumassem. A dor foi diminuindo de intensidade. Corri os olhos pelo quarto e o reconheci de imediato, contudo não fazia ideia de como tinha ido parar ali. Forcei minha mente a se lembrar da noite passada. Minha última lembrança era da briga com mamãe e de eu ir para o terraço com uma garrafa de vinho

Coloquei as pernas para fora da cama e precisei de um enorme esforço para me levantar. Meu estômago se contraiu, agarrei-me na primeira coisa que meus dedos tocaram e respirei fundo, tentando segurar o vômito.

Foi então que percebi que meu corpo estava parcialmente coberto com o roupão da noite anterior e eu estava nua por baixo. Isso deveria significar que não tinha acontecido nada entre mim e Greg? Procurei-o na cama, mas ele não estava ali. Meus olhos recaíram sobre o relógio no criado-mudo, e me espantei com as horas.

Provavelmente Greg tinha ido para o trabalho.

Intencionando sair dali, arrastei-me para fora do quarto. Ainda do pequeno corredor, vi Greg na cozinha, concentrado em algo sobre o fogão. Como se pressentisse minha presença, ele olhou ao redor. Nossos olhares se cruzaram e ele voltou sua atenção ao que fazia. Aproximei-me da ilha e escorei na lateral.

Completamente inebriada, vislumbrei por um tempo sua figura

imponente. As mangas da camisa estavam arregaçadas, deixando à mostra os antebraços fortes e cheios de veias.

— Venha, Melinda, sente-se. O almoço está quase pronto.

— Achei que tivesse ido trabalhar — titubeei, sem saber como iniciar a conversa.

— Eu fui, mas achei melhor voltar para ver como você está.

— O que aconteceu comigo? Como vim parar aqui?

— Você bebeu além da conta.

Senti meu rosto corar na hora, a vergonha tomou conta de mim. Eu só poderia estar muito bêbada para aparecer quase nua no apartamento de Greg. Desejei que o chão se abrisse sob os meus pés para não ter que encará-lo. Mas, como isso não aconteceu. Um pouco hesitante, voltei a fitá-lo. Eu não poderia ir embora com a cabeça cheia de dúvidas.

— Não. Só tomei uma taça de vinho. Sou fraca para bebidas — menti. — Nós dois...? A gente…?

— O que quer saber exatamente? — Ele se aproximou com passos confiantes e sensuais, analisando-me com o semblante sério. — Se a gente fez sexo? Foi realmente uma noite mágica.

Meus olhos se arregalaram e meu queixo caiu. Levantei a mão, tapando minha boca.

*Deus! Eu transei com ele e não me lembro de nada!*

— Não aconteceu nada entre nós, só dormimos juntos — disse, torcendo os lábios ligeiramente, esboçando um sorriso irritante.

Suspirei de alívio.

— Mas, não fizemos, pois estava bêbada demais para se lembrar no dia seguinte. Isso não quer dizer que ainda não será minha — determinou.

Seu tom de voz era uma mistura de ameaça e promessa.

— Não conte com isso — redargui, tentando convencer a mim mesma.

Até quando eu conseguiria resistir a ele? Se quando o assunto era Greg meu autocontrole parecia se dissolver como poeira.

— Você precisa de um remédio para dor de cabeça?

— Não, obrigada. Já vou indo … — Dei alguns passos, e em seguida senti sua mão se fechar em meu antebraço.

Virei-me para ele e nosso olhar se prendeu pelo que pareceu uma eternidade. Esticando o braço direito, gentilmente ele empurrou meu cabelo para trás da minha orelha. Então, correu os dedos por meu rosto com carinho. Um arrepio sacudiu meu corpo.

— Você precisa comer, tenho certeza de que se sentirá melhor.

Sua mão buscou a minha e ele me conduziu para a mesa.

Greg encheu um prato de sopa fumegante e colocou sobre o mármore. Percebendo que ele me estudava, levei uma colherada à boca. A comida desceu com dificuldade pela garganta, pois me senti enjoada somente com o cheiro. E essa cena, não seria uma boa lembrança futuramente: eu vomitando no meio da sua cozinha.

Serviu-se com salada fria e sentou-se à minha frente. Por longos minutos nem um de nós dois disse nada até que ele quebrou o silêncio.

— Por que você foi embora sem se despedir de mim, Mel? Você nem ao menos me disse que iria — Greg disse, pegando-me desprevenida. Ainda mais quando seu tom de voz sugeria que ele tinha ficado magoado.

— Tenho certeza de que não faria nenhuma diferença — concluí com um misto de mágoa e tristeza.

Porque Greg nunca tinha se importado comigo e uma parte de mim gostaria que ele se importasse.

— Você sabe que faria — sussurrou e por um instante duvidei que ele realmente tivesse dito.

Seu olhar era diferente de qualquer um que já tinha me dado, havia outra coisa, talvez remorso e carência.

— Você simplesmente desapareceu depois que nossos pais se casaram — justifiquei-me e levei uma colherada à boca, obrigando-me a engolir.

— Você não foi a única que não soube lidar com esse casamento. Fazia

pouco tempo que minha mãe tinha morrido e... — Esperei que continuasse a falar, mas limitou-se a levar o guardanapo aos lábios.

— Você não contava que seu pai fosse se casar de novo.

— Eu não contava que ele se casaria com sua mãe — afirmou com voz baixa.

*"Como, não? A minha mãe era uma mina de ouro. A ascensão do pai e do filho".*

— Você se lembra por que bebeu tanto?

Baixei os olhos.

— Minha mãe e eu tivemos uma briga. — Ergui a mão e toquei meu rosto, onde ela tinha dado o tapa.

— Sei que você deve estar magoada com sua mãe, pelo que aconteceu ontem — continuou. — Mas ela gosta de você, Melinda.

— Isso não é verdade — repliquei. — Ela nunca quis que eu voltasse e você sabe o porquê.

— Talvez ela...

Ergui a sobrancelha, e encarei seus olhos verdes esperando que ele continuasse a falar.

— Te vejo na empresa? — questionou, descansando o talher no prato vazio, enquanto minha sopa continuava quase intocada.

— Não sei. — O mal-estar dominava meu corpo. Provavelmente eu não conseguiria sair de casa. — Até mais.

Levantei-me e me dirigi para a porta. Enquanto eu caminhava senti seu olhar me perseguindo, queimando minha nuca.

### DIAS DEPOIS...

Trabalhar ao lado de Greg, estava sendo meu inferno particular. Era muito difícil lidar com a dualidade dos meus sentimentos em relação a ele. E os corredores da empresa tinham se tornado nosso campo de batalhas. Ainda que

tivesse um cargo e esforçando para fechar um bom contrato, não podia tomar nenhuma decisão. Mesmo trabalhando diretamente com Greg, devido minha função, ele não me incluía em nada. E Abílio vigiava todos os meus passos, o que aumentava cada vez mais minha raiva. Mas isso não me impedia de fazer o que eu realmente queria, acompanhar de perto o funcionamento da empresa.

Naquele momento, dirigia-me à sala de arquivos, a porta da sala de Greg encontrava-se entreaberta. Olhando de soslaio, o vi lá dentro. Seus olhos estavam fixos no rosto da presidente do Conselho que ria de algo que ele falava. A raiva subiu pela minha garganta. Não sabia ao certo se era pelo rancor que eu nutria por ela desde a nomeação do Greg ou se pela forma que ela o olhava de volta. A cabeça de Greg se voltou para a porta. Dei um passo para trás. Temendo ser pega os observando, voltei a andar e entrei na sala de arquivos.

Eu revirava uma gaveta em busca de um contrato quando o perfume amadeirado de Greg inundou o ar, denunciando sua presença naquele pequeno espaço antes mesmo que se aproximasse. Como se ganhasse vida própria, meu pescoço se virou em sua direção. Foi impossível não reparar no quanto ele estava lindo e irresistível naquele terno. Ouvi o ranger horrível de uma gaveta e aproveitei para olhá-lo um pouco mais.

Meu celular vibrou no bolso da calça social. Olhei rapidamente a tela e o levei ao ouvido sem hesitar.

— Oi, Daniel — falei, com uma animação forçada. — Que bom que me ligou, eu estava mesmo precisando falar com você.

Greg parou de mexer nas pastas, mas continuou na mesma posição.

— Oi, Melinda. Estou ligando para te lembrar do meu convite para a festa hoje. Ainda não me deu uma resposta.

— Festa? Vou adorar — concordei, sabendo que me arrependeria daquilo mais tarde. Mas, eu precisava manter aquele contato com Daniel, e ganhar a confiança dele. Tinha certeza de que ele sabia de muita coisa.

— Aonde vamos?

— A uma inauguração de uma casa noturna de um amigo meu.

— Que horas passa para me pegar?

Ouvi uma voz abafada do outro lado da linha, e a ligação ficou muda por alguns segundos.

— Às 22h00 está bom para você?

— Está ótimo, estarei esperando.

Finalizei a ligação.

— Encontrou o que procurava? — provoquei, vendo que Greg não tinha nada nas mãos, ao me olhar de forma interrogativa.

Ele não respondeu de imediato e quando o fez foi em um sussurro ininteligível.

— Sua secretária está muito ocupada? — continuei, estranhando ele estar na sala de arquivos.

Sempre que eu entrava nela me sentia vigiada. O que me levava a crer que havia algo ali que não queriam que eu tivesse acesso.

— Sim, está — respondeu, franzindo os lábios e cerrou o maxilar. — Era o Daniel? — concordei, com um pequeno sorriso surgindo em meus lábios. — Vocês me parecem bem íntimos.

— Estamos sim. Daniel tem se mostrado um bom amigo, inclusive me convidou para uma inauguração de uma boate. Estou bem animada — provoquei, sabendo que de certa forma Greg não gostava de Daniel e eu ainda iria descobrir o porquê.

Endireitando a postura repentinamente, Greg deixou a sala. Meu intuito tinha funcionado.

Olhei-me no grande espelho, alisando o vestido preto que cobria até metade de minhas coxas. Joguei meu cabelo sobre o ombro direito e me virei ligeiramente para ver o decote em "v" que terminava um pouco abaixo da minha

cintura. Minha pele demasiado clara contrastava com a cor do tecido e deixava evidente que há muito tempo eu não tomava sol.

Comecei a sentir um aperto no peito e eu sabia bem o porquê: Era falta de Amanda e de ter uma vida social.

Deixei o apartamento e, pela primeira vez, optei por usar o elevador privativo. Meu reflexo no espelho era minha única companhia.

Analisei meu rosto coberto com a maquiagem carregada, ainda um pouco descrente que eu tinha mesmo aceitado ir a uma festa.

Ao passar pelo portão, logo avistei Daniel falando no celular, gesticulando com as mãos e parecendo irritado.

— Tudo bem, Liz. Posso saber quem é a pessoa? — perguntou, exasperado.

Tão absorto estava que demorou um pouco para que notasse minha presença. Quando o fez, sua boca se abriu lentamente, e seus olhos verdes se arregalaram.

Aguardei em silêncio até que terminasse a ligação. Não deixei de notar o quanto ele estava elegante vestindo apenas calça jeans de lavagem escura e uma camisa branca.

— Você está maravilhosa. — Aproximou-se e beijou meu rosto.

— Obrigada, você também não está nada mal. Tem certeza de que quer mesmo sair? — indaguei, observando sua expressão preocupada. — Se quiser, podemos…

— Não podemos ficar presos em casa esperando as decisões serem tomadas — falou, enigmático.

Daniel abriu a porta do esportivo e me ajudou a subir. Seguíamos calados. Ele parecia perdido em pensamentos. Quando parou no semáforo, quebrou o silêncio.

— O que você tinha para me falar?

— Minha mãe comentou que, se eu quiser, posso entrar com uma ação para que ela devolva o dinheiro da empresa. Eu não quero, Daniel.

— Por que, Melinda?

— Ela não tem como me devolver. Acredito que esse dinheiro nem passou pelas mãos dela. — A conversa entre a gente fluía tão facilmente que às vezes eu acabava falando o que não devia. — E ela é minha mãe.

Desde que a noite que minha mãe me deu o tapa que não nos víamos ou não falamos mais. O ressentimento me corroía. Eu me pegava por vezes com vontade de fazê-la me devolver cada centavo. No entanto, havia um sentimento incomensurável que não me deixava ir em frente.

— Não farei nada que não seja da sua vontade. Fique tranquila. — Fitou rapidamente meu rosto e voltou a prestar atenção no trânsito. Apertou o volante com força com um ar compenetrado.

— Algum problema? — perguntei.

Ele negou com um meneio de cabeça.

— Só estou pensando como essa informação chegou até sua mãe — murmurou, pensativo.

— Você não falou com ela? Ou com o advogado dela?

— Talvez eu tenha falado. Não me lembro — desconversou, com certeza ele se lembraria de algo assim.

Suas mãos começaram a batucar no volante, denotando nervosismo. Constatei que ele só queria dar o assunto por encerrado.

— Excesso de trabalho — justificou-se, ao notar que eu ainda o observava, intrigada.

Meus olhos estavam atentos a cada movimento que ele fazia. De novo me veio a sensação de que havia algo nele que me era muito familiar. Seu jeito de me olhar era tão acolhedor que por vezes me pegava com medo de que estivesse fazendo algum tipo de jogo.

— Quando você vai me contar o real motivo que te levou a se aproximar de mim?

—Você já conhece meus motivos. — Franziu as sobrancelhas, pensativo. — Por que você está aqui, Melinda? — Fez um círculo no ar, indicando o

interior do automóvel.

— Não entendi sua pergunta. — Dei de ombros.

— Você não confia em mim, no entanto está aqui, comigo.

Desviei o olhar e fixei em minhas mãos que descansavam sobre os joelhos.

— O meu pai confiou em você em um momento em que ele não confiava nem na própria esposa.  Deve haver algo especial em você, Daniel.

— Você e o Greg parecem se dar bem. — Arqueei a sobrancelha, olhando-o com espanto. Por que ele achava que eu me dava bem com Greg? Meus sentimentos eram tão perceptíveis ou ele estava só tentando me arrancar a informação? — Agora que ele assumiu, você desistiu do cargo de CEO?

— Não nos damos bem — respondi, prontamente.  — Eu não desisti. O meu tio virá para o Brasil em breve, então pedirei que seja selecionado um novo CEO.

— O seu pai não gostaria que você desistisse.

Ao parar o carro no meio fio, Daniel saltou, abriu a porta para mim e entregou a chave para o manobrista.

Enquanto andávamos pela calçada de mosaico, dirigi o olhar para a fachada. Dos pequenos vidros, saíam feixes de luzes néon.

Enquanto subíamos a rampa de acesso, gemi, incapaz de esconder meu desgosto em estar ali.

— O que foi, Melinda?

— Não gosto de lugares muito de cheios.

Daniel riu.

— O que você fazia em Los Angeles, Melinda?

Eu sabia exatamente o que ele tentava insinuar. Para alguém que morou por anos na cidade das estrelas e celebridades, com muitas baladas famosas, talvez fosse esperado que eu apreciasse aquele tipo de coisa. Nas poucas vezes que saía era mais por insistência de Amanda e Sean.

— Digamos que nunca estive tentando ser uma das patricinhas de

*Beverly Hills*.

Depois de conferir nosso nome na lista, Daniel entrelaçou o braço no meu e me guiou para dentro. As luzes coloridas acendiam e apagavam, deixando-me momentaneamente cega. Abrindo caminho entre a multidão e tentando não esbarrar nos corpos, que se balançavam ao ritmo da música, chegamos a uma escada. Não ofereci nenhuma resistência quando Daniel segurou minha cintura e praticamente me rebocou pelos degraus. Conduziu-me para uma sala lotada, e seguimos em direção a algumas mesas. Pelo modo confiante que Daniel se movia, era possível perceber que era frequentador assíduo do local.

— Daniel! — Um homem que estava sentado em um *puff* se levantou e deu um tapinha no ombro de Daniel.

— Essa é a Melinda… — Eu vi o estranho crispar os lábios como se tentasse lembrar se me conhecia. — Melinda Becker. — Mesmo na pouca luz, senti seu olhar sobre mim, avaliando-me. Sua feição atenuou-se. — Esse é o Felipe de Lins, sócio do escritório em que trabalho.

Franzi o cenho pensando o porquê de ele não ter dito "meu sócio"?

Sem se intimidar com a proximidade de Daniel, que ainda mantinha uma mão nas minhas costas, Felipe deu um passo à frente e beijou meu rosto, roçando sua barba cerrada na minha pele.

— Prazer em te conhecer, Melinda — disse em uma voz sussurrada.

Tive que me conter para não revirar os olhos.

Sentando-me no *puff* macio, cruzei as pernas. O olhar de Felipe percorreu-as lentamente, até encontrar meu rosto. No mesmo instante, tive vontade de me cobrir. Sustentando seu olhar, ajeitei minha postura. Ele era muito bonito, tinha o queixo quadrado, fisionomia máscula e porte elegante. Parecia ser um pouco mais velho do que Daniel.

— Vou pedir as bebidas, com licença — disse Daniel, levantando-se.

Antes que eu pudesse me oferecer para ir com ele, o perdi entre a multidão.

— Estou me perguntando como não te conheci antes. — Felipe se inclinou para o meu lado e colocou a mão em meu joelho. Retraí-me com seu toque. O que não passou despercebido por ele. Algo nele não me atraía, talvez porque me parecia meio arrogante.

— Eu morava em Los Angeles e voltei há pouco tempo.

Mantive-me respondendo suas perguntas por um tempo, mas meus olhos insistiam em vagar em busca de Daniel.

Quando ele voltou a se sentar, respirei, aliviada.

— Já vão trazer as bebidas. Tomei a liberdade de pedir um *drink* para você — disse, dirigindo-se a mim.

Eu já estava meio tonta depois de beber o segundo *drink* deliciosamente doce, da noite. Não era minha intenção beber, de certo nem sair, mas acabei me deixando levar pela música e ambiente e quando dei por mim, já terminava o segundo.

— Tudo bem se o Felipe te fazer companhia por alguns minutos? — Daniel perguntou.

— Claro! — confirmei.

O vi se levantar e logo o perdi de vista.

Meu corpo começava a ficar leve, e era uma sensação boa. Responder às perguntas de Felipe não me exigia mais esforço.

Passado algum tempo, decidi deixar a mesa. Meus sentidos começavam a ficar um pouco debilitados por causa do álcool que entrava na minha corrente sanguínea.  Eu precisava de água e ir embora desse lugar.

Caminhei até as escadas, enquanto descia, os degraus pareciam fugir dos meus pés. Agarrei ao corrimão e apertei os olhos tentando localizar Daniel entre os corpos que balançavam em meio a fumaça artificial.

— Quer dançar, Melinda? — Virei-me na direção da voz. Era Felipe que estava logo atrás de mim, com a mão estendida.

Balbuciei alguma coisa, por certo ininteligível. Logo ele me puxava para

a pista de dança. Olhei-o se mover por um tempo, fui tomada por uma euforia, até então desconhecida, e tentei dançar no mesmo ritmo. As paredes giravam. Felipe colocava as mãos na minha cintura e me puxava para perto do seu corpo. Suas mãos ousadas buscavam com frequência as minhas costas desnudas.

Quando a música terminou, me desvencilhei dele e fui para o bar.

Pedi água, sentando-me no banco de madeira, agradecida por me livrar de seu toque e seu corpo colado ao meu. Quando vi Felipe se sentar ao meu lado, revirei os olhos e bufei, frustrada. Ele pediu as bebidas e se sentou defronte para mim.

O barman colocou os *drinks* e minha água sobre o balcão.

Senti um corpo tocar minhas costas e, antes que eu me desse conta, o copo foi afastado para longe. Estremeci por dentro quando uma voz rouca chegou ao meu ouvido, impondo-se ao volume da música.

— Para quem se diz fraca para bebidas, já está na hora de parar. — Antes mesmo de ver, eu já sabia de quem se tratava: Greg. A cada movimento, seus lábios tocavam minha orelha.

Minhas pernas ganharam vida própria, pus-me de pé e o encarei surpresa. Um sorriso hipnotizante surgiu em seus lábios, deixando-me presa por uma fração de segundo. Nesse momento, meu coração disparou, completamente sem controle.

— Greg?! — exclamei.

Senti Felipe ficar tenso com sua proximidade.

— Então já se conhecem? — perguntou Felipe, não escondendo o desgosto.

— Sim e você conhecerá a força do meu punho se continuar tocando nela desse jeito. — Sua voz transformou-se em um rosnado.

Felipe me olhou e levantou as mãos em rendição, com um sorriso cínico nos lábios.

— Calma, cara. Estávamos apenas conversando. Boa noite ao casal — disse de forma irônica. Seu tom não abrandando em nada a situação.

Greg colocou o braço em volta de minha cintura e me puxou para si de forma possessiva.

— Não estou acreditando que me seguiu até aqui — falei, esquecendo de Felipe ao lado.

— Também fui convidado. Mas saber que você estava aqui foi um bom incentivo.

Ignorei as batidas loucas do meu coração e apertei os lábios para não sorrir feito uma boba.

— Pode me levar para casa?

Entrelaçando nossas mãos, Greg me guiou entre as pessoas. Não pude evitar de esbarrar em algumas. As luzes giravam no mesmo ritmo da música, deixando-me ainda mais tonta.

Alcancei a escada da sala VIP e segurei com força o corrimão de ferro, mas, antes de colocar os pés no degrau, ele me deteve.

— Vou procurar o Daniel.

— A última vez que o vi, ele estava bem ocupado.

Seu olhar se prendeu ao meu por alguns segundos. O tempo pareceu parar. Meu coração continuava disparado no peito como uma britadeira. Só a presença dele já foi o suficiente para me deixar fora de mim. Como eu odiava que ele tivesse esse efeito sobre mim. Detestava-me mais ainda por me deixar afetar, ainda que soubesse que era errado.

Balancei a cabeça para os lados para recuperar o fio da minha sanidade.

Ao sentir seus lábios aproximando-se dos meus, tentei me esquivar,

— O que você quer, Greg? — tentei gritar mais alto do que a música.

— Você, Melinda... Quero você.

Sua mão segurou firmemente minha nuca no tempo que sua cabeça abaixava para mim e seus lábios esmagou minha boca com a sua. Forçando passagem entre meus dentes, invadiu minha boca com a sua língua esfomeada e exigente. Minhas defesas caíram. Minhas mãos se enterraram em seus cabelos espessos, retribuí o beijo com a mesma fome. Nossas línguas se buscavam com

luxúria. Seus braços envolveram minha cintura, e ele me suspendeu no ar, deixando-me quase na sua altura. Consumida pelo desejo, esqueci do mundo ao nosso redor e abracei sua cintura com minhas pernas. Senti seu corpo movendo-se. Quando paramos de nos beijar, abri os olhos e me descobri em um lugar escuro. O som da música ali soava abafada. Os passos ressoavam por cima de nossas cabeças, deduzi que estávamos debaixo da escada.

Ele se afastou, me puxou para os seus braços e atacou minha boca com ferocidade. Com uma mão tocava a pele nua de minhas costas e, com a outra, apertava minha bunda. Seu toque era tão excitante, era como se milhares de fagulhas incendiassem meu interior. Eu estava completamente entregue. Um tremor sacudiu meu corpo, e minhas pernas fraquejaram. Parecia que eu estava caindo. Busquei algo para me agarrar. Minhas mãos deslizaram na parede ásperas em suas costas. Apartando sua boca da minha, mordiscou minha orelha. Minha cabeça caiu para trás, dando-lhe livre acesso ao meu pescoço. Segurando meu quadril com força, pressionou o volume em sua calça contra meu abdômen. Gemi, estremecendo de tesão.

— Eu quero você — sussurrou, com a voz marcada pelo desejo.

Deslizando a alça do vestido por meus ombros, tocou meu seio e acariciou o mamilo com as pontas dos dedos, até que ele se enrijeceu ao seu toque, fazendo outro tremor de excitação me percorrer. Minha respiração ficou acelerada e instável. Não adiantava adiar o inevitável. O desejo enublava minha mente, Greg tinha se infiltrado em minha corrente sanguínea como uma droga, naquele momento, eu estava em abstinência e precisava tê-lo para me aliviar.

— Faz ideia do quanto eu te quero? — perguntou, com a respiração ofegante, e encostou a testa na minha.

Murmurei algo em resposta.

Ele segurou minha mão e a levou até sua ereção dura. Meus músculos tremeram, fechei os olhos, tocando seu comprimento, deliciosamente grosso, gemendo com o prazer antecipado. Uma umidade quente se acumulou entre minhas pernas.

— Quero me enterrar todo dentro de você — gemeu em meu ouvido.

Ele levou os lábios aos meus seios e chupou o mamilo com força, arrancando-me um gemido rouco.

— Me deixe te provar, Melinda. Você faz ideia do que senti? Ter você por duas noites nos meus braços e não poder te tocar?

— Uma noite de sexo e você me deixa em paz? Uma noite... — frisei com uma voz sôfrega que eu mesma não reconheci.

— E se eu quiser mais de você amanhã? — perguntou de modo sugestivo.

— Você nunca quer. — A música parou. Ouvi o barulho dele abaixando o zíper da calça. — Não, Greg. Podemos ser vistos — exasperei-me, ao me lembrar onde estávamos.

— Tudo bem — concordou. — Quero ouvi-la gritando meu nome quando eu estiver dentro de você, e aqui não é o melhor lugar. — O timbre de sua voz deixou evidente que ele cumpriria a promessa.

Greg entrelaçou nossas mãos e me conduzia para fora. Meu corpo estava completamente desperto. Meus mamilos estavam sensíveis e duros, marcando o vestido. Cada parte do meu corpo que ele tinha tocado estava em brasas. Meu sexo ainda estava úmido e quente, contraindo-se, querendo ser preenchido por ele. Odiava que meu corpo ignorasse os alertas do meu cérebro de quem éramos e estivesse tão desesperado em tê-lo, mesmo sabendo que ele não me procuraria mais no dia seguinte. Os dois não trabalhavam juntos na presença de Greg.

Fitei-o brevemente. Greg olhava em outra direção, acompanhei-lhe o olhar.

Ao longe, Daniel beijava uma garota. Greg me estudou, avaliando minha reação, buscando em mim um possível interesse em Daniel. Um sorriso travesso escapou dos meus lábios, e voltei a atenção para a cena bem no momento em que a garota deu um tapa no rosto de Daniel.

— Talvez eu devesse avisá-lo que estou indo para casa.

— Ele não está contando com isso — replicou em um tom amargo. — Afinal de contas, ele estava tentando te jogar nos braços daquele babaca. Só não entendi por que fez isso quando ele mesmo poderia tentar te conquistar.

— Porque ele não tem interesse em mim. Já cogitou a possibilidade de ele estar apaixonado por aquela garota?

Entramos no estacionamento e caminhamos em direção ao seu carro.

— E por que ele te cercaria dessa forma? Está mais do que óbvio que vocês não tem uma relação de cliente e advogado.

— Você está imaginando coisas — redargui e encostei no *Jaguar*, sentindo o frio do metal contra minha pele. — Vamos passar a noite inteira falando do Daniel? — Dei de ombros.

— Não. — Ele deu um passo em minha direção. Segurou meu rosto e ergueu meu queixo. Em seguida, colou a boca na minha. Chupei seu lábio inferior. Eu estava tão faminta por ele. Um arquejo ressoou em sua garganta, e uma de suas mãos subiu por minha coxa. Meu corpo reagiu de imediato. — Esse vestido está espetacular no seu corpo, mas não vejo a hora de tirá-lo.

Greg abriu a porta e a fechou depois que me acomodei no banco. Pouco tempo depois, ele ocupou o lugar do motorista, deu partida e brevemente alcançou a saída.



— No meu apartamento ou no seu? — Ele mordiscou minha orelha e me prendeu entre seus braços.

— No seu — respondi sem pestanejar. Eu não saberia lidar com as lembranças dele em minha cama todas as vezes que me deitasse.

Envolvi meus braços em sua cintura e encostei a cabeça em seu tórax. O som do seu coração se misturava com o zumbido do elevador que começava a subir.

O ranger metálico da porta do elevador invadiu meus ouvidos. Mantendo-me bem firme entre seus braços fortes, me guiou para fora.

Greg enfiou a mão no bolso e retirou a chave, aproveitei para analisá-lo por inteiro. Estava incrivelmente lindo com uma calça preta que se moldava com perfeição ao seu corpo e uma camisa azul-acinzentada.

— Mel — sussurrou meu nome. Senti um certo temor em sua voz que me deixou em alerta. — O que você faria se acordasse na cama de um cara que você nunca quis…?

— Você mudou de ideia, é isso? — questionei, interrompendo-o,

apreensiva. — Está pensando em uma forma de me dispensar.

— Meu Deus, Melinda, não. — Em um átimo, me girou, pressionando-me contra a porta, e espalmou as mãos em cada lado da madeira maciça. Seu rosto estava tão próximo do meu que eu sentia sua respiração quente na minha pele. — Quero ter certeza de que está realmente sóbria. — Prendeu meus lábios entre os dentes. Meu corpo respondeu instantaneamente, segurei sua nuca para aprofundar o beijo, e ele interrompeu o contato. — Uma vez que você estiver aí dentro, não tem volta.

— Não parecia preocupado com isso quando queria me…

— Mel — disse em tom de repreensão.

— Eu estou sóbria.

Puxei seu rosto para próximo do meu e busquei seus lábios. Ele não ofereceu resistência quando penetrei minha língua em sua boca. Minhas mãos deslizaram por suas costas largas. Meu desejo era poder arrancar sua camisa e sentir sua pele sobre minha palma. Greg me levantou no ar, segurando-me pelas nádegas, e me encarou com os olhos escurecidos pelo desejo. Sua respiração sibilava entre os lábios. Buscou minha boca novamente e a torturou com sua língua. Eu estava tão excitada. Minha pernas envolveram sua cintura. Sentindo o atrito do tecido da sua calça em meu sexo, soltei um gemido lânguido. Prensando-me contra a porta, esfregou o quadril no meu centro e gememos, com a sensação de ter nossos sexos em contato.

Ouvi a maçaneta girando, e Greg começou a se mover. Com a boca ainda devorando a minha, fechou a porta em um baque.

— Quero fazer tantas coisas com você... — murmurou quando paramos para tomar fôlego. Havia tantas promessas contidas em suas palavras que desejei por um momento que pudesse realizar todas elas.

Caminhando comigo para o quarto, me colocou parcialmente sobre a cama. Suas mãos deslizaram por minhas panturrilhas e arrancaram meus sapatos.

Cobrindo meu corpo com o seu, tomou minha boca em outro beijo. Seus quadris roçavam o meu em movimentos circulares, friccionando o ponto exato entre minhas as pernas, em uma doce tortura.

— Juro que posso gozar só com isso.

Percebi que tinha dito em voz alta quando ele respondeu:

— Espere até eu me enterrar dentro de você — disse com a boca colada à minha.

Suas mãos subiram por minhas pernas, levantando meu vestido, assim que ele o passou por minha cabeça, envolveu meu seio com as mãos, apertando-o com força, para depois levá-lo aos lábios. Enquanto a língua brincava com o mamilo, lambendo e mordendo de leve, seus dedos apertavam e acariciavam o outro, fazendo meu corpo estremecer em resposta. Então ele o tomou em sua boca e o chupou com força. Um gemido alto reverberou por minha garganta. Ele parou no mesmo instante e buscou meus olhos.

— Não pare — sussurrei, sentindo uma necessidade insaciável de ter seus lábios em mim, e ele voltou a sugá-lo, levando-me à loucura com sua boca habilidosa.

Sua mão deslizou por minha barriga, passando por dentro do elástico de minha calcinha. Ofeguei, em expectativa do que iria acontecer. Seus dedos tocaram meu clitóris e trilharam pelos meus lábios vaginais, trêmulos, desde o momento em que ele me beijou na casa noturna. Minha sanidade se esvaiu quando um dedo, depois outro, penetraram meu sexo molhado e moveram-se lentamente dentro de mim. Meus gemidos eram sufocados por sua boca. Em um átimo, soergueu o corpo, sustentando seu peso sobre os joelhos.

Com os olhos fixos nos meus, deslizou a calcinha por minhas coxas e acomodou meus pés no colchão.

— Abra bem as pernas para mim. — murmurou com voz rouca.

Sua ordem fez meu corpo estremecer e o calor se espalhar por meu

ventre. Abri-me inteira para ele. Ele me estudou. Seu olhar quente e faminto percorreu meu corpo e parou em meu sexo. Umedecendo os lábios, levou a mão ao meu clitóris, esfregando-o com o polegar.

— Sua boceta é tão linda e delicada — disse e se abaixou, enfiando a cabeça entre minhas pernas.

Seus lábios se fecharam em meu sexo, sugando e lambendo-me com luxúria. Voltou a me penetrar com os dedos, arremetendo de forma implacável. Segurei seus cabelos com força, forçando meu quadril contra sua boca. Gemidos escapavam dos meus lábios sem que eu tivesse controle. Meu corpo começou a tremer, e uma tensão se formou em meu interior. Eu estava tão perto… Mordi o punho para abafar um grito.

— Ah, Greg… Eu vou gozar… — gemi e apertei os olhos com força, contorcendo-me na cama.

Sua boca abandonou meu sexo. Um murmúrio em forma de protesto saiu dos meus lábios.

— Você só irá gozar no meu pau — rosnou, levantando-se.

Segurando a barra da camiseta, puxou-a por cima da sua cabeça, atirando-a no chão. Esquadrinhei seu abdômen com o olhar, demorando em cada tatuagem, memorizando cada detalhe. Greg me olhava com tanta intensidade que meu coração insistia em disparar.

Ele tirou a calça e a cueca boxer e seu membro saltou para fora, imponente, longo e grosso. Rijo. Engoli em seco.

Mordendo os lábios, engatinhei até a beirada da cama.

— Deixe eu tocar em você. — Minha voz soou em tom de súplica.

Ele deu um passo, diminuindo a distância entre nós. Coloquei-me sentada e agarrei a base do seu membro duro. Com a mão livre, toquei a ponta rosada, corri o dedo pela carne macia, admirando-o. As veias salientes desenhavam linhas escuras. O líquido seminal pingava na ponta. Apertei-o firme,

estimulando, e ele ficava cada vez mais duro entre minhas mãos, enquanto Greg gemia baixo. Umedeci os lábios, queria sentir seu gosto. Percebendo minha intenção, ele se afastou.

— Quero te provar — protestei, buscando seus olhos que estavam tomados pelo desejo. As pupilas dos seus olhos verdes totalmente dilatadas.

— Você terá muito tempo para me provar. Não agora. Não aguento mais me segurar.

Ele abriu uma gaveta no criado-mudo, pegou um preservativo, rasgou o pacote laminado com os dentes e o deslizou por seu membro grosso.

Quando retornou para o meu lado, tomou minha boca em um beijo selvagem, cheio de desejo. Sem parar de me beijar, empurrou-me de volta para o colchão, cobrindo meu corpo com o seu, acomodou-se entre minhas coxas e alinhou seu pênis na minha entrada. Cravei as unhas em suas costas, querendo tê-lo logo dentro de mim. Nunca estive tão excitada antes. Senti ele pressionar o quadril para frente, forçando a cabeça para dentro. Da minha garganta, escapou um gemido resfolegante, um misto de dor e prazer quando eu o senti me abrir além do meu limite.

Ele parou e buscou meus olhos.

— Tudo bem? — questionou, afundando sua boca em meu pescoço, sugando minha pele.

Minha resposta veio na forma de um murmúrio rouco. Com um movimento contido, me penetrou, devagar, alargando-me. Preenchendo meu corpo totalmente. Fechei os olhos aproveitando a sensação de recebê-lo. Finalmente Greg era meu. Finalmente eu podia senti-lo. E era maravilhoso.

— Você é tão apertadinha — sussurrou e trincou os dentes.

— Não. Seu pênis que é muito grosso… e grande — completei, com a respiração entrecortada.

Ele começou a sair e entrar em mim… devagar… devagar… e depois

começou a arremeter com força, em estocadas contínuas. O som do seu quadril batendo contra o meu ecoava em todo o quarto. Ele saiu de mim lentamente e se enterrou até o fundo, fazendo-me gritar e torcer os lençóis entre os dedos. A tensão se formou em meu baixo ventre, meu corpo ficou totalmente sem controle, e explodi em um orgasmo.

Ele voltou a me beijar, meu gosto estava em seus lábios. Quando as contrações em meu sexo diminuíram, ele começou a estocar com força, cada vez mais fundo, cada vez mais rápido. Meu corpo se contraiu novamente, as paredes internas do meu sexo apertando o membro dele, um prazer crescente tomando-me por inteiro. Tremia, totalmente entregue. As forças do meu corpo se esvaíram, quase desfaleci. Nada tinha me preparado para o que eu estava sentindo, era o sexo mais intenso da minha vida. Nenhuma das minhas transas tinha sido assim. E eu sabia exatamente o porquê da diferença. Era Greg. Sempre Greg. Estar ligada sentimentalmente a ele elevou minha excitação a um outro nível. Um líquido saía em jatos fortes enquanto eu tinha um orgasmo arrebatador. Podia jurar que tinha morrido e ido ao céu ou ao inferno. Definitivamente seria impossível esquecê-lo depois daquela noite. Nunca tinha tido um orgasmo como aquele e parte de mim queria prolongar aquela sensação para sempre.

— Porra, Mel, eu vou gozar — exclamou entre dentes.

Ele estremeceu. Um rugido gutural e grave reverberou em sua garganta. Senti seu membro pulsando e inchando, então o enfiou profundamente. Com o rosto contorcendo-se de êxtase, ele desabou sobre mim, gozando, urrando palavras desconexas. Ainda ofegante, Greg se aninhou ao meu lado e me acomodou em seus braços.

— Mel — chamou quase sem fôlego e sorriu contra minha pele. — Você teve um *squirting*. Você esguichou.

Ergui o quadril, tateei o lençol e o toquei no lugar ensopado.

— Eu posso me acostumar com isso — respondi, embevecida.

— Então você não é acostumada? — indagou, afundando o rosto na curva do meu pescoço.

Fiquei em silêncio. Eu não admitiria em voz alta que nunca havia tido orgasmos tão intensos com outro homem. Sabia que a conexão que eu tinha com ele ia muito além do prazer carnal e meu corpo aceitava de bom grado tudo que ele me oferecia, levando-me a sentir um prazer tridimensional.

Subitamente, Greg me puxou sobre ele, envolveu um braço em minha cintura e, com a outra mão, começou a fazer movimentos circulares em minhas costas, até a base de minha coluna. Descansei a cabeça sobre seu peito suado, escutando a batida do seu coração, tão descompassado quanto o meu. Permaneci imóvel por alguns minutos, o êxtase do orgasmo esvaindo-se do meu corpo.

— Mel. — Sua voz rouca penetrou meu ouvido. Seus dedos se embrenharam em meu cabelo, e puxaram-no, não com força suficiente para me machucar, de modo que meu rosto ergueu. Seus olhos penetrantes encontraram os meus. À medida que me encarava, eles ganhavam um brilho diferente. Eu quis desvendar o que tinha naquele olhar.

— O que ia dizer? — questionei, curiosa.

— Se lembra da noite que nos conhecemos? — disse ele.

— Como eu poderia me esquecer?

Já fazia dez anos, mas parecia que tinha sido ontem. Se eu fechasse os olhos, ainda podia ver a cena desenrolando na minha mente. Foi naquela noite que me apaixonei. Ele foi o primeiro cara que me fez corar, sentir frio na barriga, borboletas no estômago e muitas sensações irrefreáveis. E desde então seu rosto me assombrava sempre que fechava os olhos e, quando os abria, era por ele que meu coração chamava. Mas, ainda que muito perto, ele estava sempre muito longe de mim. Nunca me amou como o amei. Sempre foi um espírito livre, e não seria eu que conseguiria fazê-lo pousar. Eu aceitei essa condição. Como autodefesa, passei a fugir dele. Greg quebraria meu coração em quantas partes

achasse necessário e não sentiria pena alguma.

Inadvertidamente, toquei com os dedos o pássaro tatuado em seu peitoral.

— Você era um cafajeste em ascensão que foi obrigado pela mãe a dançar com a garota sem par, em um baile de debutante que não queria ir. — Naquela época ele já era lindo. — Acho que nunca te agradeci devidamente por ter salvado minha noite. Eu estava com tanta raiva do garoto ter faltado.

— A dança era patética, mas eu gostei de dançar com você. — Lembranças de nós dois valsando me assaltaram. Nossos olhos não se largavam e, enquanto nos encarávamos, era como se nada além de nós importasse. Era como se existisse só ele e eu.

— Desde aquela noite que eu… — Parou de falar subitamente.

— Queria me levar para cama? Eu nunca passei de um desafio… E agora que conseguiu, me deixará em paz. — Um mistura de amargura e tristeza marcaram minha voz.

Meu coração se afundou no peito com a ideia de que aquilo iria acabar. Só de imaginar, já senti falta do seu toque, dos seus braços em volta de mim

Senti uma lágrima querer se formar no canto dos meus olhos, me apertei mais a ele, afundei o rosto em seu peito e inspirei seu cheiro.

Minha vontade era ficar ali em seus braços, com sua respiração brincando em meus cabelos. Lutei contra meus sentimentos e decidi ir para casa. Acabar com aquela loucura. Quanto mais prolongasse aquilo, mais sairia destruída.

Saí de cima dele, desci da cama e recolhi meus sapatos e o vestido do chão.  Intencionava passá-lo pela cabeça, quando Greg me abraçou por trás.

— O que está fazendo, Mel? — indagou com certa decepção. — Mel. — Olhei-o de relance e tive que me segurar para não chorar em sua frente.

— Que foi? — Eu podia ver a confusão em seu olhar.

— Estou indo para casa. É isso que você faria. Não é mesmo?

— Em outra noite, talvez. Não nessa.

— O que essa noite tem de diferente das outras?

Ele ficou alguns instantes em silêncio. Parecia refletir.

— Nosso acordo foi uma noite e ela está apenas começando.

Soltei um suspiro, decepcionada com suas palavras. Censurei-me em pensamento por ter acreditado que ele diria que aquela noite tinha sido especial para ele como foi para mim.

*Foi só sexo. Não espere algo mais.*

— Que tal um banho? — perguntou.

Antes que eu pudesse responder, ele me pegou no colo e me carregou até o banheiro. Colocou-me no piso frio. Tentei passar por ele, mas Greg me prendeu com força entre seus braços e deu um beijo casto em meus lábios. Uma de suas mãos se desprendeu do meu corpo. Sem se virar, fechou o box atrás de nós e ligou o chuveiro. Gritei, quando a água fria caiu sobre nós e ele riu, afundando o rosto no meu pescoço. A água demorou a aquecer, no entanto, Greg me manteve parada. O tórax definido esmagando meus seios. Sua mão desceu por minha coluna até minha bunda e apertou, puxando meu quadril de encontro ao seu.

Ele desviou o olhar e me soltou. Fechei os olhos, aproveitando a sensação da água caindo, deixando-me mais relaxada. Colou seu corpo às minhas costas e suas mãos tocaram minha barriga.

A mão esquerda subiu até meu seio e se fechou em volta dele, seus dedos prenderam o mamilo e apertaram-no, mandando uma descarga elétrica direto para a junção das minhas pernas. A mão direita deslizou por minha barriga até encontrar meu sexo e acariciou meu clitóris. Seus dedos trabalhavam em um movimento gostoso, deixando-me mais excitada.

— Greg — gemi seu nome, arqueando o corpo, e sua ereção cutucou minha bunda.

— Se continuar a gemer desse jeito, vou querer te… possuir a noite inteira — murmurou, afastando minhas pernas com o joelho. Ergueu-me pela cintura, de modo que só as pontas dos meus pés tocavam o chão, e passou a ponta molhada de seu membro nos meus lábios vaginais, deslizando até meu clitóris. Arqueei o corpo para frente, com as sensações que cresciam no meu

baixo ventre. — De novo. — rosnou, pressionando a cabeça do pênis na minha entrada.

— Greg, camisinha.

— Estou limpo — disse, e mordeu o lóbulo de minha orelha.

— Não — respondi, categórica. Eu tinha parado de tomar o anticoncepcional quando coloquei um ponto final no que tinha com Sean, e uma possível gravidez não estava nos meus planos.

— Já volto. — Ele foi até o quarto e voltou com a pacotinho em mãos, abriu-o com os dentes e o desenrolou em seu membro. Os olhos presos em mim, usando de movimentos lentos e enlouquecedores.

Lambi os lábios ante a visão. Ouvi o barulho do registro sendo fechado, mas meu cérebro estava concentrado no seu corpo. Por que ele tinha que ser tão perfeito?

Encaramo-nos brevemente, mas foi o bastante para fazer minhas pernas tremerem, e ansiar por tê-lo logo dentro de mim.

— O que você está pensando? — ele perguntou, com um semblante sério, e se aproximou.

— Em você. — As palavras escaparam da minha boca, arrependi-me imediatamente, mas já era tarde.

— Em mim? O que exatamente está pensando? — Ergueu meu queixo.

— Em como eu gostaria de te beijar, agora.

Ele cobriu meus lábios com os seus em um beijo forte e intenso. Seus dedos afundaram em meu cabelo molhado, puxando-o com força, de modo que meu pescoço ficou livre para sua boca e dentes ávidos chuparem e arranharem minha pele. Greg ergueu minha perna esquerda, sustentando-a com seu braço, posicionou o seu membro na minha entrada e me penetrou, empurrando lentamente, meu corpo ajustando-se para acomodá-lo. Um suspiro de prazer

escapou das nossas gargantas, quando ele arremeteu até o fundo, preenchendo todo meu interior.

— Tão apertada e tão gostosa! — exclamou entre os dentes.

Greg mexia-se sem pressa, entrava e saía devagar, possuindo cada célula de meu corpo. Seus beijos constantes sufocaram meus gemidos. Mesmo devagar, era incrível. Sentindo os pequenos tremores, fechei os olhos. Meu canal se comprimiu, eu estava tão perto.

— Greg — gemi seu nome. No mesmo instante, ele parou de se mover e beijou minha face. — Você é sempre assim com suas parceiras? — Ele semicerrou os olhos esperando que eu continuasse. — Carinhoso.

— Geralmente gosto de sexo bruto e carnal. E não costumo me importar com elas, nem antes, durante e muito menos depois.

— E por que está agindo assim comigo?

Minha mente teimava em acreditar que não era para ele só mais uma mera noite de sexo... principalmente por causa do brilho e da intensidade que eu via em seu olhar; que parecia querer ler minha alma, dos toques delicados e carinhosos e de seus beijos avassaladores que pareciam querer fazer-me dele.

— Você é tão delicada, tão…

Não sabia se devia me sentir lisonjeada ou magoada com sua explicação.

— Me dê tudo. Quero tudo de você essa noite — sussurrei, interrompendo-o.

— Você acha que pode lidar com tudo? — Um sorriso pervertido brincava em seus lábios.

— Quero tentar. — Sim, eu queria. Ainda que acordasse toda dolorida no dia seguinte. Contudo, ficaria satisfeita por ser ele quem fez isso comigo.

Seus olhos escureceram, ele saiu devagar e estocou com força, enterrando-se até a base, arrancando um grito da minha garganta. Minhas mãos

foram de encontro à parede, buscando por apoio.

— Me desculpe por decepcioná-la, posso mostrar como faço sexo selvagem amanhã, porque hoje quero te possuir bem devagar. Quero ver seu rosto se contorcendo de prazer todas as vezes que eu meter em sua boceta. Ouviu? — Ele segurou meu rosto com força. — Meter... em... sua ... boceta — repetiu entre dentes, testando minha reação. As palavras soavam absolutamente normais em seus lábios. A cada palavra, entrava mais fundo. O impacto das estocadas sacudiam meu corpo inteiro.

A tensão se formou em meu interior. Minhas pernas tremeram e não conseguia mais mantê-las firmes. Com certeza eu cairia se Greg não tivesse me sustentando em seus braços. O êxtase se apossava do meu corpo.

— Isso… goze — murmurou com a voz rouca, tomado pelo desejo insano que dominava nós dois.

— Eu quero você comigo — disse, sem fôlego, afundando os dedos em seu cabelo, puxando-os, totalmente fora de controle.

Ele abriu mais minha perna, investindo com mais força, suas bolas batiam na parte interna da minha coxa. Desmontei-me em um orgasmo, gemendo e gritando alto. Ele logo atingiu o ápice e me abraçou, sustentando-me em seus braços. Ficamos assim por um tempo que eu queria que passasse mais devagar. Estávamos ofegantes, saciados, trêmulos. A sensação era única.

— Deixe eu te dar um banho. — Encostei a cabeça em seu tórax, enquanto ele ligava o chuveiro e o jato de água quente atingia nossos corpos. Um cheiro de lavanda invadiu o ambiente. Pôs-se a ensaboar meu corpo com um cuidado quase devocional. — Agora que te provei, quero mais. Muito mais. — Engoli em seco e o pânico fechou minha garganta. Ele tinha acabado de decretar minha perdição. Porque eu também queria mais, muito mais dele.

Acordei enroscada em Greg. Meu braço rodeava seu tórax e minha perna estava sobre suas coxas. Ergui a cabeça e o encontrei apoiado no cotovelo, com os olhos fixos em mim. Seu cabelo castanho estava bagunçado em volta do rosto.

— Você fica ainda mais linda quando dorme — falou.

— Desde quando está me observando? — Desprendi-me dele e me espreguicei, sentindo o corpo doer nas partes certas. Ao me lembrar da noite anterior, não pude conter um sorriso.

Ele me agarrou e me girou na cama, prendendo-me sob seu corpo, e tomou minha boca em um beijo faminto. Depois de um bom tempo nos beijando loucamente, ele apartou a boca da minha.

— Bom dia, Mel — disse, colocando-se entre minhas pernas, segurou seu pênis já ereto e o pincelou sobre meu sexo.

Uma risada escapou da minha garganta.

— Você é insaciável — sussurrei com a voz rouca e sonolenta.

— Estou viciado no seu corpo. — Fiquei calada, observando-o, e ele continuou: — Queria muito te mostrar como faço sexo bruto, você quer? — perguntou e continuou me torturando lá embaixo, esfregando a cabeça larga do seu pênis nos meus lábios vaginais.

Elevei os quadris na sua direção, ansiosa por mais, precisava dele dentro de mim.

— Agora tenho um compromisso. Se eu começar, não vou querer parar — murmurou salpicando beijos em minha face.

Saiu de cima de mim e rolou para o seu lado da cama.

Uma pequena frustração me dominou. Seus beijos e carícias tinham me deixado tão excitada.

— Mas posso te mostrar quando eu voltar?

Sim, eu queria muito que ele mostrasse. Por que continuar insistindo naquilo sabendo que quanto mais o mantivesse por perto, mais me apaixonaria? Sua ida, ainda que tardia, era inevitável.

Seu olhar questionador continuava preso em meu rosto, esperando por uma resposta.

— Não. Você não pode — grunhi, enfrentando um conflito interno angustiante e me levantei bruscamente. O lençol deslizou pelo meu corpo e caiu no chão. — Uma noite. Apenas por uma noite. Quando eu sair pela porta, não quero que me procure mais. — Por um instante não me encarou, apertou o travesseiro parecendo meio perdido. — Por favor, vamos continuar como fizemos na última semana. Trataremos apenas o necessário.

Fui até a outra extremidade do quarto, peguei meu vestido no chão. Enfiei-o pelas pernas e o puxei para cima em um movimento brusco.

Greg saltou para fora da cama. Enquanto se movia até o armário, observei suas costas largas e o bumbum duro. Vasculhando uma gaveta, tirou uma cueca samba-canção, e a vestiu, cobrindo seu sexo ainda ereto.

— Venha, vamos comer alguma coisa. Deve estar faminta. — O assunto anterior parecia ter sido esquecido.

Recolhi meu sapato e passei por ele, ignorando a mão que ele me estendia. Segui pelo corredor e cheguei à sala de estar, ciente de que ele me seguia de perto.

— O que gosta de comer no café da manhã? — indagou.

— Não quero nada. Como alguma coisa no meu apartamento.

— Okay. Então pelo menos escute o que tenho para te falar. — Cruzei os braços na frente do corpo, esperando que ele continuasse. — Terei um jantar com alguns empresários na quinta-feira e... — falou enquanto andava para a cozinha americana.

Aproximei-me esperando que continuasse a falar.

Greg foi para o fogão e seguiu ignorando minha presença.

— O que estava dizendo sobre o jantar? — inquiri com impaciência.

— Como eu estava dizendo, terei um jantar com alguns empresários na quinta-feira e seria bom se participasse do jantar para acompanhar as negociações.

Franzi o cenho, intrigada, pois Greg vinha me deixando de fora de todas as negociações, um convite desses era um tanto estranho.

— Por quê? — Tentei amenizar a voz, entretanto o tom de desconfiança era evidente em minha fala.

— Será um bom negócio e, como sócia majoritária, seria bom que você presenciasse.

*"Duvido que seja melhor do que o negócio que estou tentando fechar com o pai do Sean. Pena que é quase impossível, mas continuarei insistindo. Eu preciso provar para o Conselho que tenho capacidade para ser uma boa CEO."*

Já tinha alguns dias que vinha esforçando-me para fechar esse contrato. Ainda que houvesse trabalhado com o Harry por dois anos, ele ainda estava se mostrando bastante reticente.

— Além de você, estará presente algum membro da diretoria?

— Meu pai. — Movi os lábios tentando encontrar uma resposta. — Vamos fazer uma venda em um valor muito alto, e eu quero que você esteja lá.

— Com certeza eu irei.

Um evento desses eu não perderia por nada…

Alguns minutos depois, um cheiro delicioso emanou, até que finalmente colocou dois pratos de ovos mexidos sobre a ilha de mármore.

Depois de ter me servido suco de laranja, pegou para si uma xícara de café fumegante recém saído da cafeteira, se sentou ao meu lado e começou a

comer.

— Você não vai comer? — perguntou, levando um guardanapo aos lábios.

Fiz uma careta e o sorriso irritante de sempre despontou em seu rosto. Levei uma garfada à boca e ele começou a falar:

— Mel, acha que o Daniel é confiável? — indagou, com cautela. — Há quanto tempo o conhece?

— Por que falar sobre o Daniel de novo?

— Porque estou preocupado.

— Com o quê? — inquiri, esforçando para me manter calma.

— Você mal chegou e vive se metendo dentro do carro dele. Indo a lugares com ele...

— Não acredito que o Daniel colocará uma arma na minha cabeça, e se fosse fazer, não precisaria me enfiar dentro de um carro.

— Não deixo de achar as atitudes dele estranhas. — Levou a xícara aos lábios e sorveu um gole. — Tem algum interesse nele?

— Se eu tivesse algum interesse nele, não estaria saindo da sua cama agora.

— Você é o tipo de garota que só vai para a cama se estiver interessada?

Gemi internamente ao perceber que tinha acabado de me entregar.

— Não ponha palavras em minha boca — grunhi, buscando contornar a situação. — Sabe bem por que fui para a cama com você. Para me deixar em paz. — Levantei-me da cadeira, intencionando ir embora.

Ao ouvir sua voz, estagnei no lugar.

— Sei que fugirá de mim no momento em que sair por aquela porta. — Apontou. — Mas irei atrás de você quantas vezes for necessário. Não desisto de algo quando quero. E nesse momento eu quero você… na minha cama —

completou. — Por mais que tente negar, sei que também quer.

Eu movi a cabeça negando e dei um passo para trás. Greg segurou meu braço, afastou a cadeira abruptamente, fazendo um barulho irritante no piso, e me puxou para o seu colo.

— Me... — Seus lábios encontraram os meus, sufocando minhas palavras. Suas mãos subiam e desciam por minhas costas nuas. Perdi a sanidade quando sua língua encontrou a minha. Sua mão direita subiu por minha coxa, enquanto a outra segurava minha nuca, pressionando minha boca contra a dele.

Sentindo-me meio zonza, me levantei.

— Tenho algo para você — disse quando eu estava quase alcançando a saída. Eu o vi cruzar a sala rapidamente, abrir uma gaveta do aparador, retirar uma chave e erguê-la na frente do meu rosto.

— A chave de um carro? — Ergui as sobrancelhas, estranhando. — Não posso aceitar.

— É um empréstimo.

— Por que está fazendo isso?

— Quase não o uso e você ainda não foi pegar o que era do seu pai.

— Depois do que aconteceu, ainda não estou pronta para me encontrar com minha mãe.

— Não deixe a mágoa te afastar da sua mãe, Melinda. Ela gosta de você.

Soltei uma risada frustrada.

— Ela sequer me ligou ou apareceu para se desculpar. Tantos anos longe e quando volto, minha mãe nem me deu um abraço. — As lágrimas inundaram meus olhos. Enxuguei-as antes que rolassem pelo meu rosto.

— Não cometa o mesmo erro que… — Parou de falar repentinamente. — Aceite o carro. É um empréstimo. — Colocou a chave na palma da minha mão.

— Só se você me contar o que realmente pretende com essa oferta.

— Evitar que pegue carona com estranhos.

— Está tentando me afastar do Daniel? — provoquei.

Busquei em seus olhos sinal de que ele estava com ciúmes de Daniel, mas não encontrei nada.

— Meu Deus, Melinda, como você é teimosa. Eu não posso simplesmente querer fazer algo bom para você? — disse, exasperado.

— Eu não sei.

Realmente eu não sabia se Greg era capaz de fazer algo bom para mim, quando ele parecia fazer de tudo para agradar o pai.

*"Por que o Greg quer estar perto de mim se o pai dele quer me ver longe?"*, divaguei.

Deitada de costas, com a cabeça sobre os braços, eu olhava para o teto e repassava os acontecimentos da noite com Greg. Por mais que tentasse negar, sentia-me vazia por dentro. Era como se todo o sexo da noite anterior tivesse aumentado meu desejo por ele. Fechei os olhos e toquei meus lábios inchados pelos beijos recentes. Quase podia sentir sua boca em mim, e isso foi o bastante para fazer meu corpo fervilhar. Deslizei a mão pelo decote e apertei com o dedo indicador e o polegar o mamilo duro. Esfreguei uma perna contra a outra, sentindo a umidade crescente.

*"Ah, Greg. O que você fez comigo?"*, gemi em pensamento.

Como eu ia manter o autocontrole depois de uma noite de sexo inesquecível?

Eu estava muito ferrada.

Fui até a janela envidraçada, a abri e inspirei em uma tentativa vã de me acalmar. Seu cheiro, que estava impregnado em mim, entrou em minhas narinas. Quando eu estava em seus braços, o errado parecia tão certo. Um nó se formou em minha garganta e meu coração pulsou, um batimento forte ocasionado pelo medo quando me lembrei do preço que eu pagaria se insistisse naquela loucura. Não só meu coração estaria em jogo, mas também meu orgulho.

Meu celular vibrou sobre o móvel na outra extremidade do quarto. Eu o havia esquecido ali quando fui ligar a TV, mas sequer olhei para a tela. Cruzei o quarto, com os pés descalços, sentindo o assoalho de madeira ranger sob meus pés. Peguei o celular sobre o painel e li a mensagem. Amanda dizia estar com saudades e queria saber se eu estava bem.

Olhei para o aparelho em minha mão por um momento e decidi ligar. Eu vinha evitando falar com ela e respondia suas mensagens de forma muito vaga.

Sabia que, no momento que o fizesse, teria que falar sobre Greg.

— Oi, Mandy! — falei, temendo o que estava por vir.

— Oi, Mel! Como vão as coisas?

— Tudo está dando errado.

— Com a questão do inventário? — indagou.

Por um longo tempo, falei sobre os bens que meu pai me deixou, a briga com minha mãe e como perdi a chance de ser CEO.

— Então está trabalhando com o Greg — ela disse, pensativa. — Como foi revê-lo depois de tantos anos?

— Eu dormi com ele, Mandy — proferi abruptamente, indo direto ao ponto.

A linha ficou muda. Por um momento, acreditei que ela tivesse desligado.

— Você o quê? — questionou, soando um pouco perplexa.

— Transei, fiz sexo…

Ficamos um bom tempo em um silêncio desconfortável. Preparei-me mentalmente para o que ela tinha a dizer. Ela sempre tinha.

— E por que está arrependida? Não foi o que você esperava? — inquiriu, adotando um tom sério.

— Por que supõe que estou arrependida? Não estou. O sexo foi excepcional. Muito além do que eu esperava.

— E o qual o problema? Acha que ele não irá te procurar mais? — perguntou com cautela.

— Ele disse que quer repetir. E aí que está o problema, eu também quero. Mas eu não posso…

— O que você não pode é continuar seguindo em direção contrária à sua felicidade. — interrompeu-me.

Soltei um suspiro pesado.

— Mandy, o Greg não me pediu em namoro, nem nada do tipo — grunhi, com certa impaciência. — Ele quer repetir o sexo.

— Você gostaria que ele tivesse te pedido em namoro ou que pedisse futuramente?

— Não — bufei. — Eu não quero um compromisso com o Greg.

Eu nunca conseguiria manter um relacionamento sério nutrindo tantas desconfianças em relação ao pai dele.

— Se o que vocês querem é só sexo, não vejo nenhum empecilho.

Fitei os arranha-céus pela janela, refletindo sobre o que ela tinha dito.

— Sabe tão bem quanto eu que Greg é um trem descarrilhado pronto para destruir tudo que estiver pela frente.

— Eu sei… Independente do quanto fuja, ele sempre estará indo em direção a você. Mais cedo ou mais tarde, você terá que enfrentá-lo.

Ouvi um sussurro no outro lado da linha, entregando que ela não estava sozinha.

— Matt está aí com você? — questionei.

— Não, estou chegando ao trabalho. O Sean está indo para o Brasil a negócios.

Meu corpo ficou tenso no mesmo instante.

Quando iniciei a negociação com o as empresas Thompson, em momento nenhum achei que o Sean pudesse vir.

— Então é ele que virá? — Minha voz tremia um pouco.

— Como você ficou sabendo que ele iria? Tem falado com ele?

— Estou fazendo negócios com o pai dele.

— Temos tanto medo de nos machucar, não é verdade? E nunca

consideramos que pode ser nós quem machucaremos a outra pessoa. — Senti uma certa reprimenda em sua voz. Sabia aonde ela queria chegar.

— Não irei mais machucar o Sean. Não se eu puder evitar.



Já era tarde da noite. Eu estava sentada no sofá da sala, com o laptop sobre os joelhos, quando ouvi a campainha tocando. Meu coração se inquietou no peito e minhas mãos vacilaram, errando as palavras que eu digitava. Somente uma pessoa poderia bater na minha porta àquela hora. Por mais que eu negasse, parte de mim estava esperando por isso. Colocando o laptop de lado, levantei-me para abrir a porta. Ao me descobrir ansiosa demais para vê-lo, parei com a mão na maçaneta. Encostei a testa na madeira fria, procurando me acalmar.

— Mel! — Greg chamou do outro lado. O simples som de sua voz fez minha pulsação acelerar, assim como meu coração.

As palavras de Amanda invadiram minha cabeça, encorajando-me a abrir.

E lá estava ele, olhando-me com tanta intensidade que causou calafrios sutis ao longo da minha coluna.

— Posso entrar? — perguntou apreensivo, e eu não sabia o que responder.

Havia algo diferente no seu tom de voz que não consegui decifrar. Ele colocou as mãos de cada lado do batente e seus cabelos longos caíram para a frente, cobrindo parcialmente seu rosto. Seu olhar subiu pelo meu corpo, parou no decote da camisola. Um brilho malicioso surgiu em seus olhos.

— Porra! — exclamou. — Você está deliciosa com essa camisola.

Forcei minhas pernas a se moverem até o sofá, onde tinha deixado o

robe. Enquanto prendia-o na cintura, ouvi a porta fechar e ele se aproximar.

— O que estava fazendo? — questionou, com os olhos fixos na tela do laptop.

— Estou analisando alguns contratos.

— Hoje é domingo e já é tarde. Amanhã você faz isso.

— Sim. Já é tarde. Isso significa que você não deveria estar aqui.

— Eu sei, porém eu precisava te ver — começou ele.

Uma de suas mãos foi parar em minha cintura. Todo meu corpo começou a se acender e ganhar vida. Ele umedeceu os lábios, atraindo minha atenção para sua boca. Com a mão livre, tocou meu rosto com a ponta dos dedos até chegar ao lábio inferior, deslizando o polegar sobre ele.

— Eu estava com saudades — sussurrou, deslizando sua mão até minha nuca e aproximou o rosto do meu. Ele parou o movimento com a boca convidativa a centímetros da minha, que se entreabriu com a expectativa do beijo.

— Greg, por favor… — Minha voz parecia um gemido.

— Não me mande embora — suplicou. — Sei que me pediu para não procurá-la, mas eu preciso ter você nos meus braços esta noite.

Fitei seus lábios enquanto falava, depois ergui meu olhar para o seu e me deparei com a chama que também me consumia.

— Então me beije — sussurrei e minha voz saiu rouca. A surpresa transpassou em seu rosto, fazendo-o arregalar os olhos. — Me beije, agora! — ordenei e o puxei.

Seus lábios colaram nos meus em um beijo intenso e profundo. Nossas línguas se buscavam mutuamente, duelando por controle. Seus braços se fecharam ao redor da minha cintura, apertando-me com tanta força que esmagava meus seios contra seu tórax, como se desejasse que nossos corpos se

fundissem.

Ele me fez andar de costas e minhas pernas se chocaram com o braço do sofá. Desequilibrei-me um pouco, mas ele me manteve firme entre seus braços, enquanto sua língua sugava a minha, de forma devastadora, fazendo-me gemer em sua boca. Com um joelho, ele separou minhas pernas e se colocou entre elas, diminuindo o espaço entre nós. Interrompemos o beijo para tomar ar, mas ele continuava a me encarar enquanto sua mão subia por minha coxa, incendiando meu corpo inteiro. Seus dedos ágeis encontraram o nó do robe. Assim que o desfez, deslizou o tecido por meus braços. Ele soltou o ar com força ao se deparar com meus mamilos intumescidos sob o fino tecido. Alcançando a barra da minha camisola, puxou-a para cima e a jogou sobre o sofá. Ele mirou os olhos famintos em meu seio e, sem nenhuma delicadeza, segurou-o entre seus dedos, apertando-o e fazendo-me gemer alto.

— Mel — sussurrou, encostando sua testa na minha. — Veja como meu corpo sentiu a falta do seu. — E esfregou seu sexo rígido em mim.

Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, me pegou no colo e, assustada, agarrei seu pescoço.

— Onde fica o seu quarto? — inquiriu com a voz rouca.

— Primeira porta à direita.

Com passos largos, subiu a escada, entrou no meu quarto e me colocou sobre a cama. Com os olhos passeando pelo meu corpo, arrancou a camisa pela cabeça; chutou os sapatos para longe; lentamente abaixou o zíper da calça jeans e a deslizou pelas pernas, junto com a cueca, liberando sua ereção. Um desejo selvagem me dominou. Quando suas mãos alcançaram a lateral de minha calcinha, fechei os olhos, sentindo-o rolar por minhas pernas.

O colchão afundou ao meu lado, e abri meus olhos. Ele se debruçou sobre mim, tomando minha boca na sua. Beijou-me com suavidade e sem pressa, enquanto seu pênis ereto tocava minha barriga.

— Mel! — exclamou meu nome com adoração — Quero você agora — rosnou, erguendo-se.

Ele colocou uma perna de cada lado de minha barriga, sustentando seu peso nos joelhos, segurou o membro em sua mão. Não consegui desviar o olhar e minha boca salivou, ante o desejo de prová-lo. Estiquei os dedos e o toquei, sentindo o pulsar do seu sexo em minha mão. Entendendo o que eu queria, Greg trouxe seu membro grosso aos meus lábios. Passei a língua pela ponta rosada e a coloquei dentro da minha boca, chupando bem de leve. Sua pele era tão quente e macia em minha língua, impulsionando-me chupar com mais força. Seus olhos se fecharam, e o rosto se contorceu de excitação. Minhas mãos subiam e desciam, masturbando-o, acompanhando os movimentos que eu fazia com a língua.

— Porra! Você chupa tão gostoso — rosnou.

Os gemidos de Greg transformaram-se em rosnados, e sua respiração ofegante ecoava pelo quarto. Emaranhado os dedos em meu cabelo, começou a mover os quadris, dando estocadas firmes, levando-o cada vez mais fundo, preenchendo todos os espaços da minha boca.

Seu membro se contraiu e ele se afastou, arfando. Choraminguei em protesto, eu queria mais dele, muito mais.

— Eu poderia gozar com você me chupando, mas quero me despejar dentro de você.

Greg desceu da cama, dando-me uma bela visão de sua bunda. Retirou um preservativo do bolso da calça, largada no chão; abriu o invólucro com pressa; vestiu-o em seu membro duro e voltou para o meu lado. Seu desejo era perceptível quando ele separou minhas pernas e me penetrou com um dedo.

— Tão quente… tão molhada — murmurou, olhando para meu sexo, enquanto seu dedo entrava e saia de mim. Eu me sentia em chamas, e uma pequena camada de suor escorria da minha nuca. — Pronta? — sussurrou.

Aquiesci mesmo sem saber ao certo a que ele se referia. Meu cérebro estava focado na minha necessidade de tê-lo. Greg retirou seu dedo e de imediato senti sua falta, porém, repentinamente, me penetrou em uma única estocada, preenchendo-me com sua grossura e tamanho, que sacudiu meu corpo inteiro, fazendo-me gritar. Ele buscou meus olhos.

— Não pare! — pedi, sem fôlego.

Ele colocou minha perna direita em seu ombro, e moveu-se, empurrando seu pênis para dentro de mim. A mudança de posição permitia que ele alcançasse ainda mais fundo, com cada estocada. Meu sexo sugava seu pênis com ganância. Gemidos saíam de minha garganta e, conforme ele aumentava o ritmo, transformavam-se em gritos. Suas bolas pesadas chocavam-se contra minha bunda. Meu corpo tremia por causa da penetração quase violenta e, com seu dedo, ele passou a estimular meu clitóris sensível. Seu incessante toque, junto com as fortes estocadas que tornaram-se mais intensas, produziam uma sensação agoniante e insuportável. Sentindo algo novo crescer em meu interior, me contorci debaixo dele, cravando as unhas no travesseiro. Gozei, gritando alto. Foi intenso demais. Eu estava a ponto de ter uma síncope. Meus lábios se entreabriram buscando por ar.  Seu membro continuava entrando em mim, implacável, dando-me mais, aumentando a tensão em meu ventre.  Seu pênis pulsou em meu interior e seus grunhidos reverberavam pelo quarto. Ele soltou o peso do corpo sobre o meu e me beijou enquanto gozava, tremendo violentamente.

— Sua boceta é a mais apertada e mais gulosa que já fodi — gemeu ele, ainda tremendo, com a boca colada na minha.

Envolvi meu braço ao redor da sua cintura e com a outra mão, afagava seu cabelo, enquanto nos acalmávamos. Seu peito subia e descia, com respirações superficiais.

Sua mão desenhava pequenos círculos nos meus cabelos. Meu corpo ficava cada vez mais relaxado. Senti minhas pálpebras pesarem e meus olhos se

fecharem. Já estava quase adormecendo quando o senti se afastar. Procurei-o na cama só para constatar que ele não estava lá.

Com os olhos semicerrados, o vi subir a cueca pelas pernas e depois a calça. A dor em meu peito se manifestou com intensidade. Ele estava indo embora. Coloquei a cabeça no travesseiro e o encarei, tentando me manter impassível. Por alguns segundos, meu coração implorou para que eu lhe pedisse para ficar.

— Já volto! — ele disse, como se entendesse o estado de confusão que estava em minha mente, e se aproximou da cama, enfiando a camisa pela cabeça. — Vou ao meu apartamento, mas volto logo. Me espere para tomarmos banho juntos. — Ele deu um sorriso safado, carregado de promessas, mas havia algo em seu olhar que não me deixou acreditar naquilo.

— Quer comer alguma coisa? Posso preparar um sanduíche para você enquanto vai lá.

O que eu estava tentando fazer? Queria uma garantia de que ele fosse voltar?

— Obrigado. Eu já comi. Minha vó só me deixou sair depois de ter jantado.

— Não sabia que sua avó morava na cidade.

— Zilá e Rubens Montenegro são meus avós. Pais de minha mãe.

— Então você não usa o sobrenome do seu pai?

— Não. Como a família Montenegro sempre ocupou uma posição de grande prestígio, as pessoas sempre me chamaram por esse sobrenome.

— E o seu pai…? — perguntei, sem saber ao certo como começar.

— Antes de se casar com minha mãe, ele era o motorista da família Montenegro. Não era rico, se é isso o que está perguntando. — Suas palavras saíram carregadas de um sentimento que eu não soube discernir. Raiva, talvez.

— Já volto.



Dirigi um último olhar para Melinda. Seu semblante mudou drasticamente desde que ela tinha aberto os olhos. Eu nunca conseguia saber exatamente o que se passava com ela. Cada parte da sua pele muito clara que minha boca tinha tocado estava cheia de marcas vermelhas. Meu pau começou a endurecer e pulsar dentro da calça, implorando para estar de novo dentro dela. Eu poderia fazer isso a noite toda. Nunca senti com uma mulher as mesmas sensações de quando estava com ela. Era tão bom que me assustava. Seria impossível estar com uma mulher novamente e não pensar nela. Ela provavelmente também se lembraria de mim quando estivesse com o Sean. Não consegui esquecer o nome do filho da puta desde que foi mencionado por ela. Como ela mesma deixou escapar na noite passada, não tinha com ele orgasmo tão intensos, iguais ao que teve comigo. Um pequeno sorriso de satisfação se formou no canto dos meus lábios, e não consegui contê-lo.

Enfiei a mão no bolso da calça e puxei o celular, tinha o ouvido tocar minutos atrás. Destravei a tela e conferi o número de chamadas perdidas do meu pai. Eu as tinha ignorado o dia todo e, se continuasse a fazer isso, era provável que ele viesse me procurar pessoalmente.

Entrei em meu apartamento e não acionei o interruptor, porque a luz que entrava pelas janelas de vidros era suficiente para iluminar a sala. Retornei sua ligação e me dirigi para o meu quarto. Naquele momento, meu corpo começou a ficar muito tenso, e toda a raiva suprimida durante o dia me invadiu de forma avassaladora. Minha raiva e culpa ficavam mais intensas quando visitava meus avós. As lembranças de minha mãe me assolavam de forma devastadora. Ainda me lembrava claramente do seu rosto, do jeito que ela sorria, e a cor de seus

olhos. Eu não tinha feito nada para salvá-la. Eu tinha deixado que ela morresse por minha negligência.

Ele atendeu no segundo toque e o som de sua voz me deixou enojado.

— Por que demorou tanto para atender? — perguntou com seu mau humor habitual.

— Passei o dia ocupado.

— Teve algum progresso com a Melinda? — perguntou, indo direto ao assunto.

— Eu já disse que não irei fazer nada.

— Três semanas… você tem três semanas. Amanhã mesmo te darei uma amostra de que não estou brincando.

— O que pretende fazer? — E só tive o vazio do outro lado da linha como resposta.

Levei a mão fechada à boca, reprimindo a vontade de socar a parede.

Quando voltei para o apartamento de Melinda, ela já dormia profundamente. Fiquei agradecido por isso. Não conseguiria me manter calmo por fora quando por dentro estava tão transtornado.

Tirei as roupas, me deitei ao lado dela e a prendi em meus braços. Naquela noite, não consegui dormir direito, a preocupação de que pudesse acontecer algo a ela não me abandonava.

— Acorde, ou iremos nos atrasar.

Ao ouvir o som daquela voz, acordei sobressaltada. Virei-me de lado na cama, cobri o rosto com as mãos para proteger meus olhos da luz que vinha do teto e percorri o quarto com o olhar. Encontrei Greg sorrindo, mostrando seus dentes brancos e alinhados. Aquilo foi o bastante para fazer meu coração disparar e sorrir de volta. Ele era tão lindo que eu era incapaz de raciocinar por alguns segundos. A última coisa que me lembrava era de ele ter ido embora. Coloquei-me sentada com um joelho flexionado e esfreguei os olhos para me certificar de que não estava sonhando.

Ele estava com os cabelos molhados, vestia uma calça social azul marinho e uma camisa branca de mangas, com um botão aberto, revelando a pele do tórax. Enquanto colocava a abotoadura de prata no punho, seus olhos famintos passeavam pelo meu corpo. Aquelas não eram as roupas que ele vestia quando saiu. Ainda meio confusa, desviei o olhar para a janela e percebi que já era dia. Ele tinha realmente ido embora, constatei com raiva, e puxei o lençol para cobrir meu sexo exposto.

Meus olhos dispararam até seu rosto, e o encontrei ainda observando-me. Meu sorriso tinha desaparecido por completo.

— Está achando que agora pode entrar e sair do meu apartamento quando quiser? — perguntei, a raiva marcando minha voz.

Ele franziu o cenho, sua expressão ficou confusa.

— Eu estava estranhando você não ter tentado me afastar e nem fugir de mim ontem à noite.

— Eu não farei mais isso — redargui, determinada.

Seu semblante pareceu mais atordoado.

— Por que, Mel? O que mudou?

— Acho que nos daremos bem juntos. Você é o tipo de cara que gosta de fazer sexo sem amarras e eu não espero que você se importe comigo, nem antes, durante e muito menos depois. Nem espero que fale de sentimentos no final da noite — falei, quando na verdade queria dizer que estava fazendo aquilo porque, no momento em que percebesse que me tinha em suas mãos, quem iria fugir era ele. E meu coração seria destruído no processo, mas talvez fosse necessário que ele me magoasse para eu conseguir esquecê-lo. Greg nunca levou a sério as mulheres que se mostravam apaixonadas por ele. Nós só queremos aquilo que não podemos ter.

Greg franziu o cenho, parecendo decepcionado.

— Por que estava tão chateada comigo minutos atrás? — perguntou de forma quase inaudível.

— Você não precisava ter dito que ia voltar ontem à noite quando na verdade não pretendia.

— Está me deixando confuso. Você acabou de dizer que não espera nada de mim, mas está chateada por achar que não voltei. — Sua boca se curvou em um meio sorriso.

— Não estou chateada por não ter voltado, estou chateada porque mentiu.

Quantos mais inverdades saíam da minha boca, mais eu percebia que estava me colocando na beira de um precipício que logo se abriria aos meus pés.

— Eu voltei. Como você dormia profundamente, não quis te acordar. — Minha surpresa deve ter transparecido em meu rosto, porque seu sorriso se abriu ainda mais. — Então é isso? Apenas sexo?

— O que achou que fosse? — inquiri.

— Nada.

— Não é isso que você gostaria que fosse? Sexo? — Enquanto falava, levantei-me, o lençol escorregou pelo meu corpo, e andei nua em sua direção. Seus olhos logo se acenderam, como se quisessem me devorar a qualquer momento.

Meu coração acelerou tão loucamente que eu mal sentia o chão. Fiquei na ponta dos pés, coloquei os braços em volta de sua nuca, puxando-o para baixo, e pressionei meus lábios de leve contra os seus. Ele me enlaçou pela cintura, só então me dei conta que de que eu ansiava muito por aquele contato. Suas mãos deslizaram até minha bunda, apertando-me contra o volume em sua calça.

Greg suspirou pesadamente e me afastou.

— Como eu queria te foder, agora — murmurou, tocando seu pênis por cima da calça. — Mas tenho que ir. Tenho uma reunião com o departamento financeiro daqui a pouco e não posso me atrasar.

Bufei, frustrada.

— Eu não fui informada de nenhuma reunião.

— Acho que ainda não se acostumaram com sua presença.

— As pessoas não me querem lá e estão fazendo de tudo para mostrar que minha presença é dispensável. — Esperei que ele fosse dizer qualquer coisa, mas não fez nada além de ficar um longo tempo olhando para mim em silêncio, tocando os lábios, pensativo. — Vou tomar um banho e logo estarei pronta — disse, dirigindo-me ao banheiro.

— Por que você não tira o dia para descansar? Ficar em casa? Trago os relatórios para você à noite — ofereceu, solícito.

Parei no mesmo instante e o observei. Sua expressão era séria. Parecia preocupado com alguma coisa.

— Tenho que terminar de analisar alguns contratos — dispensei, estranhando sua proposta.

— Te espero lá embaixo — disse e começou a andar para a porta.

— Não precisa. Ah, outra coisa que quero fique claro entre nós. — Ele parou. — Eu ter aceitado ir para cama com você não muda em nada os meus planos em relação à empresa.

Sua expressão ficou sombria. Ele enfiou as mãos no bolso e deixou o quarto.



Seguimos para a empresa em um silêncio sepulcral. De quando em quando, Greg olhava para o retrovisor. Seu maxilar estava trincado e suas mãos tensas apertavam o volante. Não consegui interpretar se aquela mudança de comportamento repentino era causada por nossa conversa ou se havia outra coisa preocupando-o.

— Obrigada pela carona — disse eu, desprendendo o cinto.

Coloquei a mão na maçaneta, no mesmo instante, ele segurou meu braço.

— Espere! — Ele soltou o ar antes de continuar. — Me espere para irmos juntos para casa. Se precisar de mim, estarei na minha sala.

Fiquei estática, observando-o. Dois vincos marcavam sua testa. Ele estaria preocupado comigo?

— É melhor não sermos vistos juntos.

— Tudo bem! Faremos como você quiser, mas hoje pode ser do meu jeito? — Sua voz soou levemente alterada.

Com os lábios apertados, Greg girou a cabeça e olhou pela janela do carro.

— Por quê?

Ele me encarou, e eu sustentei o seu olhar.

— Você está me deixando louco. Não vejo a hora de te foder de novo. E dessa vez serei bruto. — Aproximando o rosto do meu, Greg sussurrou, roçando os lábios na minha orelha: — É isso que você quer? — Suas palavras carregadas de promessas penetraram meus ouvidos, causando um efeito devastador em mim.

O desejo atingiu-me em cheio, todo meu interior se acendeu. Greg tinha o poder de me afetar e ele sabia. Fechei os olhos, esforçando-me para controlar minha respiração que começava a ficar audível.

— Bom dia, senhorita Becker, te vejo na saída — disse ele de modo firme, devolvendo-me à realidade.

Abri os olhos, vi-o se debruçar sobre mim, e puxar a maçaneta.

Ainda meio desnorteada, desci do carro. O modelo que ele dirigia naquele dia era o *Flora* verde, o modelo que ele tinha projetado em homenagem à mãe, o mesmo que ele insistiu em me emprestar. Antes de atravessar as portas duplas, olhei por cima do ombro. Vi Greg sair do carro e andar pelo estacionamento.

Depois de horas e horas participando de uma reunião pouco proveitosa, deixei a sala, sentindo o olhar de Abílio queimando nas minhas costas. Todas as vezes que eu erguia o rosto do papel onde tomava nota, seu olhar estava cravado em meu rosto. Suas veias saltavam e sua mandíbula estava apertada, ele sequer disfarçava a raiva de me ver ali. Um calafrio percorreu minha espinha ao encontrar um brilho perverso neles e um sorriso cínico estampou sua face. Como sempre, ele estava tentando me desestabilizar.

Quando entrei na minha sala, baixei a persiana da parede de vidro. Sentei na poltrona, as molas logo se ajustaram ao meu corpo. Baixei a cabeça sobre a mesa, e minha testa repousou sobre o tampo de vidro frio. A tristeza corroendo-me por dentro. Não seria fácil conseguir meus intentos ali, com toda a diretoria lutando contra mim. Mas eu não iria desistir tão facilmente.

O barulho vindo da minha caixa de e-mail me obrigou a erguer o rosto, e fixar o olhar na tela do computador. Eu tinha recebido uma mensagem de Greg, agradecendo pela participação na reunião e colocando-se à disposição em caso de dúvida. Por mais que me doesse admitir, ele estava se saindo muito bem à frente da empresa. O cargo de CEO caía bem para ele como uma luva. A segurança e a desenvoltura que conduziu a reunião, captando toda atenção para si — principalmente a minha —, era admirável.

Fazia algum tempo que eu analisava alguns contratos quando ouvi alguém bater de leve na porta. Desviei o olhar da tela do computador a tempo de ver a maçaneta girar e Greg entrar, sua presença imponente preenchendo a sala. Exalando masculinidade, moveu-se até minha mesa e colocou as mãos na lateral, debruçando-se ligeiramente em minha direção.

— Estou saindo para almoçar. Pensei que talvez quisesse ir. — Sua voz era um suave ronronar sensual e sedutor, deixando-me quase hipnotizada. Todo o meu corpo tomou consciência de sua presença, dos movimentos sexy de seus lábios e do cheiro másculo que exalava.

— Ainda não acabei aqui — grunhi, em um fio de voz. — Eu estava indo agora mesmo à sua sala pedir para você verificar esse contrato. — Coloquei alguns dedos em cima da pasta e a empurrei em sua direção. Tomando-a em sua mão, correu os olhos pelo documento, sob meu olhar cuidadoso. — Essas informações não batem com os dados que tenho aqui.

Virei o monitor para que ele pudesse ver. Greg jogou a pasta sobre a mesa e o objeto caiu em um baque surdo.

— Posso ficar com ela? — Eu podia ver que o sorriso estampado em seu rosto era fingido e que ele estava tenso. — Quando voltarmos do almoço, pedirei para o advogado dar uma olhada… — Ele esticou os dedos para pegá-la de volta.

— Não precisa — disse eu, agarrando a pasta e guardando-a na primeira

gaveta à direita. — Não quero tomar seu tempo. — Eu o encarei, mas seu olhar estava perdido. — Você ainda não me disse o porquê de não ter aceitado essa sala — continuei.

— Como ficarei no cargo por pouco tempo, para mim não faz diferença — respondeu, passando a mão nos cabelos, deixando-os ainda mais bagunçados.

Empurrei a poltrona para trás e fiquei de pé. Dei algumas voltas pela sala, sendo seguida de perto por seu olhar.

— Como você pode ter certeza? — perguntei, parando a pouco centímetros dele.

— A sua obstinação, Melinda. Você me parece muito determinada. Vi isso no seu olhar no dia em que conversamos no jardim da mansão de sua mãe.

Até que ponto ia minha determinação? Quando se tratava de manter Greg longe, ela simplesmente caía por terra, sobretudo quando ele estava na minha frente olhando-me, como se quisesse arrancar minha alma.

Sentindo minha boca secar, corri a língua pelos lábios para umedecê-los. Greg acompanhou o movimento.

— Eu preciso te beijar agora — ele gemeu.

Com uma mão, segurou meu braço enquanto a outra foi parar em volta da minha nuca, mantendo-me parada, e cobriu meus lábios com os seus. Em um movimento rápido, prensou meu quadril contra a lateral da mesa. Enquanto devorava minha boca com beijos profundos e famintos, me ergueu, colocando-me sentada, e forçou minhas pernas a se abrirem, acomodando-se entre elas. Sua mão subiu por minha coxa, empurrando a saia para cima. Meu sexo começou a latejar, ansiando pelo que viria a seguir.

O toque do meu celular assustou a nós dois. Alcancei o aparelho sobre a mesa e atendi, ainda com Greg agarrado a mim.

— Oi, Daniel! — balbuciei, ao reconhecer a voz do outro lado.

Greg me soltou no mesmo momento e sua feição endureceu.

— Oi, Melinda. Tenho novidades sobre o inventário, mas prefiro conversar pessoalmente. Poderia almoçar comigo hoje? Estou com a agenda cheia e esse seria o único horário que poderíamos nos falar.

— Claro. É só me dizer o endereço.

— Me encontre no estacionamento do escritório. — Ele parou para tomar fôlego. — Me ligue quando chegar.

— Tudo bem. Já estou saindo daqui.

Quando encerrei a ligação, Greg estava parado perto da enorme janela de vidro observando a cidade, com as mãos no bolso, algo muito típico dele.

Ele se virou e andou até mim.

— Parece que você não irá almoçar comigo. Posso pelo menos pedir para você ir com meu carro?

Um murmúrio escapou dos meus lábios em forma de protesto.

Tirando a mão do bolso, ergueu a chave na frente dos meus olhos.

— Aceite — Havia algo diferente no seu tom de voz que não consegui decifrar.

Ele olhou para os próprios pés, como se estivesse evitando me encarar. Peguei a chave de sua mão, contudo sua expressão não se atenuou. Por um instante, ele me pareceu vulnerável. Muito diferente do Greg tão seguro e intenso que eu conhecia.



Parei o carro no estacionamento do escritório e saltei para fora. Tinha a intenção de ligar para Daniel, quando o vi sair por uma porta lateral, fechando o botão do seu paletó. O vento soprou os cabelos castanhos em seu rosto e Daniel

tentava colocá-los em ordem. De novo, enquanto o analisava, me veio a estranha sensação de que algo nele me era muito familiar. Mesmo sem conseguir identificar o que era, me causou um aperto no peito.

— Como sabia que eu tinha chegado? Você é vidente? — perguntei, forçando um sorriso.

Meu cérebro estava focado em tentar descobrir por que eu tinha aquela impressão de o conhecer de outro lugar.

— Não. Imaginei que estivesse chegando. — Daniel se aproximou.

— Será que conheço sua família? — Apertei os olhos e perscrutei cada centímetro do seu rosto.

Daniel fez um sinal para que eu o seguisse e começou a falar:

— Acho um pouco improvável, minha família não frequenta os eventos da alta sociedade. — Ao lembrar que Greg tinha dito que a família de Daniel era humilde, levantei os olhos para o arranha-céu e ele acompanhou meu olhar. — Por que a pergunta?

— Curiosidade, apenas. — Dei de ombros. Realmente eu estava muito curiosa para saber como ele tinha conseguido aquele império.

Começamos a andar pela Avenida Paulista. Ao mesmo tempo em que tentava prestar atenção em Daniel, meus olhos convergiam para os prédios, as pessoas. Entramos em um restaurante e nos dirigimos para uma mesa em um local reservado. Acomodei-me na cadeira macia e percorri tudo à minha volta com o olhar.

Depois que uma linda garçonete anotou nossos pedidos, percebi que Daniel parecia desconfortável. Olhando de soslaio, vi duas moças sentadas em uma mesa no fundo, analisei atentamente a morena dos olhos cor de âmbar, que nos olhava de um modo peculiar, a raiva marcava sua face, mas ela tentava disfarçar. Era linda. Assim que perceberam que estavam sendo observadas, desviaram o olhar.

— Não é a moça que você estava beijando na festa? — questionei.

Ele franziu o cenho e ficou em silêncio, de modo que pensei que ele não fosse responder.

— Não — disse por fim. — Sou o chefe dela. Ela é estagiária no escritório. — Ele olhou brevemente para suas mãos. Eu tinha quase certeza de que era ela e a forma evasiva de Daniel deu-me a impressão de que havia algo mais entre os dois. — Quando eu fui te procurar, você já tinha ido embora com o Greg — ele disse com certo temor no tom de voz, como se falasse de um assunto proibido. — Você chegou ao seu apartamento bem? — perguntou, escolhendo as palavras com cuidado.

Aonde ele queria chegar com aquilo? Queria confirmar se eu tinha passado a noite com o Greg? Ele examinou meu rosto por um longo momento. Nosso contato visual foi quebrado quando a garçonete retornou à mesa e nos serviu os pratos.

— O que você tinha para me falar? — inquiri, antes que ele tivesse a chance de retomar o assunto.

— Acredito que não foi ao banco. Você precisa sacar sua parte do dinheiro na conta de seu pai.

— Não. Até recebi uma ligação da gerente sobre a quantia que foi depositada na conta... mas deixei que se prolongasse. No momento, minha preocupação tem sido a empresa e como conseguir ser CEO. Fico me perguntando como o meu pai fez tudo isso sem que ela soubesse.

— Muitas pessoas fazem planejamento sucessório. É normal fazer a doação em vida quando se tem um grande patrimônio. Como eles eram casados com separação de bens, ele não precisou da autorização dela. — Olhei para o meu prato enquanto assimilava a informação. — Você não me parece feliz com a notícia.

Respirei fundo e voltei a encará-lo.

— Ela é minha mãe. Por mais que... — interrompi quando me dei conta do que estava prestes a falar. — É como se eu a estivesse traindo.

— Acho que não deveria se sentir assim, já que era da vontade dele.

Engoli em seco, forçando para baixo o nó que se formou em minha garganta.

— Você sabe o que vai ficar para mim nesse processo de inventário?

— Não será muita coisa, já que grande parte seu pai doou para você em vida.

— A empresa e o apartamento?

Daniel deu uma risada e se inclinou para frente.

— Você não faz mesmo ideia dos bens que seu pai te deixou?

— Achei que fosse somente os que você me entregou a documentação.

— Aqueles eram só os que seu pai queria que eu guardasse.

Olhei-o um tanto desnorteada, e então, me lembrei do meu principal intuito para esse almoço.

— Por favor, gostaria que desse uma olhada nestes contratos.

Puxei a bolsa para o meu colo, tirei a pasta e passei para Daniel.

Enquanto analisava o contrato com olhos atentos, passava os dedos pela barba cerrada, compenetrado. Dois vincos se formaram em sua testa, e seus lábios se transformaram em uma linha fina.

— Posso ficar com isso por enquanto?

Hesitei por um momento.

— Você não pode me dizer o que acredita que seja?

— Preciso analisar com calma. A única coisa que posso dizer é que, se sua suspeita estiver certa, você está muito errada em tentar tirar o Greg da presidência. Será mais cômodo para você estar longe disso quando essa bomba

explodir.

— Por que tem tanta certeza de que suspeito de algo? — inquiri.

Daniel sorriu.

— Você tem muitos advogados a seu dispor dentro da empresa e preferiu me consultar.

As moças se levantaram e, antes de sair, a morena dirigiu um olhar hostil na minha direção.

— Bem, eu preciso ir. — Limpei a boca no guardanapo branco.

— Aproveite que o banco fica a algumas quadras daqui. Quer que eu te acompanhe?

— Não precisa, Daniel. Obrigada!

— Pode passar no meu escritório mais tarde para eu falar o que descobri sobre o contrato?

— Claro.

Passei a maior parte da tarde presa dentro do banco. Para minha surpresa, fui levada a um cofre no subsolo onde estava guardada a documentação de todos os bens que meu pai tinha doado para mim, algumas joias que pertenceram à família Becker, avaliadas em alguns milhões, e um envelope já amarelado pelo tempo.

Tirei um pequeno papel lá de dentro e li as palavras escritas em uma caligrafia inconfundível.

***"Nunca se esqueça do meu amor incondicional por você.***

***RB"***

Com lágrimas nos olhos, apertei o papel contra o peito.

— Posso levar este comigo? — disse para a gerente de longos cabelos negros que me olhava. Ela era muito linda e bastante jovem. Provavelmente tinha a mesma idade que eu, porém havia uma tristeza em seu olhar que nem o belo sorriso era capaz de esconder.

— Sim, a senhorita poderá levar todo o conteúdo ou sua parcialidade. De acordo com o que fora contratado, o cofre é vitalício.

Algum tempo depois, deixei o banco e comecei a caminhar apressada pelo estacionamento mal iluminado naquela hora do dia, pensando que, se o trânsito não estivesse ruim, conseguiria chegar à empresa antes do fim do expediente.

Recriminei-me por ter escolhido uma das vagas mais distantes para estacionar o carro. Eu o tinha deixado ali porque sabia que ficaria no banco por

bastante tempo e as vagas perto da entrada ficariam livres para quem fosse sair rápido. Mas eu sentia um aperto no peito, parecia um mau pressentimento, alertando-me de que minha ideia tinha sido estúpida.

Destravei o alarme e coloquei a mão na maçaneta, mas senti a presença de alguém e virei a cabeça rapidamente. Uma mão tapou minha boca, empurrando meu corpo para frente.

— É melhor ficar quieta — redarguiu uma voz masculina, no pé do meu ouvido, e pressionou seu corpo contra as minhas costas. Debati-me, tentando me soltar. — Quieta! — bradou, quando algo frio tocou minha nuca, eu logo soube que era uma arma.  Meu coração disparou, sentia como se faltasse pouco para que ele saltasse do meu peito. Minhas pernas tremiam descontroladamente. Eu poderia desabar a qualquer momento se ele não estivesse esmagando meu corpo de encontro ao carro. — Qual é o seu nome?

— Maria — murmurei. A minha garganta estava seca como lixa.

— Sei que está mentindo. Diga o seu nome — esbravejou, aumentando o aperto em minha nuca.

O medo entorpecia tanto minha mente que eu sequer sentia dor.

— Melinda — respondi com a voz esganiçada.  — Melinda Maria.

— Não deveria mentir, moça, assim as coisas podem piorar.

Ouvi o engatilhar da arma, e o cano frio encostou em minha nuca, enquanto seu corpo tenso pressionava mais o meu. O medo tomou conta de mim, e meu sangue gelou nas veias.

— Ei! — Um grito distante chamou nossa atenção. — Está tudo bem aí, moça?!

— Merda... — ganiu e seus dedos ásperos tocaram meu pescoço, arrebentando o colar e arranhando a minha pele. — Essa foi por pouco... — disse andando de costas e correu para a direção contrária a que o segurança vinha.

Assim que ele se afastou, apoiei-me na lataria e busquei por ar.

— Está tudo bem, moça? — O segurança se aproximou e me fitou preocupado.

— Si-sim... Obrigada — balbuciei, a voz esforçando-se para sair.

Mal conseguia me mexer, todos os meus músculos pareciam paralisados. Lágrimas de terror queimavam meus olhos, entretanto as engoli quando o segurança varreu o estacionamento com o olhar, a mão direita fechada no cabo da arma no coldre. Um alerta ressoou em minha mente de que o assaltante ainda poderia estar escondido ali.

Seguindo meus instinto arrastei-me para dentro do carro. Com as mãos ainda trêmulas, enfiei a chave na ignição, dei partida, e o motor roncou alto, tudo que eu queria era sair logo dali. Afundei o pé no acelerador, coloquei o carro em movimento. Meu coração ribombava frenético no meu peito, saltando com pressão nos meus ouvidos. A adrenalina ainda fluindo nas minhas veias. Parei no sinal vermelho, encostei a cabeça no volante e tentei diminuir o ritmo da minha respiração, fazer meu coração bater na velocidade normal. Fiquei assim por um bom tempo até que buzinas me trouxeram à realidade.

— Meu Deus... o que foi aquilo? — sussurrei, enquanto arrancava pela avenida.

Com a mente ainda enevoada, tateei dentro da bolsa, tirei meu celular e liguei para a primeira pessoa que me veio à mente.

— Greg, pode voltar de táxi para casa?

— Melinda — balbuciou em um tom de preocupação. — Aconteceu alguma coisa?

— Fui assaltada.

— Você está bem? Me diga onde está que vou até aí.

— Estou indo para casa. Me encontre lá. Está bem?

— Está em...? — Antes que ele pudesse concluir, encerrei a ligação. Meu estômago revirava, engoli em seco em um esforço para reprimir a náusea.

Quando cheguei ao meu apartamento, era fim de tarde. O sol desaparecia no céu vermelho-alaranjado de São Paulo. Deixei meu corpo despencar sobre o sofá. Descansei a cabeça no encosto e fechei os olhos, sentindo as lágrimas ainda presa, ardendo na garganta. Era aterrorizante ver a morte passando diante dos olhos.

Ouvi a campainha soando, minhas pernas não me obedeciam. Precisei de um esforço sobre-humano para conseguir me levantar e chegar até a porta.

Finalmente quando consegui abri-la, minha mãe estava do outro lado e me examinou, com o semblante assustado. Ela envolveu meu corpo em um abraço desajeitado. Permaneci paralisada, meus braços pendiam para os lados do meu corpo. Não sabia como reagir àquilo.

— Filha! — Um arquejo irrompeu de seu lábios. — Te machucaram? — Ela se afastou e me olhou por inteiro.

— Como você soube? — inquiri, estranhando seu aparecimento repentino e sua preocupação demasiada.

Tanto que até parecia forçada.

— Eu estava vindo para cá e o Greg me avisou — respondeu, confirmando o que eu já sabia. Ela não tinha ido ali porque realmente estava preocupada comigo. — Por que você não me ligou? — Sua voz soou baixa, um misto de ressentimento e tristeza.

— Eu não soube bem o que fazer na hora. — Afastei-me dela e dei voltas pela sala, passando os dedos de maneira nervosa pelo cabelo. — As coisas não estão exatamente bem entre nós.

— Sinto tanto por isso. Eu estava fora de mim. Mas eu deveria esperar que seu pai deixasse tudo para você. — Ela se aproximou e segurou meus braços. — Você me perdoa?

— Por que você deveria esperar isso do meu pai? — Olhei no fundo dos olhos dela e vi um brilho confuso.

Ela baixou o rosto.

— Nosso casamento não era mais o mesmo. Seu pai estava muito distante. Ficava até muito tarde no trabalho…

— E nesse meio tempo você deixou de amá-lo? — Fui até o sofá e me sentei abruptamente, fazendo as molas sacolejarem, e abracei meus joelhos, preparando-me para o que ela tinha para falar. — Sente-se aqui do meu lado.

Ela se acomodou e fitou o vazio. Toquei levemente seu braço, encorajando-a.

Ouvi uma batida na porta, seguida do ranger das dobradiças. Virei a cabeça imediatamente.

— Desculpe. Não sabia que tinha visita — disse Greg, com um semblante preocupado. — Queria saber como você está. Volto depois.

— Não é necessário. Já estou de saída. — Minha mãe se colocou de pé. — Você pretende voltar para Los Angeles quando o processo de inventário for concluído?

Desconfortável com o rumo da conversa, olhei para ela e a fitei por alguns segundos. E de repente a verdade estava lá, dançando na frente dos meus olhos. Ela não tinha vindo ao meu apartamento porque estava arrependida ou preocupada, tinha ido para confirmar se eu estava assustada o suficiente para ir embora. Isso era nítido, estava estampado em seu semblante. Assim como as outras pessoas, ela também queria me ver longe. A angústia tomou do meu peito, as lágrimas queimavam em meus olhos, mas eu me recusava a derramá-las.

— Não. Tenho muitas coisas para resolver aqui. Você gostaria que eu fosse?

— Não. — Sua voz era quase inaudível. — Vou preparar um jantar daqui a três semanas, para comemorar seu retorno. — Ela segurou minhas mãos entre

as suas. — Eu já deveria ter feito isso. Me desculpe.

Suas palavras não me convenceram.

Ainda sem saber o que dizer, a vi se dirigir para a porta e sorrir para Greg, que estava parado perto do limiar. Assim que ela saiu, ele fechou a porta e avançou na minha direção. No mesmo instante, levantei-me e me atirei nos seus braços, deixando-me ser abraçada por ele.

— Me conte o que aconteceu — disse, beijando meu cabelo. E as lágrimas que eu estava segurando explodiram. — Está tudo bem agora — sussurrou, abraçando-me com mais força, unindo nossos corpos de tal modo que eu mal podia respirar.

— Não sei se as coisas voltarão a ficar bem um dia — balbuciei.

Encostei a cabeça em seu peitoral, entregando-me à sensação de estar com ele. Seu abraço me transmitia segurança e eu queria esticar aquele momento para sempre.

— Quer ir para o meu apartamento?

— Hoje não. — Dei um longo suspiro. — Estou um pouco cansada. Sei que tínhamos combinado …

— Ei! — disse, interrompendo-me, e ergueu meu queixo para que pudesse ver meus olhos. — Não pensei que faríamos sexo. Só quero cuidar de você — Sua voz era um sussurro rouco e deixá-lo cuidar de mim pareceu uma proposta muito tentadora.

Entramos no apartamento de Greg, fui para o imenso banheiro, arranquei minhas roupas e entrei no chuveiro. Fechei os olhos quando a água começou a cair, relaxando meus músculos. Alguns minutos depois, vesti o roupão azul

felpudo, que encontrei no armário, e saí do banheiro.

Corri os olhos pelo quarto vazio e me sentei na cama. Minutos depois, Greg apareceu. Tinha tirado o paletó, e as mangas de sua camisa branca estavam enroladas até o cotovelo. Seu cabelo era a bagunça mais perfeita que eu já tinha visto.

— Vou tomar um banho rápido e já volto — ele disse.

— Achei que fosse tomar banho comigo. Você disse que ia só pedir comida — reclamei, apertando o cinto do roupão.

— Acabou demorando um pouco. — Sua voz estava fria como gelo.

— Aconteceu alguma coisa? Você parece preocupado.

— Não é nada.

— Tem certeza de que não é nada?

Seus dentes estavam trincados, era notável que ele tentava controlar uma raiva velada.

— Não consigo parar de pensar no que aconteceu com você. O cara poderia ter te matado. Além do seu rosto, ele te machucou em outro lugar? — proferiu, apontando o lado esquerdo da minha face onde tinha um hematoma.

— Meu pescoço está dolorido, mas vou ficar bem. O desprezo de quem a gente ama dói muito mais. — As palavras de minha mãe ainda fervilhavam na minha cabeça.

Ele me fitou por uma fração de segundo, pensativo, e seguiu para o banheiro.

Recostei na cabeceira da cama, peguei o controle em cima do criado-mudo e liguei a televisão. O som preencheu o quarto. Arrumei os travesseiros às minhas costas e me acomodei melhor sobre o colchão. Só percebi que estava divagando quando pressenti a presença de alguém e me virei bruscamente. Era Greg, que me olhava atentamente encostado no batente da porta.

— Desculpe, eu não tinha te visto.  Faz muito tempo que estava aí? — perguntei.

— O tempo suficiente para ver o quanto você é linda — revelou, parecendo mais relaxado e um sorriso bobo despontou em meus lábios. — Você estava distante. Espero que não esteja pensando no que aconteceu.

— Não. Eu estava pensando em você.

— Em mim?! — questionou, com surpresa.

Semicerrei os olhos e o examinei com cuidado antes de continuar.

— Com tantos motivos para querer se ver longe de mim, não entendo porque você faz questão de ficar perto.

— Eu não quero te ver longe.

Ele cruzou o quarto, com uma toalha enrolada na cintura. Gotas de água escorriam do seu abdômen definido, deixando evidente que ele mal havia se secado.

Greg se sentou na cama e se virou parcialmente para o meu lado. Inebriada pela sua proximidade, coloquei-me sentada.

— Eu não acredito nisso, já que até minha mãe está incomodada com minha presença.

— Ela só está preocupada com você.  Ela é sua mãe, é normal.

O interfone tocou, Greg se mexeu preguiçosamente.

— Deve ser nossa comida. Vamos.

Levantando-se, dirigiu-se até o armário, se vestiu e saiu pela porta.

Levantei-me ainda sentindo a calmaria que havia tomado conta de mim e fui até o guarda-roupa que, na pressa de atender o interfone, ele tinha deixado aberto. Era tudo muito organizado. Seus ternos separados por cores. Corri meus dedos sobre as peças e parei em uma camisa branca, idêntica à que ele tinha usado mais cedo.

Ainda fechando os botões, entrei na sala. Greg estava na cozinha americana colocando a mesa. Ele ergueu a cabeça, esquadrinhou meu corpo com o olhar, e seu semblante se iluminou.

— Você está muito sexy com minha camisa. Se estiver sem calcinha, eu… — Seus olhos brilharam de desejo. Encarei-o, séria, e ele parou de falar.

Uma música reverberou pela sala e ele estancou no lugar. Reconhecendo-a como o som do meu celular, esgueirei-me até lá. Olhei para a tela, boquiaberta, ao ver que tinha muitas ligações perdidas de Daniel.

— Oi, Melinda. Estou há bastante tempo tentando falar com você. — Daniel despejou em um fôlego só. — Você ficou de passar no escritório.

— Fui assaltada e acabei me esquecendo completamente.

— Assaltada?! — Sua voz era um misto de preocupação e espanto.

Fiz um breve relato do que tinha acontecido.

— Você disse que o cara perguntou seu nome? — Anuí e ele ficou em silêncio, parecendo digerir a informação. — Isso é muito estranho. O que ele levou?

— Só levou um cordão de ouro que meu pai me deu e eu não tirava do pescoço — falei, pesarosa. — Conseguiu ver o que te pedi? — Olhei por cima do ombro para me certificar se Greg estava ouvindo.

— Sim. Alguém sabia que você estava com aquele contrato?

— O que está querendo dizer? Está achando que o assalto pode ter alguma relação com isso?

— Não sei. De qualquer forma, você precisa ter muito cuidado de agora em diante. Já foi à delegacia registrar ocorrência?

— Não.

— Então iremos amanhã, logo cedo.

Procurei Greg com o olhar, perguntando-me se ele teria coragem de fazer

uma atrocidade dessas e fiquei dividida entre os meus sentimentos e a razão.

## TRÊS SEMANAS DEPOIS...

— Você não tinha que ter descido no 24º andar? — perguntei, aproximando-me de Greg e alisei com os dedos o tecido macio da lapela do seu paletó.

— E se eu disser que quero matar as saudades? — Ele me prendeu entre seus braços, deixou seu corpo pender para trás até encontrar a parede de aço do elevador privativo e roçou os lábios no lóbulo de minha orelha. — Passou o dia todo trancada na sua sala. Mal nos vimos.

— Tive bastante trabalho. Meu tio logo chegará e amanhã receberemos aquele empresário que comentei. — Afastei-me para fitá-lo. — Aliás, conto com você para me ajudar a fechar esse negócio, Greg.

— Darei o meu melhor. — Ele perscrutou meu rosto com os olhos iluminados. — Sempre.

Subi as mãos pelo tórax e enlacei meus braços em seu pescoço. Milhares de borboletas voavam em meu estômago. Eu o olhava completamente inebriada. As últimas semanas juntos me deixaram ainda mais apaixonada, e por vezes não conseguia evitar de pensar que ele também gostava de mim, o carinho que eu via na forma que ele me olhava levava-me a crer que o que a gente tinha era mais do que sexo ... Eu tinha deixado minhas paredes de proteção caírem… estava viciada no homem que poderia me arruinar em todos os sentidos. O único meio de me livrar era arruinando-o primeiro. Eu teria coragem de fazer algum mal a ele? Aproveitei o fato de estarmos sozinhos, encostei a cabeça em seu peito e

aspirei seu cheiro. Em breve, eu não o teria mais. Sabia que aquilo terminaria tão rápido quanto tinha começado. Meu peito apertou ante a ideia.

— Acho que não seria legal aparecermos juntos no jantar, na mansão da minha mãe. Para uma relação puramente sexual, ultimamente, estamos sendo vistos muito juntos — informei, engolindo o nó que tinha se formado em minha garganta. — Vou com o meu carro e nos encontramos lá.

Ele hesitou antes de responder.

— Está certo, também tenho um compromisso. — Fez uma pausa, e eu ergui minha cabeça, fitando-o. — O carro que era do seu pai ainda está na mecânica?

— Sim. Daniel disse que ainda demorará um pouco para ficar pronto.

Greg fez uma careta.

— Eu poderia ter te ajudado com isso. — Calou-se, aguardando minha resposta.

*"Não. Você não poderia porque o que estou tentando descobrir é se esse carro foi sabotado, como desconfio que o outro tenha sido."*

— Eu gostaria muito de saber o que você pensa, quando parece mergulhar dentro de si mesma — disse, analisando minha expressão.

— Prefiro ocupar seu tempo com outras coisas. — Sorri maliciosamente. — Era nisso que eu estava pensando — menti.

— É mesmo? — Seus olhos escureceram no mesmo instante. — Que tipo de coisas?

Seu rosto se inclinou na direção do meu. Ele sugou meu lábio inferior e depois o prendeu entre os dentes. Um arrepio percorreu minha espinha, e senti algo aquecer-se no meio das pernas. Sua boca logo encontrou a minha. Um beijo devorador e cheio de desejo.

— Se não fossem as câmeras, eu te foderia aqui mesmo — murmurou,

com os lábios grudados nos meus.

Havia um brilho em seus olhos que faziam minhas pernas tremerem.

O elevador apitou, e as portas se abriram, estourando nossa bolha. Quando chegamos na porta do meu apartamento, Greg me abraçou por trás e beijou meu pescoço, atrapalhando-me com a chave na fechadura.

— Você me deixa louco. — Mordiscou minha orelha, sua respiração soprou quente em minha pele sensível e foi subindo as mãos, enfiou-as por baixo da minha blusa e apertou meus seios sob o sutiã. — Sinta como estou duro — sussurrou, roçando a ereção contra minha bunda. Meu sexo se contraiu, sedento por ele.

Greg virou-me de frente para ele. Eu o encarei. Seus olhos estavam tomados de afeto, seu rosto de simetria perfeita, marcado pelo desejo. Tomando minha boca na sua, empurrou-me de encontro à porta e mergulhou a língua bem fundo em mim. Em resposta, eu chupava a dele de maneira quase primitiva. Emaranhei meus dedos em seu cabelo, puxando-o para mais perto.

Suas mãos seguraram a parte de trás dos meus joelhos, erguendo-me, coloquei as mãos em seus ombros e enlacei sua cintura com minhas pernas, deixando que me carregasse para dentro do meu apartamento, e ele me colocou sobre o braço do sofá.

Enquanto depositava pequenos beijos em meus lábios, seus dedos trabalhavam nos botões de minha blusa seda e deslizaram o tecido pelos meus braços. Em seguida, tirou meu sutiã e circundou meus seios com suas mãos com tanta força que soltei um grito abafado. Seus lábios se separaram dos meus e desceram por meu pescoço em direção aos meus seios, envolveu o mamilo com sua língua macia e quente, enviando impulsos vorazes pelo meu corpo inteiro.

Acariciando a parte interna da minha coxa, pôs-se a me estimular por cima da calcinha minúscula branca que usava. Eu tremi, com uma vibração que me sacudiu. E então ele recuou, fitando-me. Seus olhos brilhavam, refletindo o

mesmo desejo que eu também sentia, mas havia algo a mais neles. Angústia. Desespero. Medo?

Ele baixou o rosto. Os olhos encobertos pelos longos cabelos despenteados. Quando voltou a me fitar, seu rosto estava com a mesma expressão sombria e tensa que eu tinha o visto durante o dia.

Ele me estudou por um tempo e lambeu os lábios. A fome sexual que irradiava dele estava de volta à sua fronte.

Greg desfez o nó da gravata, deixando-a cair no tapete. Ele estava maravilhoso com aquele terno cinza, todavia, ficou excepcional quando se livrou dele, expondo uma ereção gloriosa. Meus olhos passeavam por seu corpo, examinando cada pedaço de pele exposta. *"Sexy pra caramba!"*, pensei, sentindo meu interior entrar em colapso somente de olhar para ele.

— Termine de tirar a roupa! — ordenou. Sua voz havia ficado mais rouca do que o habitual.

Meio tonta pelo desejo, levantei-me e abri o zíper da saia, deixando-a cair aos meus pés. Naquele momento, só existia ele e eu. Não me lembrava mais do medo, das desconfianças. Minha mente estava enublada pelo desejo e pela necessidade de tê-lo.

Com o olhar de um predador, avançou em minha direção e tomou meus lábios outra vez. Minha bunda foi de encontro ao sofá, abriu bem minhas pernas, alinhou seu pênis na minha entrada e se afundou lentamente em mim. Alargando-me além do meu limite para acomodar sua espessura. Gemi, extasiada. Minha cabeça tombou para trás e arqueei o quadril para recebê-lo.

Eu conseguia ver seu pênis grande e grosso entrando e saindo de mim, em um movimento lento e ritmado. Era uma visão deliciosamente erótica.

— Gosta de me ver te possuindo? — rosnou entre dentes.

— Sim… — gemi, com a voz sôfrega, balançando os quadris contra ele. Meu sexo engolindo seu membro com ganância.

Abocanhando meu mamilo sensível, sugou-o debilmente, enquanto continuava a estocar devagar. Gemidos escapavam dos meus lábios, enquanto ele me possuía, em uma velocidade que mais parecia um castigo. Meu corpo clamava pela libertação. O desejo era tanto que chegava a doer.

— Quero mais, Greg… mais rápido… mais fundo — pedi entre gemidos.

— Você quer que eu seja bruto?

— Quero — respondi, desconhecendo o som que saiu de minha garganta.

Subitamente, ele me virou de bruços, de modo que fiquei deitada com os seios no sofá e deu um tapa na minha bunda. O ardor em minha pele me fez gemer ainda mais alto.  Afastando minhas pernas, roçou a cabeça do pênis na minha entrada escorregadia, do jeito que eu gostava, e o empurrou fundo, forte, para dentro de mim. E desta vez não consegui abafar o grito que saiu da minha garganta com a selvageria de sua posse.

Suas estocadas ficaram mais profundas e brutas, uma linha tênue entre a dor e o prazer que aumentava ainda mais o meu desejo. Fincou sua mão no meu couro cabelo e puxou meus cabelos.

— Mais? — rosnou e forçou meu pescoço para o lado para ver meu rosto. Mordiscou meu ombro, arremetendo tão fundo que pensei que me partiria ao meio.

Eu queria tudo que Greg pudesse me dar. Odiava saber que estava se segurando, pegando leve comigo por me achar delicada. Eu queria satisfazê-lo. Queria que sentisse prazer da mesma forma que me proporcionava.

— Sim, eu quero mais — implorei, rebolando contra seu quadril, grudado em mim. Suas bolas roçavam contra meu clitóris, estimulando-me ainda mais.

Greg alcançou meus seios e prendeu meus mamilos em seus dedos, apertando-os com rigor e, ao libertá-los, senti meu sangue pulsar e um delicioso arrepio correr por meu corpo. Ele segurou-me pelo quadril, erguendo-o ainda

mais, desferiu outro tapa em minha bunda e continuou investindo contra mim, entrando cada vez mais fundo de forma dura e vigorosa. O som de nossos corpos chocando-se e os gemidos ecoavam pela sala.

Senti meus músculos contraindo-se, logo soube que eu estava perto, e ele aumentou o ritmo. Meu corpo trêmulo se inclinou para frente, agarrei a lateral do sofá, totalmente sem fôlego, e os fluídos de meu orgasmo escorreram por minhas pernas. Então ele deu uma forte arremetida, enterrando-se todo dentro de mim. O orgasmo tomou meu corpo inteiro, gritos de prazer irromperam por minha garganta. Com uma última estocada, ele também chegou ao ápice, enchendo-me com seu líquido quente e desabou sobre mim.

— Você será literalmente minha perdição — ronronou, com o rosto enterrado em meu pescoço.

Com a respiração ofegante, ele acolheu meu corpo mole em seus braços, cruzou a sala e subiu a escada.

— Eu te amo, Greg. Eu te amo — sussurrei com a cabeça no seu ombro e os braços em volta do seu pescoço, enquanto minha respiração se acalmava e as batidas do meu coração se normalizavam.

— O que você disse? — inquiriu, assustado.

Só então me dei conta de que tinha deixado escapar as palavras que eu vinha sufocando havia dias. O que tinha dado em mim para me expor em um nível emocional tão grande? A minha alma, a paixão que guardei por anos estavam escancaradas na frente de seus olhos. Busquei seu rosto e o encarei, desnorteada. Ele me olhava de volta sem reação. Não esboçou o sorriso presunçoso como cheguei a imaginar algumas vezes. Seus olhos estavam vazios, e ele parecia tão perdido quanto eu.

— Eu não falei nada — respondi em um fio de voz.

— Você disse que me ama? — Seu corpo tensionou, e ele me colocou no chão. — Eu não sou surdo. Você disse que me ama, porra. — Sua voz aumentou

de volume, e ele colocou a mão na parede do corredor. — O que isso significa? — gritou, prendendo seus cabelos entre os dedos, parecendo desorientado.

— Não significa nada.

Greg continuou me encarando, mas não tinha certeza se ele me via de fato. Seus olhos estavam perdidos, como se sua mente estivesse em outro lugar.

Ele começou a se afastar, andando de costas, em seguida, ouvi seus passos apressados na escada. Segundos ou minutos depois, ouvi a porta batendo. Ele havia ido embora. Greg tinha me levado ao paraíso, para depois me deixar cair. E minha queda estava apenas começando.

Uma parte de mim havia se quebrado. Meus olhos ardiam em lágrimas, mas me recusei a derramá-las, eu tinha prometido para mim mesma que não iria chorar quando aquele momento chegasse. Dirigi-me para o banheiro, a fim de me afundar na banheira e ficar lá até aquela angústia passar. Enquanto esperava a banheira encher, apoiei as mãos na lateral do mármore branco e encarei meu reflexo no espelho. Minhas bochechas estavam afogueadas, meu cabelo loiro era uma bagunça suada, grudada em meu rosto e meu pescoço estava vermelho com algumas manchas arroxeadas onde Greg tinha chupado minha pele.

Alguns minutos depois, afundei-me na banheira, sentindo minha pele arder com o contato com a água quente, soltei um gemido tombando a cabeça para trás.



Quando o portão se moveu à minha frente, baixei os faróis e entrei na mansão de minha mãe. De imediato percebi a movimentação de pessoas entre as mesas dispostas no jardim. Ignorei a área destinada aos visitantes e parei meu carro — um modelo do nosso catálogo, fabricado na Alemanha — na garagem

da família, seria mais cômodo quando eu quisesse ir embora. O *Jaguar* de Greg também estava ali.

Abri a porta e fui atingida pela música. Apertei minha pequena bolsa na frente do corpo e segui em direção à entrada. Como se estivesse aguardando minha chegada, mamãe apareceu no *hall* assim que abri a porta.

— Já estava preocupada com sua demora, filha. — Com uma alegria forçada, ela me envolveu em um abraço. Não era o mesmo abraço acolhedor de antes e talvez nunca mais fosse.

Atrás da minha mãe, estava Abílio, esboçando um sorriso frio. Ele colocou a mão no ombro dela, como se quisesse lembrá-la de que ele estava ali. Enlaçando-a pela cintura, puxou-a para perto de si, e ela se contraiu com seu toque, mas os olhos dele ficaram presos em mim, e havia neles uma ameaça velada que eu não podia ignorar.

Nojo, repulsa, era o que eu sentia na presença dele.

— O jantar será servido daqui a pouco — disse minha mãe, quebrando o silêncio que se instalou.

— Boa noite, Melinda. Bem-vinda! — Abílio disse, percebi o tom de provocação, mas não consegui me conter.

— Se não lembra, essa ainda é minha casa. Pelo menos metade dela.

— E a outra metade você dará um jeito de tomar da Luciana?

Semicerrei os olhos.

— Venha, Melinda. Quero te apresentar algumas pessoas. — Mamãe entrelaçou o braço no meu e me guiou para fora da casa, para o jardim onde havia várias mesas dispostas.

— Você o ama, mãe? Você ama o Abílio? — As palavras escaparam da minha boca sem nenhum controle. — Você é feliz com ele?

Ela me olhou, alarmada.

— Ele… — balbuciou, indecisa, por alguns instantes, e virou a cabeça, como se certificasse de que ele não estava perto o bastante para nos ouvir. — Está vendo aquele casal? — Apontou discretamente com a cabeça. — Quero que os conheça. Ele é um deputado muito influente — respondeu, fugindo da minha pergunta.

Enquanto era apresentada ao deputado e sua esposa, buscava Greg com o olhar, não tinha o visto em nenhum lugar. Como seria quando ficássemos de novo frente a frente?

— Mãe, você sabe onde está o Greg?

Ela me analisou atentamente antes de responder:

— Não o vi mais depois que chegou. Por quê?

— Tenho alguns assuntos da empresa para tratar com ele.

— E não pode esperar até amanhã? — Fitou-me com seus olhos cor de mel, desconfiados. Enquanto formulava uma resposta, ergui os olhos e fitei a janela do meu quarto.

— Vou subir até meu quarto. Peça para algum dos empregados me avisar quando o jantar for servido.

— Está bem. — Deu um tapinha no meu braço.

Segui rumo à porta lateral, passei por um enorme corredor que dava acesso à sala de estar. Abílio estava sentado em um dos sofás, segurava um copo que ainda continha um pouco de *whisky*. Era impossível ignorar o quanto ele e Greg se pareciam. Intriguei-me por ele estar ali sozinho, com tanta gente do lado de fora.

Subi as escadas, mas eu podia sentir seu olhar sobre mim. Cheguei ao corredor escuro, a única luz vinha da fresta da porta de um dos quartos de hóspedes que ficava em frente ao meu.

Coloquei a mão na maçaneta, mas parei quando ouvi vozes vindo do

outro quarto e me aproximei, tentando descobrir quem poderia estar ali. Uma daquelas vozes me era muito familiar. Empurrei a porta com as pontas dos dedos, e ela abriu com um rangido.

Meus lábios se abriram em choque. Levei o punho à boca para conter o grito que ameaçava explodir por minha garganta, quando vi que, sobre a cama no meio do quarto, havia dois corpos seminus, contorcendo-se, um em cima do outro, em frenesi. A garota, que não pude ver o rosto, mantinha as pernas nuas em volta da cintura dele e gemia de prazer enquanto era beijada no pescoço. Tentei me afastar sem ser vista, mas, naquele momento, eles perceberam minha presença e olharam na minha direção.

*"Greg?!"* Os meus lábios se moveram, mas não saiu som algum.

Era como se uma lâmina tivesse sido empurrada em meu coração. Doía tanto que eu mal conseguia respirar. As lágrimas desceram quentes por meu rosto e eu não tinha nenhum controle sobre elas.

Por um momento, acreditei que meus olhos estivessem me traindo, mas não havia dúvida. O homem que estava prestes a transar com a garota era Greg.

— Melinda!

Greg chamou meu nome e se desvencilhou da garota.

Meus pés automaticamente começaram a se mover. Minha vista estava embaçada pelas lágrimas que rolavam livremente por meu rosto. A promessa de que não choraria ficou esquecida em algum lugar na minha mente. Desci as escadas pulando os degraus de dois em dois e cheguei à sala de estar. Senti meu corpo colidindo com o de outra pessoa, mas não parei para ver quem era, nem me lembro de ter me desculpado.

Quando finalmente entrei na garagem, ouvi passos atrás de mim e alguém pedindo-me para esperar. Por mais que a raiva pulsasse freneticamente dentro de mim, entrei no carro e bati a porta em um baque surdo. Coloquei a chave na ignição, liguei o motor, que acordou com um ronco suave, e manobrei,

indo embora dali.

Ao entrar no estacionamento do meu prédio, deixei o carro na vaga, dei um chute na lataria e senti uma dor lancinante no meu pé. Só não doía mais do que as feridas abertas no meu coração. E eu queria chutá-lo até que toda a raiva e aquela dor fossem embora.

Eu tinha desnudado a minha alma, deixei-me exposta e vulnerável, quando admiti que o amava, e ele só estava esperando que eu demonstrasse fraqueza. Eu sabia que cairia e, mais rápido do que eu esperava, tinha chegado ao inferno.

E para conseguir voltar à superfície, eu precisava ir para longe dele e de tudo que o lembrasse.

Tirei o cabelo que grudava em meu rosto, limpei as lágrimas e me arrastei até o *hall*. Quando entrei no elevador, vi meu reflexo no espelho. Meu rosto estava inchado, os olhos azuis estavam vermelhos. O elevador subia em um lentidão excruciante, pessoas entravam e saíam, obrigando-o a parar, aumentando ainda mais minha angústia.

Quando as portas duplas se abriram, equilibrei-me em uma perna e arranquei um sapato de cada vez. Aplicando pressão na sola dos pés, comecei a massageá-los, sentindo meus dedos protestarem. “*Merda!*”

Ao abrir a porta, evitei olhar para o sofá onde tínhamos transado poucas horas atrás. No entanto, as lembranças de Greg estavam impregnadas em cada parte do meu apartamento. Subi as escadas, meus pés descalços tocavam a madeira fria, produzindo um ruído abafado. Arrancando o vestido pela cabeça, adentrei em meu quarto e me atirei na cama. O cheiro dele despertou meus sentidos, e as lágrimas voltaram. Soluços irrompiam por minha garganta e reverberavam pelo quarto. Tapei a boca com a mão, em uma tentativa vã de pará-los.

— Eu te odeio, Greg! — Minha voz embargada ressoou no silêncio. —

Eu te odeio.

Porém, eu me odiava mais por ter alimentado a esperança de que ele poderia me amar e por ter buscado indícios de que o que a gente tinha era mais do que sexo. O desespero ficou insuportável. Enterrei o rosto no travesseiro, apertei os olhos com força e puxei o lençol até o pescoço.

Meu celular tocou em algum lugar, tateei o chão até encontrar minha bolsa. Era Greg ligando-me. Voltei a puxar o lençol até o pescoço e olhei fixamente para a tela, tentando decidir se atendia ou não. O que ele queria? Rir de mim? Saber se vê-lo com outra tinha me machucado o suficiente?

Deixei-o tocar até que a chamada terminasse por mais que, no fundo, minha vontade fosse atender e mandá-lo ir para o inferno. O celular voltou a tocar, desliguei-o e joguei para longe.

A vontade de fugir de tudo que me lembrava dele martelava forte no meu peito, mas, antes disso, eu iria quebrá-lo e não restaria nenhum de nós dois inteiro.

Sentado em uma poltrona no meu quarto, eu observava a cidade. As luzes bruxuleantes que entravam pela janela projetavam um pouco de claridade no quarto. Aquele era um dos dias em que se tornava insuportável conviver comigo mesmo. A escuridão que dominava todo o apartamento era apenas um grão de areia comparada à que assolava-me por dentro. Inspirando com força, deixei o peso do meu corpo cair sobre o encosto da poltrona. Afundando uma mão em meu cabelo, puxei-o em claro sinal de descontrole. Eu ainda não conseguia acreditar que tinha aberto mão dos meus sentimentos por Melinda. E tê-la perdido avivou em meu coração a dor de uma outra ausência que nunca consegui superar. Apertei os olhos com força, deixei a cabeça cair para trás, respirei fundo, e as imagens da minha mãe se desenharam em minha mente, como em um filme de longa-metragem.

*"— Você tem aula amanhã cedo. Não volte muito tarde*."

— Não se preocupe — disse eu, dirigindo-me para a porta.

*"— Eu te amo tanto, filho."*

Ela sempre dizia que me amava, o que eu não imaginava é que aquela seria a última vez. Naquela noite, minha mãe foi embora para sempre.

Pouco tempo depois que saí de minha casa, vi o carro do meu pai parado em um cruzamento. Algo me dizia que ele estava indo falar com minha mãe. Eles estavam em um difícil processo de divórcio. Depois de anos sendo violentada física e psicologicamente, ela decidiu se livrar daquele fardo. No mesmo instante, senti um aperto no peito e temi por ela, mas não voltei para casa. Essa culpa vinha me atormentado por todos esses anos. Segundo as autoridades, minha mãe teve um mal súbito. Algumas pessoas diziam que ela estava inconsolável por perder o esposo e não suportou o coração partido. Nunca

fora comprovado que meu pai esteve lá e, por todos esses anos, tenho tentado acreditar que tudo não passou de loucura da minha cabeça. No entanto, depois que a Melinda voltou, a máscara do meu pai caiu, revelando-me o monstro que ele realmente era. E que era capaz de tudo para afastar quem ousasse atravessar seu caminho.

Soltei o ar dos pulmões e apertei o colar da Melinda, sentindo o atrito do metal na palma da minha mão. O colar que o filho da puta tirou dela na tarde em que ela foi atacada. Que me foi entregue ontem por meu pai na empresa, como prova de que ele não estava brincando, obrigando-me a fazer seu jogo e partir o coração dela. E assim como afastou minha mãe, ele também tinha tirado Melinda da minha vida.

Precisei de muito autocontrole para trabalhar o resto do dia ao lado de Melinda, fazer sexo com ela e não deixar transparecer a bagunça que estava em minha mente.

Tudo que eu não precisava no momento era que ela dissesse que me amava, dando munição para os planos de meu pai de magoá-la. Depois de ver em seus olhos o que ele era capaz de fazer, isso seria inevitável.

Quantas vezes desejei ouvir isso dos lábios dela, mas não era hora de ser egoísta, de pensar só em mim. Só podia desejar que um dia ela pudesse me perdoar por toda a dor que a fiz passar e que não tivesse doído nela o tanto que doía em mim.

Talvez fosse minha sina perder as pessoas de que gostava depois de elas dizerem que me amavam.

O barulho do computador iniciando me arrancou dos meus devaneios. Em um movimento brusco, fiz a poltrona deslizar até a escrivaninha e voltei minha atenção para o monitor. Em poucos segundos, meu recente projeto, que iria compor o catálogo de carros das empresas *Becker* na Alemanha, apareceu na frente dos meus olhos e iluminou o quarto com a luz azul que saltava da tela. O

mesmo azul dos olhos de Melinda.

A dor em meu peito ficou ainda mais forte, desesperado, segurei minha cabeça entre as mãos. Um turbilhão de sentimentos girava dentro de mim, deixando-me perturbado. Levantei-me bruscamente, fazendo o computador balançar e quase ir para o chão. Automaticamente, minhas pernas começaram a se mover. Quando dei por mim, estava selecionando o número do andar dela no painel do elevador.

Parei em frente à porta do seu apartamento. Minha vontade era socar a porta até que ela caísse, porque sabia que Melinda não abriria, e dizer a ela que não toquei naquela mulher, que era tudo armação do meu pai e que a deixei logo em seguida e saí do quarto. Encostei a testa na madeira fria. Ela era minha destruição, no entanto meus pés continuavam me levando até ela. Era horrível saber que ela estava tão perto, todavia parecia estar a um milhão de quilômetros de distância.

Quando finalmente ergui a cabeça, meus olhos estavam rasos de lágrimas. Por uma pequena janela, vi os primeiros sinais do nascer do dia e decidi voltar para o meu apartamento, tomar outro banho para tirar o cheiro daquela garota que parecia estar impregnado no meu corpo e tentar dormir um pouco antes de ir para o trabalho.



Ainda era muito cedo quando entrei na empresa. Minha secretária ainda não tinha chegado. Fui para a minha sala e mergulhei no trabalho para ocupar minha mente com outra coisa que não fosse a Melinda, mas em todos os lugares as lembrança dela me perseguiam.

Eu estava absorto, analisando o contrato da reunião que teria em algumas

horas. Ouvi o ranger das dobradiças e ergui os olhos. Um momento depois, a presença sufocante do meu pai enchia a sala. Ele deu um sorriso e enfiou as mãos no bolso da calça.

— Queria te parabenizar por ontem à noite. A Melinda deixou o jantar arrasada.

Engoli em seco, tentando conter a raiva que começava a me dominar.

— Acha mesmo que isso é o bastante para fazê-la desistir do cargo de CEO?

— Espero que sim, porque quero essa garota fora do meu caminho.

— Ela ainda pode indicar alguém da confiança dela para o cargo.

— Mas essa pessoa não vai conseguir assumir. Temos todo o conselho administrativo a nosso favor, e você tem feito um ótimo trabalho. Duvido que o tio dela vá querer te tirar daqui.

— Eu já disse que não tenho nenhuma intenção de ficar com o cargo. Assim que a Melinda estiver longe daqui, pedirei demissão.

— E por que aceitou se não tem pretensão de ficar? — Colocou as mãos sobre a mesa e se inclinou para frente, lançando-me um olhar aguçado, e eu desviei o olhar. — Não, espere! — E começou a rir, de modo que seu hálito quente tocou minha face, deixando-me enojado. — Não me diga que você está apaixonado por aquela garota? — Sua risada, antes alta, tornou-se histérica.

Eu já o tinha ouvido rir daquela forma muitas vezes e sempre era precedido pelo choro de minha mãe. Cerrei o maxilar e continuei a encarar, em silêncio, a criatura fria e abominável que estava na minha frente. Um rosnado ficou preso em minha garganta. Meu sangue fervia de ódio, precisei de muito autocontrole para me lembrar de que ele era meu pai.

— Não seja tolo! — rosnou, seus olhos ficaram frios como gelo. — Não deixe a filha do deputado escapar. Dê a ela a melhor foda que poderia ter na vida e a terá rastejando aos seus pés.

— Suponho que foi assim que conquistou minha mãe e a Luciana — deixei escapar.

Decididamente, eu não via outra forma para ele ter conquistado uma mulher doce e adorável como minha mãe.

— Sua mãe e eu éramos muito apaixonados. — Fingiu uma falsa condolência. — A Luciana era uma vadia insatisfeita com o marido que não sabia fazer as coisas direito.

— Então vocês já estavam juntos antes do marido dela morrer?

*"Por que eu estou perguntando essas coisas?"*

— Não me diga que você está chocado — disse, em tom de deboche. — A Luciana foi minha amante por um bom tempo.

Eu não estava chocado, já tinha me acostumado a esperar o pior dele. A única coisa que me intrigava era ele ter escolhido a Luciana, se na época não havia nenhuma possibilidade de ele ficar com os bens dela. Nunca tive dúvidas de que meu pai tinha se casado com ela movido por interesse, e como ela já não servia mais para ele, provavelmente logo seria descartada. Assim como aconteceria comigo, só restava a dúvida de como ele faria isso e torcer para que nós não terminássemos como minha mãe.

Ouvi uma leve batida na porta, e a minha secretária entrou.

— Aqui está a ata da reunião que me pediu, senhor Gregório.

Apenas acenei com a cabeça em um agradecimento mudo.

— Sobre o que será essa reunião? — meu pai perguntou, com os olhos fixos no corpo da secretária, que se dirigia para a saída.

— Achei que soubesse, você controla os passos de todos dentro dessa empresa — disse, em tom desafiador.

Ele esticou a mão, pegou o contrato sobre a mesa e correu os olhos pelo papel.

— Parabéns, se conseguir fechar, será um bom negócio.

— Deveria dar os parabéns para a Melinda.  A negociação foi feita por ela.

Seu semblante se fechou em uma expressão feroz. Arrependi-me de imediato por ter dito isso.

— Você não pode permitir que ela feche um contrato grandioso desses. Se isso acontecer o Conselho ficará do lado dela. Você me ouviu?

Nós nos encaramos por um longo tempo, a tensão era perceptível.

— O empresário já está para chegar. Acho que ela não virá — ele continuou, e um sorriso cínico se desenhou em seus lábios.

— Eu sei. Teremos que iniciar a reunião sem ela. — No fundo, eu torcia para que ela aparecesse. Queria saber como estava.

Como se tivesse ouvido meus anseios, Melinda adentrou na sala.

— Se estavam falando de mim, acabei de chegar. Me desculpem pelo atraso. — A sua voz estava carregada com tanta mágoa.

Tive que refrear o desejo de me levantar e tomá-la nos meus braços. Quando seu olhar finalmente encontrou o meu, estava cheio de uma tristeza incomensurável. Doeu saber que era por minha culpa.

— O que aconteceu para você ter deixado o jantar daquele jeito, Melinda? — ele falou, um sorriso cínico repuxando no canto dos seus lábios.

Melinda contorceu as mãos, apertando uma contra a outra, um sinal claro de seu nervosismo.

Meu olhar se fixou no dela. Seus lindos olhos azuis deixavam evidente a dor que ela sentia.

Melinda moveu os lábios para revidar, e eu comecei a falar antes que ela tivesse a chance.

— Eu estava lendo o contrato que você quer fechar e achei bem

arriscado, Melinda — grunhi, com raiva de mim mesmo por dizer aquilo. Fazia muito tempo que não fechávamos uma boa negociação como aquela, mas eu estava disposto a magoá-la um pouco mais para não vê-la em risco.

— Por quê? — Sua voz carregada de raiva silvou entre seus dentes.

— Ficaremos muito tempo presos a esse contrato. — Joguei a pasta sobre a mesa com uma força desnecessária.

— Sei disso, mas nos ajudará a cobrir o rombo em nossas finanças.

Meu pai buscou o meu olhar, e eu sabia o que aquilo significava. Ficou estampado em sua face que estava temendo que ela tivesse descoberto as suas sujeiras, e o próximo passo dele seria atacar.

Meu pai andava pela sala, com a postura tensa, concentrado. Eu quase podia ver as engrenagens girando em seu cérebro.

— Você não pode fechar um negócio desses sem consultar a mim e a seu tio — meu pai grunhiu raivoso e estreitou a distância entre eles, como se fosse atacá-la a qualquer momento.

Meu corpo ficou tenso. Fiz menção de me levantar e ele parou.

— No que depender de mim, farei de tudo para impedir — advertiu ele.

Ela deu um sorriso frio e levantou o queixo de forma desafiadora.

— Sinceramente, não me importo. — Ela cuspiu as palavras e passou a mão em seus cabelos loiros, empurrando-os para trás da orelha. — Se não revertermos logo nossa situação financeira, dentro de alguns anos, teremos que fechar essa filial. — Deu alguns passos, colocando-se a uma distância segura dele. — Levarei bastante prejuízo, mas ainda assim continuarei sendo a sócia majoritária nas filiais dos outros países. Ao contrário de você, senhor Abílio. Felizmente você só é sócio dessa filial, por isso, não tenho certeza se realmente quero reerguê-la. — Ela parou para tomar fôlego antes de continuar: — Há coisas que não podem ser resolvidas com um contrato de casamento. Não é mesmo, senhor Abílio?

Ele cerrou a mandíbula, dirigiu a ela um olhar glacial e cruzou a sala. Eu podia sentir a tensão em seus movimentos. Quando ele saiu, fiquei um tempo olhando fixamente para a porta, pensativo. Meu pai não fugia facilmente de uma discussão. Suspeitei que estivesse planejando algo. E tinha certeza de que não era algo bom.

Meu olhar encontrou o de Melinda. Nós nos encaramos pelo que pareceu ser uma eternidade. Naquela troca de olhares, tive certeza de que, ao meu modo, eu amava aquela mulher. Prova disso era não ter me esquecido dela em todos esses anos. Eu ainda recordava cada detalhe do nosso primeiro beijo, que aconteceu na sua festa de dezoito anos. Inventei uma desculpa qualquer e a arrastei para um local escuro no jardim da mansão dos seus pais. Antes de ela perceber minhas intenções, tomei seus lábios doces. Ela travava uma batalha interna, mas acabou correspondendo. Minhas mãos ganharam vida própria e começaram a lhe acariciar as coxas por baixo do vestido, até encontrar a parte da frente da sua calcinha. Toquei seu sexo por cima do tecido molhado pela sua excitação e ela gemeu baixinho. E o desejo de me enterrar dentro dela se alastrou pelo meu corpo. Quando se deu conta do que estava prestes a acontecer entre nós, ela me empurrou, se desvencilhou de meus braços e fugiu de mim.

Enquanto fitava seu lindo rosto, cheguei à conclusão de que eu faria qualquer coisa para livrá-la do meu pai, nem que para isso precisasse magoá-la um pouco mais e foi o que fiz.

Desviando o olhar, Melinda começou a se mover em direção à porta.

— Espere! — pedi, e ela congelou no lugar. — Queria explicar o que aconteceu ontem.

Eu estava me odiando pelo que eu iria fazer, mas era preciso.

— Você não me deve nenhuma explicação — grunhiu, sem olhar para mim.

— Não, mas eu preciso. — Deslizei a poltrona para trás e me levantei. Meus passos rangiam no piso, no entanto ela permaneceu de costas para mim. — Você disse que me amava. Eu não queria brincar com seus sentimentos. Não era

minha intenção te machucar.

— Não me machucou — disse em um tom de voz que deixava claro que estava mentindo. — Por mais que eu ame você, sempre soube que não ficaria e nem eu queria isso.

Ela não queria que eu ficasse. Ainda que soubesse que era uma escolha certa, suas palavras me afetaram.

— Estou me sentindo culpado por não ter falado sobre a minha namorada.

Ela soltou um suspiro ruidoso.

— Como você teve coragem de ficar comigo esse tempo todo tendo namorada? — A tristeza em sua voz era cortante.

Ela se virou e me encarou com os olhos cheios de lágrimas, deixando-me desnorteado.

— Mel… eu… — balbuciei e ergui a mão para tocar seu rosto.

Um som de repulsa escapou dos seus lábios.

— Não toque em mim… Nunca mais. — Deu um passo para trás, afastando-se.

Ouvimos uma batida discreta na porta, e ela foi aberta em seguida.

— O empresário que estavam esperando acabou de chegar — informou minha secretária.

— Por favor, o acomode na sala de reunião — eu disse. — Já estamos indo. Depois terminamos essa conversa.

— Não temos mais o que conversar.

Dirigi-me para a porta, mantive-a aberta para que Melinda passasse.

Ela cruzou o corredor pisando duro e entrou em sua sala. Parei diante da parede de vidro e fiquei observando-a se movimentar lá dentro.

— Você não participará da reunião? — perguntei, irrompendo pela sala.

— Não. Minha presença não fará nenhuma diferença. Sei que no final prevalecerá a vontade do seu pai.

Ela abriu uma gaveta, fazendo um ruído estrondoso, tirou algumas coisas lá de dentro e enfiou em sua pasta de couro.

— O que está fazendo? Por que está juntando suas coisas? — inquiri.

— Estou indo embora.  Talvez essa seja a última vez que você me verá aqui.  — Enxugou uma lágrima com as costas da mão.

Não sabia se eu ficava aliviado ou triste. Sabia o quanto ela estava frustrada para ter tomado essa decisão.

— Eu sinto muito — murmurei.

Ela deu um sorriso frio.

— Não sinta. Para eu ficar, você precisa ir. — Fez uma pausa. — Não que você não seja um bom CEO. Seu problema é ser capacho do seu pai.

Suas palavras me atingiram como um soco no estômago.

— Eu não sou capacho do meu pai — rosnei entre dentes. — No momento em que eu estiver naquela sala, farei o que for melhor para a empresa.

Ela sustentou meu olhar. Seus olhos brilharam de maneira desafiadora sob os cílios espessos.

— Eu não posso perder isso por nada. — Sorriu com sarcasmo, colocou alguns papéis dentro da pasta e partiu para a sala de reunião.

Quando a viu entrar na sala, o empresário se levantou e foi ao encontro dela, analisando-a em uma espécie de contemplação.

Ele apertou a mão dela cordialmente, certamente porque estávamos em um ambiente de trabalho. Havia algo diferente no jeito que ele a olhava, mas não pude identificar o que era de imediato.

Sem pensar, aproximei-me dela e coloquei minha mão em suas costas de forma possessiva. Só então ela pareceu perceber minha presença, se retraiu ao

meu toque e se esquivou.

— Acredito que não tenham sido apresentados. — Ela tinha um sorriso de satisfação no rosto. — Esse é o Sean Thompson e esse é Gregório Montenegro, o CEO da nossa companhia.

Quando tive a compreensão de que aquele cara era o ex-namorado dela, ou seja lá o que ele fosse, um sentimento estranho me dominou e fluiu para cada célula do meu corpo. Fitei-a com um expressão gélida, tensionei a mandíbula, contendo a raiva que ameaçava explodir e finalmente apertei a mão que ele me estendia.

— Sentem-se — disse friamente.

A reunião demorou a terminar.  Foi como se o tempo tivesse parado por horas. Em todas as vezes que Sean dirigia o olhar cobiçoso na direção de Melinda, eu tinha que me controlar.



Sozinho na sala de reunião, debrucei-me sobre a mesa. Fechei a mão em punho e soquei a madeira para extravasar a raiva que me consumia. Fiquei ainda mais nervoso quando constatei que o motivo da minha irritação era ciúmes da Melinda com o filho da puta do Sean. Eu nunca tinha sentido ciúmes de nenhuma mulher.  Isso era novo para mim.

Meu pai entrou na sala como um furacão. Sua postura altiva era a combinação letal de ódio e fúria.

— Fiquei sabendo que o negócio ficou quase fechado. — Meneei a cabeça, concordando.

— Por que você deixou que isso acontecesse?

— Porque precisamos do dinheiro — redargui.

— A fedelha acabou de sair, levando todas as coisas dela.

— É verdade. Ela me disse que não pretende voltar mais para a empresa.

Ele sorriu, vitorioso.

— Então o cargo de CEO é definitivamente seu.

Eu não iria ficar no cargo, sendo usado por ele. Sabia que queria me manter ali porque ele mesmo não poderia voltar.

— Você não leva a sério o que eu digo. Não vou…

— Não ouse repetir isso — rosnou, apertando os dentes, e suas narinas dilatadas tremeram. — Você vai ficar no cargo, nem que para isso eu …

— Você o quê? — Apertei as mãos em punho até os nós dos dedos ficarem brancos.

— Não queira saber. — Ele recuou alguns centímetros e seu semblante ficou pensativo.

Depois da conversa com meu pai, as palavras de Melinda permaneceram ecoando em minha mente. E o pior de tudo era saber que ela tinha razão. Passei a vida todo sendo o capacho do meu pai, mesmo quando pensava que fazia o contrário. O que eu havia me tornado, minha profissão refletia os interesses dele e só cabia a mim dar um fim nisso. E eu faria isso naquele dia mesmo. As consequências seriam desastrosas, mas eu já estava cansado de ceder.

Arrumei minhas coisas e me dirigi para a sala de arquivos. Fui direto para o armário onde ficavam os contratos mais importantes.  Abri a gaveta e tive que conferir uma segunda vez para constatar que os contratos fraudulentos não estavam lá. E só tinha uma pessoa que poderia tê-los encontrado.  *Melinda!*



— Você deveria ter avisado a que horas chegaria. Eu teria te buscado no aeroporto — protestei, deixando a sala de reunião ao lado de Sean.

Ele tirou o paletó preto que vestia, o dobrou sobre o braço e passou a mão em seu cabelo negro, empurrando para trás uma mecha que caía em seu rosto.

— Não queria te incomodar — articulou em seu inglês perfeito.

Entramos no elevador privativo, me encostei na parede metálica e o contemplei em silêncio. Meu coração se encheu de tristeza, e o ar ficou preso na minha garganta. Por que eu simplesmente não me apaixonei por ele? Em seus olhos, eu via uma promessa de paz e calmaria que eu não via em outro rosto. Enquanto amar Greg era como nadar contra a corrente e ser arrastada para o alto mar. O homem tinha me quebrado inteira, mas ainda assim meu coração pulsava mais forte somente em olhar para ele. Por mais que tenha passado anos negando, até para mim mesma, era a ele a quem meu coração sempre pertenceu... *"Acho que nunca conseguirei me curar desse vício que é Greg."* Nem mesmo Sean, que era a perfeição em pessoa, conseguiu me fazer esquecê-lo.

— Você está ainda mais linda do que eu me lembrava — falou Sean, quebrando o silêncio.

— Obrigada! — Foi o que consegui dizer.

Assim que chegamos ao estacionamento, nos despedimos brevemente. Nenhum de nós parecia saber o que falar. O silêncio às vezes era capaz de dizer mais do que mil palavras. Analisei seu rosto e, por mais que a adoração ainda estivesse presente em seu olhar, Sean parecia ter aceitado que não haveria mais nada entre nós.

Eu andava para a outra extremidade do estacionamento, onde estava meu carro, quando ouvi passos apressados ecoando sobre o piso. Olhando de relance, vi Greg aproximando-se, segurando uma pasta igual à minha em sua mão. Em breves segundos, ele já me acompanhava de perto. Ouvi ele chamar meu nome e

continuei andando. Eu não queria escutá-lo, não queria vê-lo. Se tivesse um pouco de sorte, conseguiria entrar no meu carro antes que ele me alcançasse. A sorte nunca esteve do meu lado. Com uma das mãos, segurou meu braço e me obrigou a virar de frente para ele.

— O que você quer, Greg? — rosnei entre dentes, tentando me desvencilhar do aperto de sua mão.

Seus olhos penetrantes passearam por todo o meu corpo e pararam na pasta. Diante da sua análise minuciosa, o contato com o couro tornou-se insuportável e pareceu queimar minha mão. Inclinando-se para o lado, Greg colocou sua pasta no chão, a poucos centímetros de mim. Perguntei-me o que ele pretendia com aquilo.

— Estou te devendo uma resposta.

— Não está me devendo nada — falei, rangendo os dentes.

Comecei a andar em direção ao carro. Seu braço se fechou em meu pulso, obrigando-me a parar. Encarei-o, com os olhos chispando de ódio.

— Me solte! O que você ainda quer? Achou pouco tudo o que disse até agora? — gritei, a raiva pulsando forte na minha veia.

Vi a confusão em seu olhar, achei que fosse me soltar, ao invés disso me puxou para os seus braços. Antes que eu pudesse reagir, seus lábios esmagaram os meus. Tentei empurrá-lo, mas Greg segurou minha nuca, mantendo-me imóvel, e apertou-me contra o carro, todos os pontos do seu corpo másculo pressionavam o meu. Meus desejos eram contraditórios: ao mesmo tempo em que eu queria me perder em seus braços, queria socá-lo até que se afastasse de mim. Ele empurrou a língua para dentro de minha boca. Não tive mais forças para relutar e nossos lábios passaram a se mover juntos.

Suas mãos desceram por meus braços, e a pasta escorregou da minha mão, caindo aos meus pés. Seus dedos se fecharam em volta dos meus pulsos, erguendo meus braços e prendendo-os acima da minha cabeça.

Nossos lábios se separaram, mas nossos rostos continuaram a centímetros um do outro.

— Você queria saber por que fiquei com você esse tempo tendo namorada. Sabe o que é? — Ele respirava contra minha boca, empurrando o ar para dentro dos meus pulmões.

Segurou meus pulsos com uma mão só, e a outra desceu pela lateral do corpo, deslizando por minhas costelas e cintura até chegar aos meus joelhos. Sua mão grande escorregou lentamente por baixo da minha saia e subiu pela parte de trás de minha coxa. Meu corpo traidor reagiu enviando arrepios por minha coluna.

— Mesmo sendo meiga e delicada, você tem a boceta mais gostosa que já fodi e aguenta meu pau como nenhuma outra.

Suas palavras pervertidas eram como fogo, lambendo-me de dentro para fora. Ele escorregou o joelho entre minhas pernas, afastando-as e o esfregou em meu centro. Conforme pressionava, um gemido escapou dos meus lábios. Senti meus mamilos ficarem intumescidos, o calor e a umidade aumentaram entre minhas pernas. Recriminei-me, pois o mundo estava desabando à minha volta, e depois de Greg ter me magoado tanto, eu não conseguia resistir a ele.

— Eu queria fazer tantas coisas com você, Melinda. — Sua voz era um gemido rouco e sexy. Começou a acariciar a parte interna da minha coxa, indo para onde estava seu joelho. Seu polegar alcançou o elástico de minha calcinha. Arfei. — Queria te foder de todas as formas possíveis. E você também quer, não é mesmo?

— Sim… — A palavra saltou dos meus lábios ecoando os desejos mais devassos que ele despertava em mim.

Ele afastou minha calcinha para o lado e empurrou um dedo dentro de mim.

— Você está tão molhada, e o meu pau está doendo dentro das calças

para entrar em você.

Choraminguei e abri mais as pernas, dando a ele livre acesso. Sua mão começou a se mexer.

— Greg… — gemi seu nome.

— Mas eu não vou fazer isso. Não porque estamos nesse estacionamento e corremos o risco de ser vistos, já fodi mulheres em lugares bem piores. Não farei isso porque você merece muito mais.

— O que exatamente eu mereço? — eu ofeguei.

Ele prendeu o lóbulo de minha orelha entre os dentes, acrescentou mais um dedo e acelerou os movimentos, penetrando-me com mais força.

— Escute o que vou te falar. — Ele buscou meus olhos. — Não deixe o Sean escapar. Aquele cara te ama e te fará feliz. — Ele retirou os dedos lentamente de dentro de mim, e um gemido em forma de protesto escapou dos meus lábios. Soltou meus braços, e eles caíram em volta do meu corpo. — Gosto de você como nunca gostei de nenhuma outra, mas não vou te arrastar para o inferno junto comigo.

Suas palavras me atingiram como uma avalanche, quase me senti exultante por ele dizer que gostava de mim. Quase, se ele não estivesse me mandando embora.

— Eu sou um fodido de várias formas e quando penso que vou conseguir me reerguer, só desço mais para o fundo do poço — ele continuou e havia dor em suas palavras. — Eu queria ter um último momento com você, mas receio que não será possível.

Ele pegou sua pasta no chão e começou a se afastar.

— Greg! — gritei seu nome, frustrada por ele ter dito que gostava de mim, me deixado a ponto de ter um orgasmo e simplesmente me virado as costas.

— Me esqueça… Esqueça a porra do amor que sente por mim. Eu não te mereço, nunca mereci.

Ele foi embora sem olhar para trás, deixando-me mais zonza do que quando eu bebia vinho.

Eu estava deitada no sofá da sala, perdida em pensamentos, olhando para o teto. Minha cabeça estava uma bagunça. Greg causava esse efeito em mim. A verdade é que Greg tinha bagunçado minha vida inteira desde que entrou nela. Eu fiz de tudo para sufocar meus sentimentos, mas quando estava nos braços dele sentia que ali era o meu lugar. Como eu poderia esquecê-lo depois de nutrir esse sentimento por anos? Como eu poderia esquecê-lo se ele estava guardado no meu coração e entranhado na minha memória? Ele tinha dito que gostava de mim. Eu tinha repassado nossa conversa várias vezes em minha mente, só para me certificar de que não a tinha imaginado. O que seria *gostar* para alguém como o Greg? Nem sabia se ele era capaz de ter esse sentimento. Depois de ter me deixado no estacionamento, sem nenhum resquício de arrependimento, machucado ainda mais meu coração, eu achava que não.

Tive um sobressalto com um som estridente, meu celular estava tocando. Estiquei rapidamente o braço e o peguei na mesinha de centro. Quase sorri para a tela ao ver que era Daniel.

— Daniel! — exclamei, exultante. — Eu ia mesmo te ligar. Você tem alguma novidade?

— Tenho, mas não foi por isso que te liguei. — Ele fez uma pausa, parecia esperar que eu dissesse algo. — Queria que você viesse jantar na minha, hoje. — Ele deve ter percebido minha hesitação e continuou. — Venha. Temos muito o que conversar e eu gostaria que fosse em lugar tranquilo, seguro.

Sem pensar muito no assunto, me arrumei e saí do apartamento. Eu sentia uma necessidade pungente de falar com ele. Eu iria tirar o Abílio e o Greg do

meu caminho de uma vez por todas. E como meu advogado, Daniel me ajudaria. O primeiro passo eu já tinha dado: fazê-los acreditarem que eu tinha desistido do cargo, assim eu teria tempo para levar meus planos adiante, sem interferências.



Já era noite alta quando parei o carro na vaga de visitantes na casa de Daniel. Tinha outros carros estacionados, no entanto, nem prestei atenção nos modelos, pois, assim que adentrei pelo portão, fui tomada por uma sensação de *déjà vu*. Era como se eu já tivesse visto aquela casa antes. Analisei a fachada em pedras e segui para a entrada. Antes que eu batesse, a porta foi aberta do lado de dentro, revelando um Daniel sorridente, lindo, vestindo uma calça jeans e um suéter preto. Fazia um friozinho gostoso em São Paulo, naquela noite.

— É ela? — indagou uma mulher logo atrás dele.

Sua pele tinha um tom azeitonado, cabelos negros até os ombros, domados com chapinha e seus olhos eram escuros como ônix.

— Sim, mãe. Essa é a Melinda que te falei.

Estranhei ele falar dos clientes com sua mãe.

— Meu Deus! — ela balbuciou, levou a mão à boca, e os seus olhos ficaram marejados. — Como ela é parecida com ele.

Daniel lançou lhe um olhar recriminador.

— Me pareço com quem? — perguntei, olhando fixamente em seus olhos.

Ela hesitou.

Olhei para os dois buscando uma semelhança entre eles: não havia nenhuma.

— Com ninguém especial. Venha, temos muito o que conversar.

Daniel segurou meu braço e me arrastou para dentro da sala. Passeei os olhos brevemente pelo local. Meu olhar voou direto para o rosto da morena, a estagiária de Daniel, sentada no sofá branco, no centro da sala. A expressão dela fechou-se subitamente. A raiva e o ciúme eram evidentes no seu semblante. Fiz uma nota mental para procurá-la depois e deixar claro que não tinha nenhum interesse em Daniel.

Entramos em seu escritório, ele fechou a porta, me indicou uma cadeira e foi até o outro lado da mesa. Daniel sentou e se pôs a tamborilar os dedos sobre a madeira. Ocupei o assento macio e cruzei as mãos em cima do joelho.

Meu olhar perdido vagava pelas mobílias, porém meu cérebro girava. Havia algo de estranho naquela situação. No entanto, eu tinha consciência de que Daniel me observava. Levei uma mão aos lábios e girei a cabeça. Seus olhos verdes vacilaram quando encontraram os meus. Parecia desconfortável. "*O que ele temia?*", me perguntei.

— Os contratos fraudados estão comigo, pretendo entregá-los para a polícia. Gostaria de que você fosse comigo para me orientar — proferi, indo direto ao assunto que me levou até ali.

— Não, Melinda. — Algo em seu tom de voz me assustou, fazendo-me saltar na cadeira. — Você não se envolverá mais nisso.

— Como não vou me envolver? Não posso deixar esses crimes passarem impunes. Sabe melhor do que eu que Abílio tem desviado dinheiro da empresa desde que assumiu o cargo de CEO.

— Você tem razão, mas o melhor modo de fazer isso não é em um embate direto com Abílio. Me entregue a papelada que darei um jeito de fazê-la chegar à polícia. — Arqueei as sobrancelhas e cerrei os lábios, tentando encontrar uma explicação para ele agir daquele jeito. Eu continuava o encarando fixamente. O que levaria Daniel a fazer isso por mim? — Pense direito e, enquanto pensa, não subestime o Abílio.

— Acredita então que ele pode tentar fazer algo contra mim?

Quebrando nosso contato visual, mexeu em uma pilha de papéis e estendeu alguns para mim.

— Aqui está o laudo. Veja!

Alguns dias atrás, eu tinha pedido a Daniel que levasse o carro do meu pai a uma perícia. Tomei-o da sua mão e o li, mas não entendi a linguagem técnica usada.

— E aí, o que deu?

— O carro está com problemas nos freios — explicou Daniel. — Aí diz que talvez o problema seja falta de manutenção, mas veja essas coincidências. — Daniel pegou um papel idêntico ao que eu tinha em mãos e apontou para uma parte circulada com caneta vermelha. — Os dois carros apresentaram os mesmos defeitos.

Quando vi o nome do meu pai escrito na parte superior do papel, minhas mãos começaram a tremer. Engoli em seco ao constatar o que aquilo significava. Estive certa por todos esses anos. A raiva e a tristeza rasgaram-me por dentro na mesma proporção. Trinquei os dentes segurando o choro que estava preso na garganta.

— Meu pai foi assassinado. — As palavras escaparam dos meus lábios. — Onde você encontrou isso? — balbuciei.

— É uma cópia da internet. Foi divulgado na época em que seu pai morreu. Infelizmente, não pode ser considerado uma prova.

— Mas respondeu o que eu queria saber. — Dei de ombros.

— Se o seu pai foi mesmo assassinado, quem você acha que fez isso? — Suspirei pesadamente e encostei na cadeira. Como eu não falei nada ele continuou: — Eu estive hoje com o delegado que está investigando seu suposto assalto. Depois de analisar as câmeras do estacionamento do banco, o cara foi encontrado. Ele confessou ter sido pago para te dar um susto. Quem acha que o

pagou?

Eu sabia exatamente aonde Daniel queria chegar com aquilo. E odiei admitir que ele tinha razão. Abílio realmente era uma ameaça.

— Eu já entendi. Como acha que devo proceder?

— Por que não viaja por alguns dias? Quando você voltar, estará tudo resolvido.

— Não posso sair da cidade por enquanto. Teremos uma reunião importante na empresa. Agora que fechei um bom contrato será a minha chance de ficar com o cargo.

— Se sua intenção em participar da reunião for para tirar o Greg do cargo, pode ter certeza de que, quando eu entregar a papelada para a polícia, ele cairá por si só. Mas primeiro, vamos pensar em sua segurança e depois vemos o resto. Você está com os contratos?

Balancei a cabeça em concordância. Coloquei a pasta sobre a mesa e quando a abri, não reconheci o que tinha dentro. Fiquei um tempo olhando para o conteúdo, incrédula, buscando uma explicação, até que meu cérebro fez a conexão.

— Maldito! Não acredito que deixei isso acontecer — gritei, sem conseguir me conter.

Trinquei os dentes de raiva.

— Do que você está falando? — inquiriu Daniel, levantando-se.

— O Greg trocou as pastas. Essa não é a minha. Ele levou os contratos. — Não sabia se era por estar me sentindo uma estúpida ou raiva que fez minha voz tremer. Greg tinha me feito de idiota mais uma vez. Seu discurso medíocre de que gostava de mim era apenas para me distrair e recuperar a prova de que o pai dele era um ladrão. — Eu preciso fazer alguma coisa.

Levantei-me rapidamente, recolhi a pasta e me dirigi para a porta.

— Precisamos pensar com calma — disse Daniel, colocando-se à minha frente, impedindo que eu passasse. — Como foi que isso aconteceu?

Sua pergunta me pegou desprevenida. Desvencilhei-me dele e saí pela porta, sendo seguida de perto por ele.

Quando entramos no corredor, a mãe de Daniel veio andando apressada em nossa direção.

— Filho, o jantar está servido — falou ela, em um fôlego só.

Ele empurrou os cabelos castanhos para trás, antes de responder:

— Está bem. Leve a Melinda e a Júlia para a mesa. — Abri a boca para protestar, mas ele não permitiu. — Vou fazer uma ligação, e já volto.

Meus olhos se estreitaram conforme Daniel se afastava. Novamente, me veio aquela estranha sensação de que algo nele me era muito familiar. Antes de sair do meu campo de visão, olhou por cima do ombro e me fitou com o semblante preocupado. Eu já tinha visto aquela mesma expressão em outra face.

Subitamente uma vaga lembrança invadiu minha mente.

*— Você não deveria vir aqui — disse uma voz feminina, quase sussurrando.*

*— Por que não?*

*— Tenho filhos pequenos e não quero problemas com meu marido.*

As vozes estranhas e desconexas formavam um emaranhado de confusão na minha mente. Um arrepio passou por meu corpo, e eu balancei a cabeça para afastar as lembranças.

— Está tudo bem com você? — a mãe do Daniel perguntou, devolvendo-me à realidade.

— Você tem outros filhos? — Minha voz saiu entrecortada.

— Tenho, mas não puderam vir. — Minha boca se entreabriu, e eu não entendi por que aquilo me chocou tanto.

— Venha se servir. — Deu um tapinha no meu braço.

— Fica para outra ocasião, agora eu preciso ir.

— Ah não, fique e coma conosco. Será um prazer. Só vou avisar meu filho e pedir para demorar.

Antes que eu formulasse uma resposta, ela já deixava a sala com passos apressados.

Voltei os olhos para a outra extremidade da sala de estar e encontrei o olhar da estagiária, que deduzi se chamar Júlia. Forcei um sorriso mudo, mas a expressão que ela tinha no rosto não suavizou.

Disposta a dar uma desculpa e ir embora dali, dirigi-me para a saída.

Quando cheguei do lado de fora, avistei Daniel e a mãe. Eles pareciam estar absortos em algum tipo de discussão calorosa. Sem saber como reagir à situação, caminhei para o meu carro. Procurava a chave dentro da bolsa, quando a voz da mãe de Daniel chegou aos meus ouvidos.

— Você não pode continuar escondendo isso por muito tempo. Viu como ela me olhou?

— Não, mãe. Tudo ao seu tempo — Daniel rebateu, parecendo cansado. — Ela não vai se lembrar que te conheceu quando era criança. Ela ainda não está pronta, está passando por tanta coisa.

— Eu não concordo. Justamente por estar passando por um momento difícil, é que ela precisa saber quem você é, que pode contar com você. A Melinda precisa saber que ela é sua irmã. Que Rudolf é seu … — continuou ela.

Meu coração falhou uma batida. O ar foi arrancado dos meus pulmões, minhas mãos tremeram violentamente, e a chave escapou dos meus dedos. Segurei-me na lataria do carro, minhas vistas ficaram turvas, as pernas perderam a força, a bile subiu à garganta, eu estava a ponto de vomitar. *“Não, isso não é verdade.”* Ela tinha dito tão baixo que eu poderia simplesmente ter imaginado. Agachei-me, e meus dedos encontraram a superfície áspera. Respirei fundo e

comecei a tatear ao redor, minha palma tocou em algo frio. Mesmo sem me certificar do que era, o prendi entre os dedos.

— Pai?! — Só percebi que eu estava gritando quando os olhares se voltaram para mim. — Isso é uma mentira. Eu não acredito em vocês.

— Melinda — Daniel pronunciou meu nome e se pôs a andar ao meu encontro.

Meu corpo estava rígido, meu cérebro parecia ter esquecido de como fazia para se mover. Levantei a mão no ar, advertindo-o para ficar longe. As lágrimas desceram quentes em meu rosto. Acionei o alarme e movi a maçaneta, com os olhos fixos nele. Saltei para dentro e senti um pouco de alívio quando o motor ligou. Antes que eu conseguisse colocar o carro em movimento, a porta do motorista foi aberta pelo lado de fora.

— Você não está em condições de dirigir. Precisa se acalmar.

— A única coisa que preciso é ir embora daqui. Por que está mentindo desse jeito? — berrei.

— Vou te levar para casa e explico tudo.

Ele segurou meu braço, encorajando-me a sair do carro. Contornamos pela traseira até o outro lado. Daniel fez menção de abrir a porta, mas me adiantei e saltei para dentro, batendo-a violentamente.



Seguíamos em um silêncio incômodo. Daniel estava concentrado na pista à sua frente e não olhava para mim. *Meu irmão.* Meus pensamentos giravam em uma velocidade vertiginosa, deixando-me meio zonza.

— O que você quer, Daniel? Dinheiro?

Sua expressão em nada se alterou, parecia até que ele já esperava por isso.

— Não. Já estou satisfeito com tudo que seu pai me deixou. Ele não me deixou desamparado.

— É por isso que se aproximou de mim? Interesse?

— Não levarei suas palavras em conta, porque sei que está confusa — respondeu em um tom calmo e controlado, deixando-me ainda mais nervosa. — Me aproximei porque quero te ajudar, quero cuidar de você. Prometi isso ao nosso pai.

*"Nosso pai? Tenho um irmão? Isso só pode ser brincadeira".*

— Quem me garante que isso é verdade? Quem me garante que você é confiável?

— Você não está errada em desconfiar.  Afinal de contas, só tem à sua volta pessoas que não inspiram confiança, por isso, que eu queria te contar em uma outra ocasião que somos irmãos.

— Não somos irmãos — falei, entre lágrimas e soluços. — O meu pai não esconderia uma coisa dessas.

— Ele me disse que iria te contar. Receio que não teve tempo. Eu não vou obrigá-la a me aceitar como irmão. Não posso fazer isso, mas quando estiver mais calma, espero que pense melhor. Eu só quero o seu bem.

— Quero que fique longe de mim.  — As palavras saltaram dos meus

lábios antes que eu pudesse detê-las. A raiva explodia no peito e saltava pelos olhos em forma de lágrimas.

— Quando tudo isso acabar, prometo que fico longe e podemos esquecer essa história. Mas não agora. Eu não vou deixar acontecer com você o mesmo que aconteceu ao nosso pai.

Passei as mãos pelo meu rosto, esfregando-o com firmeza, tentando afastar o desespero que se formava dentro de mim. Estava tudo girando sem controle. Fora do meu controle.

Eu estava sentado no sofá, pensativo, com as pernas esticadas sobre a mesinha de centro. Na mão esquerda, eu segurava um porta-retratos com uma foto de minha mãe e, na outra um copo de whisky, o qual levei à boca, sorvendo um gole. Minha mente ainda estava presa ao que eu tinha acabado de fazer. A partir de agora eu precisava enfrentar uma série de consequências em que minha escolha implicaria.

Com tudo que meu pai me fez, e era capaz de fazer minha decisão não poderia ser diferente.

— Eu não aguentava mais essa situação — proferi e minha voz ecoou pela sala vazia.

Meu celular vibrou no bolso, arrancando-me dos meus pensamentos. Eu não precisava nem olhar para saber que era meu pai. Ele vinha me ligando incessantemente desde que saí da empresa e eu ignorava suas ligações, mas não poderia fazer isso para sempre. Tateei meu bolso, peguei o aparelho e olhei o visor, tinha 23 chamadas perdidas dele. Atendi-o, para saber de uma vez por todas o que ele queria.

— Alô!

— Greg — disse no seu costumeiro tom impaciente. — Liguei para seu celular o dia todo, mas só chamava.

— Eu estava ocupado.

— Preciso que faça algo para mim. Pode vir aqui?

— Daqui a pouco estarei aí.

Sim, eu iria.  Uma vez feito, não tinha como voltar atrás, e eu teria que correr contra o tempo para conseguir provas da minha inocência. E eu só

conseguiria isso com meu pai.



O portão de ferro deslizou à minha frente, apertei o pé no acelerador e ganhei as ruas. Seguia costurando entre vários carros mais lentos. O ponteiro do velocímetro indicava que eu estava bem acima do limite de velocidade. Cada vez que eu parava no semáforo, amaldiçoava os motorista à minha frente que arrancavam lentamente.

— Eu não tenho a noite toda! — grunhi e soquei o volante.

Meu celular voltou a tocar pela quarta vez desde que saí do meu prédio. Ao ver o nome do meu pai aparecer no visor, coloquei em modo silencioso e o enfiei no bolso do paletó.

Olhei pela janela aberta, buscando qualquer coisa para distrair minha mente e notei o interesse do passageiro do carro ao lado. Era comum para mim as pessoas olharem para o meu carro, mas o olhar dele estava cravado em meu rosto e, por alguma razão inaparente, isso me incomodou.

Rapidamente, cheguei à mansão em que meu pai morava. Apertei o controle do portão, e ele começou a se abrir com o mecanismo. Olhando pelo retrovisor, vi um carro passando pela rua em baixa velocidade. Analisei-o, atentamente. Era o mesmo carro que eu tinha visto minutos antes, e tinha outro do mesmo modelo parado do outro lado da rua. Eu estava sendo seguido. Um mau pressentimento tomou conta de mim. Tive vontade de manobrar e sair logo dali, porém antes que o portão estivesse completamente suspenso, afundei o pé no acelerador. O potente motor do *Jaguar* roncou, e os pneus traseiros arranharam o asfalto.

Estacionei o carro e subi a escada de mármore branco. Uma empregada uniformizada apareceu para me receber. Segui pelo *hall* em direção à luxuosa

sala de estar.

Uma figura vestindo um longo robe branco se arrastava pela escada, mas parou assim que me viu.

— Não sabia que você estava aí — Luciana se desculpou e apertou o robe ao redor do corpo magro.

— Onde está o meu pai?

— Está trancado no escritório há algum tempo. Quer que eu diga a ele que você está aqui?

— Não precisa. Obrigado.

Sob o olhar dela, me encaminhei para o escritório. Ao ouvir a voz grave do meu pai do lado de dentro, dando-me permissão para entrar, empurrei a porta de madeira maciça.

— Greg! — grunhiu. — Que diabos de demora foi essa? Sabe que odeio quando me deixam esperando.

Notei uma certa alteração em sua voz. Meus olhos pousaram sobre o copo de *whisky*, quase vazio, em cima da mesa. Pelo que eu conhecia dele, estava bebendo desde que voltou para casa. Seus olhos estavam fundos e severos, mas o sorriso amistoso ainda estava em seu rosto. Por pouco tempo, eu tinha certeza. Aproximei-me da mesa e me sentei na cadeira antes que ele mandasse. Tirei meu celular do bolso, apertei para gravar, e o empurrei de volta para o bolso do paletó. Hoje eu faria meu pai falar e assim provaria que estava sendo chantageado por ele.

— Eu preciso que faça algo para mim, Greg.

— O que é dessa vez? — perguntei, tentando aparentar uma calma que eu não tinha.

— Vou fechar um negócio milionário com aquele deputado, mas eu preciso que você se case com a filha dele… Será por pouco tempo esse

casamento e acredite trará benefícios a nós dois. Uniremos dois nomes importantes. Pense bem, seja sensato…

Sorri sem vontade.

— Me casar com uma garota que sequer sei o nome? Você só pode estar louco. Não cairei mais nas suas chantagens. Nunca mais — rosnei, apontando o dedo para ele.

Seus olhos brilharam perversamente, e o canto da sua boca se repuxou em um pequeno sorriso sádico.

— Você está apaixonado pela Melinda. Pensa que não percebi?

— Não estou apaixonado pela Melinda e nunca teria me relacionado com ela se você não tivesse me obrigado. Além do mais, não acredito que teria coragem de fazer nada contra ela. — Tentei manter a mesma frieza que ele exalava, por mais que no fundo acreditasse que ele era capaz de tudo, no entanto eu precisava que ele falasse.

O telefone tocou sobre a mesa. Ele se ajeitou na poltrona, que parecia muito pequena para o seu corpo grande.

— Espere enquanto atendo. Ainda não terminei com você.

Balancei a cabeça, anuindo. Eu não tinha pretensão de ir a nenhum lugar. Ele ainda não tinha dito o que eu precisava.

Levando o copo aos lábios trêmulos, bebeu o restante do *whisky* em um só gole, fez uma careta e levou o aparelho à orelha. Ele ficou quieto por um tempo, ouvindo o que a pessoa do outro lado da linha falava.

— Não é possível — ele praticamente berrou ao telefone. — Não pode ter sumido.  Você tem certeza? Olhou direito?

Conforme ouvia o que a pessoa dizia, seus olhos brilhavam, ferozes de raiva, de puro ódio.

Ele bateu o telefone de volta no gancho, se levantou bruscamente,

empurrando a poltrona para trás. Com passos tensos, andou até o bar na outra extremidade do enorme escritório e se serviu de outra generosa dose de *whisky.*

— O que aconteceu? — perguntei, tentando permanecer calmo e frio, pois no fundo eu já desconfiava do que tinha acontecido.

— Eu mandei destruir as provas de que desviei dinheiro da empresa — rosnou. — E os contratos sumiram. Tenho certeza de que aquela vadia da Melinda está com eles e quer me comprometer.

— Como pode ter certeza de que estão com ela? Pode ter sido outra pessoa — falei, puxando o ar de forma a tentar recobrar a calma.

— Isso é o que vou descobrir. Independente de quem seja, eu os terei de volta, e vão me pagar por atravessar meu caminho.

— Os contratos estão comigo — disparei, e ele levantou os olhos na minha direção. — Não será nenhuma surpresa se você também quiser se livrar de mim — proferi calmamente, sem me intimidar pelo olhar letal que ele me lançava.

Aos poucos, sua expressão se transformou, e seus olhos suavizaram.

— Onde estão? Você os trouxe? — Olhou na direção da mesa, como se procurasse por algo.

— Eu não disse que pretendo devolvê-los — falei, desafiando-o.

— Está me subestimando, moleque? — Ele apontou o dedo em riste para o meu peito. — Eu não estou brincando, e você sabe disso. Não ouse ficar no meu caminho. A última pessoa que duvidou de mim está morta e acho bom você também não me testar.

— Morta?! Você disse morta?! — Minha voz soou uma nota mais alta do que eu gostaria, e a calma que ele transparecia só serviu para aumentar minha raiva.

— Eu mandei liquidar o pai da Melinda e, caso seja preciso, não hesitarei

em matar a filha.

Em um primeiro momento não acreditei que ele tivesse matado de fato, talvez estivesse dizendo aquilo por estar bêbado ou querer me assustar. Ele não me contaria uma coisa dessas. Mas ao ver que os cantos de sua boca se elevaram, ligeiramente, em um sorriso orgulhoso e sádico. Arregalei meus olhos, surpreso. Não me restou dúvida, era verdade, ele matou o pai da Melinda.

Atordoado, levei as duas mãos aos cabelos e os empurrei para trás, mas eles voltaram a cair ao lado do meu rosto. Minha vontade era extravasar. Gritar minha repulsa e desgosto, pois assisti o sofrimento de Melinda com a morte do pai, a vi devastada e, descobrir que o meu pai o tinha matado por mero interesse, era pior do que um soco no estômago. Ainda assim, respirei fundo e tentei manter a calma, perder a cabeça não iria adiantar, eu precisava ganhar tempo.

— Você fez isso porque queria ficar com a Luciana?

— A Luciana era só uma cadela fogosa com quem eu gostava de trepar, não foi por isso que mandei matar Rudolf.

— E por que foi?

— Ele descobriu o tipo de negócios que eu fazia e estava disposto a me colocar na cadeia.

Uma onda de raiva e frustração percorreu-me o corpo e perdi o controle.

— Você é ainda pior do que eu pensava. Você é doente… Um doente, não vejo outra explicação — gritei, levantando-me em um salto, e avancei em sua direção.

Meu coração socou o peito em uma longa batida dolorosa.

— Foi você, não foi?  Foi você que matou minha mãe? — Meus gritos reverberavam pelas paredes, externando as desconfiança que sempre tive e não quis acreditar. Naquele momento, o ódio se apossou de mim, pulsando rápido em minhas veias, deixando-me cego.

Antes que eu me desse conta do que estava fazendo, minhas mãos foram parar no colarinho de sua camisa. Esperei que ele fosse reagir, mas ao invés disso, ficou imóvel, encarando-me com o semblante impassível, mas havia algo de mais sombrio flamejando em seus olhos. Seu rosto ficou vermelho, e ele puxava o ar com dificuldade. Seu hálito de álcool atingia meu rosto.

— Fale! — berrei.

— Fui eu — respondeu com a voz esganiçada.

— Por que você fez isso? — inquiri em um sussurro, a dor e a culpa esmagavam meu peito, o rosto de minha mãe veio em minha memória.

O desgraçado riu sarcástico, zombando de mim.

— Eu era muito apaixonado por ela, mas Flora amava aquele canalha do Marcos Figueiredo. Acredita que, depois de todo meu esforço para me casar com ela e de tantos anos aturando-a, ela queria se divorciar para ficar com ele? Talvez eles até tivessem ficado juntos se ela não tivesse morrido.

Empurrei-o para trás, e seu corpo se chocou contra a parede. O copo caiu de sua mão e se espatifou aos nossos pés. Todas as emoções dentro de mim ferveram até o ponto de explodir, mandando embora todo o meu lado racional. Levantei a mão para socar seu rosto. Mas, um segundo antes de atingi-lo, a porta foi aberta abruptamente, e Luciana entrou por ela.

— Abílio… Abílio — balbuciou, assustada, aproximando-se do meu pai. — Tem um homem aí, ele disse que é…

— Inspetor de Polícia — completou o homem parado no batente. — Você está preso.

Ao ver o atordoamento em seu rosto, um sorriso de satisfação brotou em meus lábios ao imaginar que meu pai iria pagar por seus crimes. Forcei-me a encará-lo. Seus grandes olhos castanhos estavam fixos em mim e pareciam querer saltar das órbitas. Podia sentir a raiva emanando dele como ondas.

— Foi você, não foi? — Apontou o dedo em minha direção.

— Foi. Finalmente você vai pagar por tudo que fez — cuspi as palavras, incapaz de reter minha ira.

Em seguida, tudo aconteceu muito rápido. Quando me dei conta, ele tirou uma arma da cintura e apontou para mim.

— Se vocês se aproximarem, ele morre — bradou ele. — É melhor você não tentar nenhuma gracinha — berrou, colocando o braço em volta do meu pescoço, em um aperto mortal, deixando-me sem ar.

Encostou um cano frio no meu ouvido e começou a se mover, empurrando-me pela sala.

Alcançando a lateral do escritório, ele abriu uma porta de vidro com o pé.

— Você fez isso por causa daquela vadiazinha, não é? Acha que, ao sair daqui, vai correr para os braços dela? Ah, Greg. Sinto muito lhe informar, não ficará com ela nem agora, nem depois.

— Você não vai encostar nem um dedo nela, seu desgraçado — respondi com a voz estrangulada. — Você não vai se safar assim.

Forcei meu corpo para trás, nossos corpos foram de encontro à parede áspera. Senti um frio na espinha ao ouvir o barulho da arma sendo engatilhada e fazer pressão na minha têmpora. Prendi a respiração, pensando na da bala que se alojaria na minha cabeça. Senti medo de não poder ver Melinda outra vez, de não poder dizer a ela o que sinto, que tudo não passou de uma farsa e que a amo mais que qualquer coisa no mundo.

— Isso é o que veremos — rosnou, e me forçou a caminhar.

Passamos por um minúsculo corredor e chegamos a área externa da casa, naquele momento eu não sentia nada além de ódio fluindo, dominando meus sentidos. Eu mal sentindo meus pés tocarem o chão.

Quando entramos na garagem, ele me empurrou com violência para frente.

— Vamos, ligue o carro. Você vai me tirar daqui e me pagará pelo que fez. Você sempre foi uma decepção, saiu igual à mãe!

Girei a cabeça para olhá-lo, tendo a certeza de que estava vendo a face verdadeira do homem que se dizia meu pai.

— O que você está esperando? Ande! — gritou, apontando a arma para minha cabeça.

Com passos cautelosos, me movi em direção ao *Jaguar*. Um emaranhado de pensamentos girava em minha mente. Minha expressão deixando a vista o meu real desespero, pois, se ele conseguisse fugir, ele iria atrás de Melinda.

Destravei o alarme e ocupei o banco do motorista, pensando no que fazer para impedi-lo de escapar.

Empunhando a arma, o vi caminhar para o lado do passageiro. Ouvi o barulho de vozes e o vi estancar diante do capô. Alguns policiais entraram no meu campo de visão, ignorando os pedidos do meu pai para que ficassem longe. Vi seu braço se erguer no ar, ouvi o estampido de um tiro, logo em seguida o seu corpo tombou no chão.

Meu coração deu um pulo na minha garganta. Sentindo meu estômago girar, deixei o carro. Um policial se colocou na minha frente, berrando para que eu me afastasse.

Acompanhei, por alguns minutos, a tentativa de reanimá-lo. Por mais que eu quisesse, meus olhos não conseguiam desviar do corpo do meu pai em meio a uma poça de sangue.

— Não adianta chamar a ambulância, ele já está morto — disse um policial.

Quando chegamos ao meu prédio, tirei o cinto com dificuldade, pois minhas mãos tremiam, e saltei para fora do carro, fechando a porta com força. Daniel desceu em seguida, acionou o alarme e seguiu em direção ao elevador. Tive que me apressar para acompanhá-lo.

— O que pensa que está fazendo? — inquiri. — Te agradeço por me trazer, mas não precisa me acompanhar. Preciso ficar sozinha para pensar no que descobri hoje.

— Não vou te deixar sozinha. Você não está segura nesse apartamento. — Bufou e apertou o botão no painel.

— Você está pensando em passar a noite aqui comigo? — Balancei a cabeça descrente.

Ele se virou e fitou meu rosto.

— O Greg mora nesse prédio, Melinda. Está mais do que óbvio que ele está envolvido — falou em um tom firme. — Sei que você é apaixonada por ele, mas…

— Eu o quê? — interrompi-o, perplexa, e ele sorriu.

E era o mesmo sorriso do meu pai. A familiaridade entre os dois era inegável.

— Acho que percebi que você é apaixonada por ele desde a primeira vez que os vi juntos, aqui mesmo, neste elevador. — Apontou para a porta metálica, fechada a nossa frente. — Você olha para ele como se fosse a oitava maravilha do mundo.

Baixei a cabeça, completamente desconcertada, e olhei para meus pés, perguntando-me se era mesmo verdade que minha paixão por ele era tão explícita.

— Tive que ter muito autocontrole para não tirar você de perto daquele cretino. — Ele ficou em silêncio por um tempo. — Agora que o Abílio sabe que você descobriu os crimes dele, seria bom que você viajasse o quanto antes — disse, e passou a mão pelo meu braço de forma reconfortante. — Enquanto você estiver fora, prometo encontrar uma forma de colocar o Abílio na cadeia e logo você poderá voltar.

— Eu não vou a lugar algum.

Daniel ergueu uma mão e a levou aos lábios, pensativo, com o que parecia uma preocupação genuína marcando seu rosto.

— Você está sendo intransigente.

Ergui o olhar e o encarei, cansada demais para discutir. Mas não era intransigência. Naquele momento me dei conta do quanto Abílio era nocivo para mim, mas não adiantaria fugir. Ele já tinha me provado isso ao revelar que sabia que eu tinha um relacionamento com Sean, e eu nunca havia falado sobre isso com a minha mãe.  De algum modo, ele tinha me encontrado em Los Angeles e se quisesse realmente me encontrar, independentemente de onde eu fosse, ele iria me rastrear até conseguir.

— Pode voltar para sua casa. — Ele abriu a boca para protestar e eu continuei: — Entendo sua preocupação, sei que tem razão, porém preciso ficar sozinha. Vou ficar bem, só preciso pôr a cabeça no lugar.

## Greg

Depois que o corpo do meu pai foi levado para o IML, entrei no meu carro e o manobrei para a saída. Os pneus deslizavam rápido pelo asfalto. Dirigi até meu prédio quase no automático. Quando parei o carro na minha vaga, encostei a cabeça no volante. Me sentia um pouco enjoado e minha cabeça estava a ponto de explodir. Cada vez que me lembrava do que aconteceu com meu pai uma ponta de culpa tentava me invadir. Ainda que nunca tivesse feito

seu papel, eu não esperava que ele tivesse esse fim. Mesmo que não houvesse garantia de que a cadeia colocaria fim nas maldades dele. Ele tinha muita influência.

— Ele teve o fim que ele mesmo escolheu — grunhi e saí do carro.

Precisava ir falar com a Melinda e consertar o estrago que eu tinha feito.

Quando dei por mim, estava parado no *hall* do apartamento dela, os olhos fixos na porta. Levei a mão à campainha, mas parei quando ouvi o guinchar do metal atrás de mim. Virei o rosto naquela direção e prendi a respiração quando a vi sair do elevador e estacar no lugar ao me descobrir ali.

— Greg?! — Melinda não conseguiu disfarçar a surpresa na sua voz.

Ouvi o bater dos seus passos e, enquanto se aproximava de forma cautelosa e incerta, foi impossível ignorar o quanto estava linda e sexy usando um vestido preto, que se ajustava com perfeição à cada curva de seu corpo, marcando os contornos dos seios pequenos e redondos, da cintura fina e dos quadris. Desci os olhos e vi que o vestido terminava no meio de suas coxas. Quando ela parou ao meu lado, percebi que em seu rosto tinha sinais de lágrimas ressequidas.

Por uma fração de segundo, eu me senti impelido a tomá-la em meus braços, mas me segurei quando a feição se endureceu e um lampejo de mágoa brilhou em seus olhos. Ela estava com muita raiva de mim.

— O que você está fazendo aqui? — ela perguntou.

— Preciso falar com você. Temos muito o que conversar.

— Não temos não. Ou você veio jogar na minha cara mais uma vez que tem uma namorada ou veio me roubar mais alguma coisa enquanto a idiota aqui se deixa levar por sua manipulação sexual? — Sua voz soou tremendamente irritada. — Você pode me dar licença e se afastar da minha porta? Já é tarde e eu preciso dormir.

Dei um passo para o lado, abrindo passagem para ela.

Ela tateou em sua bolsa até encontrar as chaves e se atrapalhou para achar a certa. Em seguida, enfiou-a na fechadura e abriu a porta.

Quando estava prestes a passar pelo limiar, ela parou, se virou para me olhar e hesitou por um momento antes de falar:

— Você é um canalha da pior espécie.

— Eu sou.

Respirei fundo e me aproximei. Eu queria muito tocá-la, sentir a maciez da sua pele, embora tivesse certeza de que não deveria. Estiquei minhas mãos até encontrar seu rosto e o toquei com as pontas dos dedos.

Fixei o olhar na sua boca e corri o dedo indicador por seu lábio inferior, sentindo o magnetismo que me arrastava para ela. Queria beijá-la. O desejo de tê-la junto a mim ficou ainda mais intenso.

Melinda espalmou as mãos delicadas no meu peito, achei que fosse me afastar, mas não o fez. Ela as manteve ali e me encarou com os olhos azuis, transbordando de tristeza.

— Alguma coisa entre a gente foi verdade, Greg? — Sua voz era um murmúrio doloroso.

— O sexo entre a gente é realmente muito bom. Já te disse isso. — Ela me olhou e vi tristeza em seu olhar. — Mas teve mais, Melinda, muito mais do que jamais me permiti sentir — falei, quando na verdade, eu queria dizer o quanto a amava, o quanto meus dias ficaram menos cinzas quando estava com ela, mas as palavras ficaram presas em minha garganta. Ela tinha razão, eu era um canalha.

Esse era um dos motivos que sempre me fez questionar se ficar comigo era o certo para ela. E a resposta era sempre não. Eu nunca a faria feliz da forma que ela merecia.

— Então você está aqui pelo sexo? Porque quer me foder de todas as formas possíveis? Você já fez isso. Me deixou literalmente fodida. — Ela ergueu o rosto em minha direção e me fitou com os olhos marejados de lágrimas. — Vá embora, Greg. Me deixe em paz. Não está satisfeito com tudo que me fez? Não está satisfeito por ter usado meus sentimentos para me manipular por todo esse

tempo? Ainda teve coragem de dizer que gosta de mim.

Ela deu uma risada nervosa.

— É verdade. Eu gosto de você, nunca tive a intenção de te magoar. Eu estava sendo obrigado por meu pai.

— Você não gosta de ninguém, nem de si mesmo. Não é capaz disso. Fique longe de mim, faça algo de bom e me deixe em paz.

O desespero me invadiu, fechando minha garganta. Meu lado racional, me dizia para dar um tempo para ela esfriar a cabeça, a mágoa ainda estava recente, entretanto, meus pés se recusavam a se mover. Meu corpo sentia uma necessidade pungente de sentir o calor de sua pele, ouvi-la gemer meu nome, enquanto fazíamos amor, sim, eu fazia amor com ela, me entregava de corpo e alma. Preocupava-me mais com o prazer dela do que com o meu. E depois de ter meu desejo saciado, queria segurá-la em meus braços e mimá-la a noite toda. E mantê-la ali para sempre. Como eu a amava. Ficava completamente perdido e vazio longe dela. Esse vazio ficaria insuportável se ela não me perdoasse. Eu voltaria a ser aquele homem miserável e amargo, procurando em outras mulheres o que só conseguia encontrar nela.

— Tenho muita coisa para te dizer — balbuciei, engolindo as lágrimas que se formavam na minha garganta.

Pela primeira vez na vida, eu estava a ponto de chorar por uma mulher.

— Eu te amo, Melinda. Eu amo você. — As palavras que estavam entaladas em minha garganta saltaram para fora.

— O que você disse? — Ela me encarou com os olhos arregalados.

Eu pude ver a incredulidade crescendo em seus olhos azuis, enquanto ela me encarava.

— Eu te amo. — Toquei seu rosto e passei o polegar pelo seu lábio inferior.

— Isso é mais um jogo seu, não é mesmo? — Ela sorriu sarcástica. — Acha mesmo que depois de tudo que me fez vai me convencer com suas palavras vazias? Deve me achar mesmo uma idiota.

Seus dedos se fecharam em volta da madeira da porta, e no instante seguinte a bateu com força. Deixando-me ali parado, com uma dor lancinante no peito. Provavelmente a mesma dor que ela sentiu quando a dispensei.

# UMA SEMANA DEPOIS...

Fechei a porta atrás de mim e cruzei a sala de reunião. Dentro de alguns minutos, teríamos a assembleia que definiria o futuro da empresa. Todos os convocados já ocupavam suas cadeiras em volta da mesa. O primeiro rosto que encontrei foi o de Melinda. Seus olhos penetrantes varreram meu corpo antes de se fixarem no meu rosto com curiosidade, e sua expressão se iluminou. Ela arqueou levemente a sobrancelha e pinçou os lábios em um sorriso discreto, fazendo-me acreditar que ela tinha aprovado meu novo corte de cabelo. Mais cedo, eu os tinha cortado na altura da orelha.

Era a primeira vez que ficávamos frente a frente desde a tarde cinzenta que meu pai foi sepultado. Havia poucas pessoas presentes. Conhecendo-o, eu não poderia esperar algo diferente. Depois de tudo que meu pai fez, foi uma surpresa para mim vê-la ali, ao lado da mãe. Soube alguns dias depois que as duas tinham se reconciliado. No fundo eu sabia que Luciana amava a filha e que também era vítima do meu pai, que ele fazia com ela o mesmo que tinha feito com minha mãe.

Ao me aproximar, deixei meu corpo cair e afundar no couro macio e ir de encontro a espalda da poltrona.

Depois de alguns minutos, foi decretado o que eu já sabia. Meus dias como CEO tinham chegado ao fim e eu não poderia estar mais feliz por Melinda ter conseguido o que ela tanto queria.

— A proposta que eu te fiz continua de pé, Greg — disse Herbert. — Agora que se desligou da diretoria da empresa, o que acha de ir trabalhar comigo

como diretor de projetos na Alemanha?

Melinda levantou os olhos do papel em sua mão e os fixou no meu rosto. Eu podia jurar que ela tinha prendido a respiração, enquanto esperava por minha resposta.

— Me procure assim que tiver uma resposta — continuou ele, se levantou e caminhou em direção à saída, sendo seguido pelos membros do Conselho administrativo.

— Você está pensando em aceitar a proposta? — perguntou Melinda com certa hesitação.

Levantei-me e me aproximei dela. Seu cheiro doce e o magnetismo que ela exercia sobre mim puxavam-me para ela sem piedade.

— Talvez.  Só há uma pessoa que pode me impedir de ir, nada mais me prende aqui.

Ela engoliu em seco, afetada por minhas palavras.  Encarei por um bom tempo seu rosto tomado pela dúvida.  Parecendo travar uma batalha consigo mesma, ela baixou os olhos.

— A propósito, parabéns pelo cargo, eu sempre soube que você conseguiria.

Forçando meus pés a me obedecerem, deixei a sala. Eu a amava tanto, e meu coração se negava a aceitar o que eu já tinha certeza: eu tinha a perdido.




Descansei os talheres sobre o prato e ergui os olhos para Daniel, sentado à minha frente. Eu estava tão absorta nos meus pensamentos, mergulhada nas minhas angústias que nem o ambiente requintado e acolhedor do restaurante em que estávamos era o bastante para me entreter. Minha mente teimava em me levar sempre a uma pessoa: Greg. Sempre era ele.

Desde a noite em que ele bateu em minha porta, eu estava tentando acreditar em suas palavras, que finalmente ficaríamos juntos. Que, depois de tantos anos suprimindo meu amor por ele, de tanta dor, Greg seria meu. Mas as lágrimas que derramei, as noites mal dormidas e a mágoa me faziam temer que aquilo fosse apenas mais um de seus jogos. Greg era um ótimo jogador e sabia como me deixar desesperada por ele. Levei a taça de vinho aos lábios e sorvi um gole tentando desfazer o nó que estava se formando na garganta. Eu o amava tanto, já tinha aceitado que eu nunca conseguiria amar alguém além dele, ainda que eu abrisse meu coração para outra pessoa, Greg seria sempre uma sombra entre nós. A vida foi muito dura comigo, entranhou minha vida de tal forma na dele que, em qualquer lugar que eu fosse, tinha uma parte dele reavivando meu amor, impedindo-me de esquecê-lo.

Um turbilhão de sentimentos girava dentro de mim. Eu sentia muito a sua falta, quando eu estava em seu braços, eu me sentia como se todas as partes de mim se encaixassem, mas não conseguia não sentir medo. Estar com Greg era como sentir o frio na barriga ao descer uma grande montanha-russa.

*“Eu odeio montanhas-russas.”*

Sempre preferi os brinquedos mais seguros do parque de diversões.

— Melinda! — Daniel chamou, devolvendo-me a realidade.

— Me desculpe, o que você disse? — indaguei envergonhada ao perceber que eu não tinha ouvido uma palavra do que ele havia falado.

Assim que soube que eu havia conseguido o cargo de CEO, Daniel me convidou para sairmos e comemorar. Eu tinha conseguido cumprir a missão que meu pai confiou a mim. Eu deveria estar radiante, mas não estava. Até isso Greg tinha tirado de mim.

Daniel me estudou com olhos atentos antes de voltar a falar.

— Seu tio esteve no meu escritório.

— Eu contei a ele sobre você. Talvez eu devesse ter te consultado, mas

achei que era uma informação muito importante para esconder da minha família.

— Você contou para sua mãe?

— Sim. — Minha voz era quase inaudível. — Ela já sabia, sempre soube. Acredito que seja por isso que Abílio teve aquela explosão de raiva quando nos viu juntos.

— O seu tio disse que, se eu for mesmo filho de Rudolf, possivelmente, sua família da Alemanha vai querer me conhecer. — Suspirou, pensativo.

— Você não está confortável com a ideia?

— Eu não tinha a intenção de…

— Estou certa de que a vovó Magdeleine vai querer, e você não pode negar isso a ela — grunhi, interrompendo-o.

— Mostrei um exame de DNA antigo ao seu tio. Como era esperado, ele duvidou da autenticidade e sugeriu que eu faça outro. Quero deixar claro. — Seu semblante ficou sério. — Não tenho nenhum interesse nos bens do seu pai. Quando ele fez a partilha dos bens em vida, fui um dos beneficiários, porém quero saber se você está disposta a fazer o exame para não ficar nenhuma dúvida.

— A gente faz o exame quando você estiver pronto. Eu sei que você não tem interesse. Eu disse aquilo em um momento de raiva. Depois que esfriei a cabeça, me convenci de que você é meu irmão e isso encheu meu coração. — Toquei seu braço por cima da mesa. — Você é um excelente advogado. Já teria movido céus e terra se tivesse interesse.

Daniel não respondeu, apenas continuou me encarando. E o jeito que ele me olhava era o mesmo modo caloroso e cheio de cuidado que meu pai me olhava. Cruzei as mãos sobre os joelhos, perguntando-me como pude não ter percebido antes.

— E por falar em excelente advogado, você conseguiu descobrir quem denunciou o Abílio?

Daniel baixou a faca e levou a própria taça aos lábios.

— Greg.

— Greg?!— repeti, incrédula. — Por que será que ele fez isso?

— Eu acredito que foi para te proteger. Ele estava sendo chantageado pelo pai. E pelo que eu soube, todas as ameaças do Abílio eram relacionadas a você.

Apertei os lábios e balancei a cabeça com medo de acreditar no que meu coração insistia em repetir. "*Greg me ama.*" Não havia outra explicação para ter denunciado o pai. Por um breve instante, me peguei pensando o quanto ele estava arrasado com o desfecho. "*E ele vai embora.*"

— Você não me contou como ficou a situação dele na empresa.

— Ele vai embora — sussurrei, com pesar. Meus olhos se enchendo de lágrimas, e o nó voltando à minha garganta. — Ele vai trabalhar com o tio Herbert na Alemanha.

— E você não quer que ele vá?

Ponderei sobre a maneira de responder aquela pergunta.

— Ele é um ótimo profissional, mas não posso mantê-lo aqui. Pelo que descobri hoje, ele sempre teve vontade de trabalhar na filial na Alemanha. Ele já tinha pedido o afastamento do cargo de vice-presidente para aceitar a proposta do meu tio.

— Essa é a sua melhor desculpa? Do que você tem medo, Melinda? — O olhar de Daniel capturou o meu firmemente, analisando-me.

— Eu não sou forte o bastante para lutar por nós dois.

— Talvez porque seja hora de parar de lutar e deixar seu coração ditar o ritmo. — Os lábios de Daniel se repuxaram em um sorriso. — Sabe o que é mais engraçado nisso tudo? Se você não tivesse vindo para o Brasil, e Greg tivesse aceitado a proposta do seu tio, vocês teriam se encontrado lá. Seu destino

está realmente ligado ao dele. Ouça seu coração, Melinda!




Saí do banheiro com uma toalha enrolada na cintura e andei em direção ao armário, não consegui evitar de pensar em Melinda. Era mais uma noite em que eu dormiria sem ela nos meus braços, no entanto, parecia que já fazia um ano. Havia lembranças dela espalhadas por todo lugar. Por uma fração de segundo, meus olhos pararam na cama, ela nunca pareceu tão vazia antes.

Voltando à realidade, vesti uma calça de moletom preta e enfiei uma camiseta pela cabeça. O relógio luminoso do criado-mudo marcava 01h40 da madrugada. Ignorando os apelos da minha mente de ir procurá-la mais uma vez, andei em direção à cama, ainda que soubesse que não adiantaria tentar dormir. Seria mais uma noite insone, que eu ficaria rolando na cama, pensando nela. Quando a campainha tocou, paralisei, no lugar e imediatamente meu coração palpitou no peito com a possibilidade de ser ela. Esperei que tocasse uma segunda vez só para ter certeza de que não tinha imaginado.

Com movimentos desesperados, corri até a porta. Meus dedos nervosos se atrapalharam com a chave na fechadura. Depois do que pareceu uma eternidade, escancarei a porta e encontrei o corredor vazio.

Engoli audivelmente com a frustração que me dominou.

— Merda! — gritei dando um soco na porta.

— Greg?

Crendo ser mais uma peça que minha mente desesperada está me pregando, arrastei-me até o *hall* e a vi parada no corredor.

— Mel — balbuciei e, no mesmo instante, ela se virou, encarou-me por um tempo com o rosto confuso e andou na minha direção.

— Por que eu não consigo fazer o que me pediu e te esquecer? Por que eu não consigo esquecer a droga do amor que sinto por você? Por que eu não consigo deixar você ir? — Sua voz estava tomada pelo desespero e o rosto banhado de lágrimas.

— Eu te amo, Melinda. Eu disse aquilo porque sei que não sou bom o suficiente para você. Tenho tanto medo de ser igual ao meu pai. — Ela apenas meneou a cabeça, confirmando, e eu continuei: — Em qualquer lugar que você for, encontrará alguém melhor do que eu... Tenho certeza disso, e sou egoísta demais para te deixar ir sem lutar por nós.

— Talvez esteja certo. — Olhei-a passando a acreditar que isso aqui não passou de um adeus. Que nada mudou. — Mas, no momento, depois do que acabo de descobrir, você é tudo o que … Você é tudo o que eu sempre quis, é o único que preenche meu coração por inteiro.

Me aproximei e segurei seu rosto entre minhas mãos. Um nó formou-se em minha garganta diante da emoção que senti com suas palavras. Encostei minha testa na sua, sentindo sua respiração tocar meu rosto, seu cheiro doce enchendo minhas narinas. Ela fechou os olhos.

— Então não me deixe ir. — Seus olhos estavam inundados de lágrimas, quando voltou a abri-los, ela as enxugou com as mãos. — Mesmo que eu seja para sempre a lembrança da parte feia e dolorosa da sua vida, você será a parte mais bonita da minha — balbuciei, percebendo sua relutância. — Eu te amo!

Pressionei minha boca contra a dela. Melinda ficou rígida, relutando contra a invasão de minha língua, mas depois seus lábios se entreabriram, e sua língua acariciou a minha. Apertei seu corpo contra a parede, enquanto minha boca continuava devorando a sua em um beijo desesperado. Uma de suas mãos estava enroscada em meus cabelos e a outra esquadrinhava minhas costas. Minha vontade era me fundir a ela, meu coração saltava no peito com a percepção de que ela veio, que estava comigo. A intensidade do beijo me deixou excitado. Sua respiração errática denotava que ela estava do mesmo jeito.

Ainda com a boca colada à dela, ergui-a, aninhando-a junto ao meu peito. Parando somente para fechar a porta.

— Por que você está fazendo isso comigo de novo? Pior ainda, por que estou permitindo que faça isso comigo de novo? — resmungou, enterrando seu rosto na curva do meu pescoço e a necessidade de provar a ela que os meus sentimentos eram verdadeiros me arrebatou com força.

— Dessa vez será diferente, Mel. Eu prometo. — E era verdade. Se ela me desse mais uma chance, eu faria diferente.

Enquanto fazíamos o caminho até o quarto, minha boca estava em seu pescoço, resvalando em sua pele. Meus sentidos ficaram embriagados com a fome que eu sentia por ela.

Coloquei-a no chão. Minha mão impaciente buscou o zíper na parte de trás do vestido e o puxou apressadamente para baixo. A necessidade de estar com ela, dentro dela me consumia e eu queria a certeza que tudo ficaria bem. Seus seios apetitosos e durinhos estavam soltos por baixo do tecido, atraindo meu olhar, fazendo-me salivar.

Assim que o vestido caiu aos seus pés, tirei minha camiseta e me livrei da calça e da cueca, chutando-as para longe. Nós nos encaramos por um tempo, um devorando o corpo do outro com o olhar. A tensão sexual entre nós era palpável. Estava com tantas saudades. Louco para fazê-la minha mais uma vez.

Puxei-a para meus braços e esmaguei seus lábios com os meus, mergulhando minha língua bem fundo em sua boca, e ela a sugou de um jeito que me deixava louco. Minhas mãos percorreram seu corpo de forma desesperada e logo encontraram um seio. Apertei-o entre os dedos, pressionando-os, fazendo-a gemer na minha boca.

Meu pau ficou ainda mais duro, chegava a doer, raspando em sua barriga, desejando a pele quente dela. Segurei uma mão de Melinda e a guiei até ele. Envolvendo-o entre seus dedos, acariciou desde a base até o topo, friccionando a

cabeça. Ela separou os lábios dos meus e os deslizou por meu queixo, pescoço e abdômen e, sem nenhum aviso, se ajoelhou na minha frente e colocou a ponta do meu pau, molhada pelo meu pré-gozo, entre seus lábios. O calor de sua língua, lambendo-me, chupando-me, fez o prazer se espalhar pelo meu corpo. Com os olhos azuis grudados em mim, percorreu com a língua da glande até a base. Fechei os olhos e os abri, a tempo de vê-la abrir bem a boca e o tomar quase até a metade, emitindo um som guloso.

Sem controle nenhum, soltei um gemido rouco e gutural.

— Porra, Melinda. Eu mal posso esperar para estar dentro da sua boceta — rugi por entre os dentes. — Para fazer amor com … — Parei de falar quando ela sugou com mais intensidade e olhou-me com olhos arregalados pelas palavras que saíram de minha boca.

Enrosquei os dedos em seu cabelo e os puxei com selvageria. Dominado completamente pela luxúria, me movia para dentro e para fora, fodendo sua boca deliciosa, levando mais fundo. Senti uma pontada nas minhas bolas que sinalizava que estava perto. Puxei sua cabeça para trás, antes que gozasse em sua boca.

Segurando-a com firmeza, joguei-a sobre a cama. Puxei a calcinha minúscula para fora do seu corpo com uma ânsia desconhecida por mim. Cobri seu corpo com o meu, enroscando suas pernas em volta do meu quadril e reivindiquei seus lábios, enfiando minha língua bem fundo, fodendo sua boca, fazendo amor com ela.

— Prometa que não vamos mais nos separar, prometa… — sussurrei, sugando e mordiscando seu pescoço.

Escorreguei meus lábios molhados e sedentos por seu colo até encontrar seus seios, com uma mão, provoquei um dos mamilos, enfiei toda a auréola do outro em minha boca gulosa, chupei-o com força e depois mordisquei o bico. Melinda gemia e se contorcia debaixo de mim, fincando suas unhas no meu

couro cabeludo.

Alcancei os lábios rosados molhados com sua excitação. Soprei a carne vermelha vendo-a morder os lábios e afundei minha boca, sugando-os e chupando seu clitóris, ouvindo-a gritar meu nome e se contorcer sobre minha língua, depois enfiei dois dedos em seu sexo. Alargando-a, deixando-a pronta para me receber, movimentando minha língua sobre toda a sua boceta.

— Greg — Seu gemido encheu o quarto.

— O que você quer? — perguntei, encarando seu rosto vermelho e cheio de tesão. — Quer meu pau em você?

Ela arfou e tombou a cabeça para o lado.

— Diga! — exigi.

— Quero, me faça sua.

Saindo de cima dela, virei-a de bruços na cama e dei um tapa estalado em sua bunda. Ela choramingou e apertou o rosto contra o colchão. Puxei seus quadris para cima e corri a língua pelas marcas deixadas por meus dedos. Eu tinha que controlar minha mão, ou sua pele alva ficaria toda avermelhada.

Melinda, com a bunda arrebitada empinada na frente dos meus olhos, era uma visão erótica demais.  Rocei meu quadril contra ela, esfregando o pau pelos lábios inchados da sua boceta, que já estava pronta para mim.

— Você é muito grande nessa posição — grunhiu e pude sentir um pouco de tensão em sua voz.

Eu a conhecia bem o suficiente para saber que ela aguentaria tudo. Como nenhuma outra. Seu corpo fora feito sob medida para o meu. Éramos como duas peças de um quebra-cabeças que se encaixavam com perfeição.

Alinhei meu pau em sua entrada e me movi, empurrando-o para dentro dela, duro e forte, indo até o fundo. Melinda soltou um grito alto e apertou o lençol entre os dedos. Ela era muito apertada e quente.

Dei estocadas vagarosas, até o prazer retornar para seu corpo e ela voltar a gemer.

— Ah, Greg, como eu senti sua falta — disse com a voz estrangulada.

— Não mais que eu, Mel. Senti falta do seu corpo a cada minuto desses últimos dias.

Tirei meu pau de dentro dela, e um choramingo escapou da sua garganta. Voltei a empurrar tudo, sem piedade. Suas paredes macias envolveram meu pau.

— Sente como estou todo enterrado dentro de você? Preenchendo cada parte sua? Você é minha. Pertence a mim e a mais ninguém. — Eu não consegui conter meus sentimentos que explodiam em meu peito.

A urgência me dominou e comecei a foder seu corpo pequeno e delicado com toda minha força. Meus movimentos impetuosos eram o reflexo do desespero que eu estava sentindo com a possibilidade real de ela me deixar. Queria me fundir a ela, marcar seu corpo e sua alma. Prendê-la a mim para sempre.

Os gemidos e os gritos dela ficaram mais altos. Seu corpo balançava conforme eu arremetia até as bolas em sua boceta rosada e delicada. Não sabia o que me deixava mais louco, se eram os seus gemidos ou o modo que ela rebolava no meu pau, completamente entregue. Seus músculos internos se contraíram e seu corpo ficou trêmulo. Ela estava perto.

Virei-a de frente para mim, voltei a me posicionar entre suas pernas e a penetrei. Enquanto entrava e saía dela cada vez mais rápido, observava seu rosto contorcendo-se de prazer. Eu ficaria muito perdido sem ela. Antes mesmo de tocar seu corpo, era o rosto dela que eu desejava ver quando fodia qualquer mulher. Era seus olhos azuis que eu queria sobre mim, devorando-me, roubando-me o ar. Sempre foi ela. Eu não tinha como negar.

Seu canal estreito apertou meu pau, e a necessidade de me despejar dentro dela tornou-se insuportável. Dei uma última estocada, e ela gozou

violentamente, esguichando no meu pau. Também gozei, gritando seu nome. Ofegante, desmoronei sobre ela, puxando-a para meus braços.

— Eu te amo, Melinda. Eu amo você. — As palavras jorraram da minha boca.

Acordei sobressaltado. Meu coração trepidava no peito, parecendo querer saltar pela boca. As luzes do sol penetravam pela cortina e atingiam meu rosto em cheio. Tateei a cama, à procura de Melinda, respirei aliviado ao descobri-la dormindo ao meu lado. Contemplei seu belo rosto, inebriado. Ela tinha monopolizado meu coração desde o primeiro instante em que seu olhar cruzou com o meu. Não deixou espaço para nenhuma outra. Melinda dormia profundamente, e eu podia sentir sua respiração.

Seus cabelos loiros estavam espalhados pelo colchão, um lençol fino cobria seu corpo. Só de saber que ela estava nua debaixo dele já foi o bastante para me deixar duro. Tínhamos feito uma maratona de sexo durante a noite. Eu não me cansava dela. Quanto mais a tinha, mais a queria. Seu corpo chamava pelo meu, atraindo-me para ela como um maldito ímã.

Ela abriu os olhos devagar e descobriu que estava sendo observada pelo meu olhar cobiçoso. Mexeu-se, mordeu os lábios, e o brilho dos seus olhos azuis ficou mais intenso. Arrisquei-me a pensar que ela sentia o mesmo que eu.

Debrucei-me sobre ela para beijar seus lábios inchados. O beijo que começou calmo e lento, logo se transformou em algo profundo e cheio de urgência. Nossas bocas e mãos eram guiadas por nossos sentimentos e a necessidade insaciável que sentíamos um do outro.

Enlaçando-a pela cintura, puxei-a sobre mim. Ela acomodou os joelhos em cada lado do meu corpo, montando em minha barriga. O contato da sua boceta em minha pele fez meu pau latejar dolorosamente e ficar ainda mais duro, roçando em sua bunda.

Ela me fitou, séria. Antes que eu pudesse imaginar o que estava por vir, suas mãos se espalmaram em meu tórax, empurrando-me contra o colchão. Meu coração palpitou com a bela visão dos seus seios.

— Ainda não estou acreditando que sente algo por mim. Tem certeza de que não é só sexo?

— No momento em que te tive nos meus braços, quando estive dentro de você, eu soube que não tinha mais espaço para nenhuma outra. Quando estou com você, não sou apenas um corpo buscando o prazer, mas sim um coração, uma alma, tentando saciar a necessidade irrefreável que sinto por você. É diferente, sei que você notou isso, desde a primeira vez que esteve nua nos meus braços.  Eu te amo! — As palavras escaparam dos meus lábios com facilidade.

Seus olhos cintilaram, mas ainda vi em seu semblante o temor, um resquício de desconfiança. Contudo, eu faria qualquer coisa para ser merecedor de sua confiança e mostraria o quanto a amava.

— Eu também te amo — murmurou com a voz rouca.

Meu peito se inflou com suas palavras.

— Mas eu poderia te foder agora — rosnei, em um tom quase desesperado.

Ela riu, jogando a cabeça para trás. E sua risada era o som mais lindo que eu já tinha ouvido.

— Precisamos de um banho.

— Espera! — Segurei seus pulsos, impedindo-a de sair de cima de mim. — Você ainda não disse o que preciso saber. Você me quer em sua vida, Melinda?

— Você ainda tem dúvidas? — Ela deu um beijo rápido em meus lábios. — Eu te quis na minha vida desde o primeiro instante em que você entrou nela.

## Melinda

Depois de tomarmos banho, segui para a cozinha. Greg estava no fogão e

um cheiro delicioso emanava pelo ar. Encostei-me à mesa e fiquei admirando-o, enquanto se movia de um lado para o outro. Ele estava ainda mais lindo com o cabelo cortado e extremamente sexy com a camisa enrolada até os punhos.

— O que você está pensando? — ele perguntou.

Ergui os olhos e o encontrei encarando-me daquele modo que fazia meu corpo ferver de uma maneira absurda. Respirei com força, puxando o ar para dentro dos pulmões.

— Pode não fazer muito sentido ter medo de algo tão bom, mas…

— Eu te amo tanto — murmurou. — Entendo você sentir receio. Pisei muito na bola, mas quero te fazer feliz a partir de agora. — O brilho intenso dos seus olhos, a doçura em sua voz mostravam que suas palavras eram verdadeiras. — Prometo me esforçar todos os dias para que você não se arrependa de ficar comigo.

— Eu também te amo.

Greg se aproximou e deu um beijo rápido em meus lábios.

— Depois que te alimentar, quero te levar a um lugar.

Ele deu um sorriso lindo que iluminou seu rosto e depois voltou a mexer na panela. Meu estômago roncou para me lembrar de que eu estava faminta.

— Não vamos trabalhar? — Aproximei-me dele, abracei-o por trás, sentindo os músculos rígidos do abdômen contra a palma da minha mão. Encostei minha cabeça em suas costas e inalei seu cheiro másculo e inebriante.

— Esqueceu que sou um homem desempregado?

— Você não é. Só está desempregado porque está ignorando as propostas que mandei no seu e-mail.

— Tem certeza de que ainda me quer lá?

— Te quero em todos os lugares, de todas as formas.



Recostei-me no banco do carro, respirei profundamente e fechei meus olhos. Tocava *Dusk Till Dawn*, do *Zayn e Sia* na estação de rádio local. Deixei a melodia tomar conta do meu corpo. Quando voltei a abri-los, olhei a rua através do vidro fumê e vi que entrávamos no bairro Jardim Europa. Greg estava calado desde que saímos do apartamento. Arrisquei olhar em sua direção. Ele estava concentrado na pista à sua frente. Havia algo diferente em seu semblante que não consegui decifrar. Como se soubesse que estava sendo observado, tocou minha mão que descansava em cima do meu joelho. Friccionando a palma sobre ela, prendeu-a entre a sua. Levou-a aos lábios e beijou suavemente os nós dos dedos.

— Você me perdoa? — ele perguntou.

Eu o encarei, levantando uma sobrancelha, sem entender a pergunta, e ele continuou:

— Eu te magoei tanto quando tudo que você merecia era amor.

— Já acabou. — Acarinhei seu braço com a mão livre. — Já entendi que seu pai te obrigou. No final das contas, você me salvou dele. E eu não quero falar mais sobre esse assunto.

— Ainda vamos falar muito sobre esse assunto e sobre meu pai. Não teremos como desviar disso. Me sinto tão envergonhado com tudo. — Ele voltou a fixar os olhos na pista. — Que bom que você se acertou com sua mãe.

— Sim. Ela era tão vítima do seu pai quanto você. Ela sabia das coisas que ele fazia, mas não tinha forças para fazer nada. A única forma que ela via de me poupar era mantendo distância de mim. Ela ficou em choque quando soube de tudo, principalmente, que ele havia matado meu pai e a manipulado para que se casassem.

Me sentia muito envergonhada por achar que ela era cúmplice e pelo rancor que nutri por ela em todos esses anos.

— Acha que ela vai aprovar o relacionamento da gente?

— Se você estiver mesmo disposto a ficar comigo, ninguém vai me separar de você.

Entramos em uma rua arborizada, cercada por mansões opulentas. Greg diminuiu a velocidade, parou em frente a um portão de ferro preto com detalhes em dourado, completamente vedado. Não era possível ter nenhum vislumbre do que poderia ter por trás dele. Greg apertou o controle e o portão se abriu com o mecanismo. Então acelerou pelo caminho de cascalho até parar na frente da casa imponente. Distraí-me por um tempo, analisando a fachada em estilo colonial francês e o gramado muito verde para a época do ano.

A porta do carro se abriu ao meu lado, e Greg me estendeu a mão.

— Que lugar é esse? — inquiri, saindo do *Jaguar*.

Ele enlaçou minha cintura, puxando-me para perto.

— É a casa que meus pais moravam. Ficou como herança para mim depois que perdi minha mãe, mas eu me sentia muito sozinho sem ela, então decidi alugar e me mudar para o apartamento. — Sua voz estava entrecortada. — Recebi uma ligação da imobiliária alguns dias atrás dizendo que estava desocupada. Se você quiser morar aqui, poderá ser a nossa casa. Isso é você quem vai decidir.

Enquanto ele falava, fitei seus olhos tristes, perguntando-me o quanto estava sendo difícil para ele estar ali depois de saber como a mãe morreu.

— É enorme! — exclamei, correndo os olhos em volta.

— Será perfeito para quando a gente tiver um monte de filhos.

— Filhos?!

— Quero ter vários.

Sorri feito boba por ele estar planejando um futuro ao meu lado. Greg empurrou a porta pivotante preta, atravessamos o hall e entramos na sala

espaçosa.

— Estou pensando em fazer uma reforma. Deixar com a nossa cara. O que acha?

— Está tudo perfeito — falei, pensativa, analisando a mobília impecável. — Não acha melhor a gente ir devagar? A gente não está nem…

Antes que eu pudesse terminar, ele me puxou com força para os seus braços, me abraçou tão forte que fiquei sem ar. Fez-me andar de costas, me empurrou para que eu me deitasse no sofá creme, cobriu meu corpo com o seu e tomou minha boca, em um beijo de tirar o fôlego.

— Agora que estamos juntos, nunca mais vou te deixar ficar longe de mim — disse, forçando minhas pernas a se abrirem, encaixando-se entre elas e olhando-me como se quisesse me devorar. E eu não iria fazer nada para impedir.

# DOIS ANOS DEPOIS...

Parada no gramado, assisto ao desenrolar da minha festa de aniversário. O que era para ser uma comemoração apenas para a família se transformou em um evento para a alta sociedade. Um garçom passa por mim, agarro uma taça de champanhe, levo aos lábios e me sinto revigorada e mais calma quando o líquido borbulhante desliza por minha garganta.

Corro os olhos em volta, procurando por meu marido. Encontro-o conversando com outros homens, vestindo roupas impecáveis, próximo à piscina. Cada dia que passamos juntos me faz ficar ainda mais apaixonada por ele.

Enquanto o observo, deixo escapar um suspiro. O tempo só fez bem a ele. Ele está mais forte, mais másculo e definido. Ele se vira e seus olhos encontram os meus. Seus lábios se curvam em um sorriso. O mesmo sorriso que me faz suspirar. Seus olhos convergem para a taça em minha mão, e logo seu semblante fica duro. Uma reprimenda silenciosa por eu estar bebendo a terceira taça. Quase posso ouvi-lo falar: *"Para quem é fraca para bebidas, é hora de parar."* Sobretudo, nessa noite ele tem razão. Eu não deveria estar bebendo. Vejo seus lábios se moverem, acredito que esteja dando uma desculpa qualquer e, alguns segundos depois, ele está ao meu lado.

— Vou a nossa suíte e já volto para te dar seu presente — balbucia, depositando um beijo discreto em meus lábios.

— Outro presente? — indago, levando a mão direita ao pescoço e tocando o colar de diamantes que ele havia me dado horas atrás.

— Sim, outro. — Olha no fundo dos meus olhos, e vejo refletido nos

dele a mesma faísca de dois anos atrás. — O Daniel acabou de chegar. Já foi falar com ele? — pergunta. Sei que está tentando impedir que eu prossiga com o assunto do presente.

— Não. Na última vez que o vi, ele estava bastante ocupado.

Mesmo sendo jovem, meu irmão tinha se tornado um dos advogados mais respeitados do país. E aonde ele ia, era bastante requisitado. Uma das coisas que eu almejo é que ele trabalhe comigo na empresa.

— Já volto!

Com um sorriso bobo no rosto, fico olhando o homem da minha vida se afastar.

— Oi, filha!

Viro-me na direção da voz e, quando descubro minha mãe sorrindo de um modo tão contagiante, esqueço-me de que estou um pouco chateada com ela, pois sei que foi ela que organizou a festa e manteve em segredo. Estendo a mão para minha mãe, puxando-a para um grande abraço de urso. Todo mágoa que eu sentia não existe mais. Com o tempo, ela voltou a ser a mesma mulher que amei e admirei na minha adolescência. E que me estende os braços e me acalenta sempre que preciso de amparo.

Ela parece ainda mais jovem com o novo corte de cabelo e um vestido preto brilhante.

— Quero te apresentar uma pessoa — diz, um pouco apreensiva.

Seu olhar desvia do meu rosto para o homem moreno que está a poucos metros, observando-nos. Ele ergue a taça em nossa direção e vejo minha mãe sorrir, fraco.

— É seu namorado?

— Eu deveria ter te contado antes, mas…

Seguro suas mãos, obrigando-a me encarar.

— Eu amo você, mãe. Fico muito feliz que esteja refazendo sua vida.

Como se estivesse aguardando uma deixa, o homem se aproxima. Não deixo de notar o quanto exala segurança em seus movimentos.

— Melinda, esse é o Roberto.

Estendo a mão, e ele a aperta com firmeza.

— Muito prazer, Melinda. Sua festa está espetacular.

— O prazer é meu.

— Roberto é juiz. — Minha mãe deixa escapar.

— Vocês dois formam um bonito casal — digo, nenhum de nós parecia saber o que dizer.

Sinto o mundo girar em torno de mim. Logo o sabor ácido da bile toma minha garganta, e a boca se enche de água.

Os olhos atentos de minha mãe cravam em meu rosto, ela franze o cenho, e dois vincos se formam em sua testa.

— Você está bem? Está pálida.

— Estou — balbucio e sorrio fraco. — Se me dão licença, vou ver onde está o Greg.

Preciso urgentemente sair, ou corro o risco de vomitar no meio da festa. Com passos apressados, entro na casa e subo a escada que leva ao andar superior. Percorro o imenso corredor e empurro a porta da nossa suíte. Na meia-luz que banha o quarto, vejo meu marido debruçado, procurando algo na gaveta da escrivaninha. Avanço devagar, ainda me sinto um pouco tonta. Como se pressentisse minha presença, Greg vira o rosto na minha direção. Ando até a cama imensa no meio do quarto e deixo o corpo cair sobre o colchão.

— Eu já estava descendo.

— Tudo bem se eu ficar aqui? Não estou me sentindo muito bem — sussurro, fitando o seu rosto.

— Prometo que será rápido — diz, em um tom igualmente baixo.

Ele parece tão ansioso, que não consigo negar o pedido.

— Tudo bem. Só preciso de alguns minutos.

Quando me sinto um pouco melhor, levanto-me, ele vem ao meu encontro, me enlaça pela cintura e me conduz para fora do quarto.

— Vamos, quero te dar o seu presente.

— Você é o melhor presente que eu poderia ter.

Ele para no lugar. Vira-se para olhar-me de frente e toma o meu rosto entre as mãos. Sua língua entrelaça-se com a minha. O desejo e a paixão aumentam. Coloco meus braços em torno de sua nuca, puxando-o para mim. Mesmo com os sapatos altíssimos em meus pés, ele é bem mais alto do que eu. Fazendo-me andar de costas, me prensa contra a parede. Eu estou totalmente entregue em seus braços. O beijo fica ainda mais urgente, e um gemido escapa dos meus lábios. Sua língua macia resvala cada canto da minha boca. Prendendo minha língua entre os lábios, ele chupa-a com força, roubando qualquer vestígio de sanidade que ainda tem em mim. Tudo em Greg é muito intenso. Tudo nele grita intensidade.

Ele investe com o quadril contra mim. Seu membro duro pressiona minha barriga, deixando-me excitada. Sinto minha vagina ficar úmida e pulsar, seguido de uma fisgada para me lembrar de que ainda estou toda dolorida, resultado da volúpia animalesca com que ele me possuiu antes da festa começar. Eu gosto disso. A forma como ele me preenche, entra fundo em mim, mesmo quando estou no limite, e me faz gozar tão forte que eu fico zonza.

— Será que esta fome que sinto por você vai passar um dia?

— Espero que não — murmuro contra seus lábios.

— Você tem ideia do quanto me deixa louco? Porra, Melinda, tem alguma ideia do quanto estou duro? — sussurra e captura meus lábios outra vez.

Subitamente, para de me beijar e enterra o rosto no meu pescoço. Sua respiração quente e ofegante brincando com minha pele.

— É melhor a gente descer, antes que te tranque no quarto e te foda de novo.

— Temos mesmo que voltar para baixo? — choramingo.

— Temos.  É o seu aniversário... Não está gostando da festa, Melinda?

— Estou. Saber que a Amanda e o Matt, a vovó Mag e o tio Herbert vieram de tão longe para comemorar meu aniversário me deixa radiante. O problema é que ando muito cansada, irritada…

E ele desconfia do motivo, o sorrisinho e o olhar de canto de olho me confirmam isso.

Meu rosto está quente, provavelmente vermelho. O estado de excitação em que eu me encontro deve estar evidente em minha face. Respiro fundo, tentando me recompor e passo as mãos em meus cabelos para recolocá-los no lugar.

— Sei... agora vem.

Descemos a escada que levam à garagem subterrânea e dificilmente é usada. Mesmo estranhando a situação, o segui. Greg tira uma chave do bolso e abre uma porta.

Ao acionar os interruptores, meus olhos se arregalam, e eu logo cubro a boca com a mão. Dou alguns passos para dentro, mal acreditando no que vejo. Diante de mim, está o carro mais lindo em que já pus os olhos. A pintura azul reluz sob as luzes do teto.

— Meu Deus, Greg. Nunca tinha visto um desses.

— Porque nunca existiu um desses.

— Você projetou esse carro para mim? — pergunto, com um misto de deslumbramento e descrença, abrindo a porta para ver o lado de dentro.

É tudo de uma beleza e delicadeza que me deixa boquiaberta.

— Não, Mel. — Segurando minha mão, me guia até a traseira do carro, e meu coração palpita quando vejo meu nome gravado. — Eu me inspirei em você e no amor que sinto para criar esse modelo.

— Meu Deus, eu não... Ah, Greg… — gaguejo, mal conseguindo articular as palavras. — Eu também te amo, meu amor. — As lágrimas escorrem por meu rosto sem controle. Lágrimas de pura felicidade. — Onde está a chave? Quero dar uma volta.

— Você ainda não poderá dirigi-lo. Ele foi escolhido pela equipe da Alemanha para estar no Salão do Automóvel de Genebra este ano e decidimos mantê-lo em segredo até lá. — Ele agarra minhas mãos e as guia para o seu pescoço. — O seu tio quer que você vá para apresentar o carro.

— Não estarei em condições para posar ao lado do carro, se é isso que estão pensando. — Ele me olha, intrigado. — Com certeza, estarei enorme.

— Você está querendo dizer que…?

Por um longo tempo, ele me encara em silêncio… pensativo.

— Vamos ter um bebê.

Ele fica estático. Os olhos transbordam de emoção, enquanto luta com as palavras, até que elas saem.

— Você acabou de me tornar ainda mais feliz. — Respira fundo e sorri, emocionado. — Vou amar e cuidar de vocês. Você me faz tão feliz. — Encara-me com os olhos marejados. Além das lágrimas, seus olhos estão cheios de algo muito profundo. Amor. O mesmo que sinto por ele. — Obrigado por me fazer descobrir o que realmente importa. Muitas pessoas trabalham de forma desmedida, algumas destroem vidas, famílias, por ganância. Nossa casa está cheia de gente, mas, no momento em que elas se forem, só as pessoas que amo e que me amam ficarão comigo... Sou tão grato a você. Eu estava tão perdido, e você me encontrou. Eu sou e sempre serei seu…

— Meu… Greg...

Nossas bocas se buscam e nossas línguas se encontram, como se estivessem esperando a vida inteira para estarem juntas.

FIM.

***Mag Stael*** começou a escrever ainda na infância. Desde que aprendeu o significado das palavras, é apaixonada pela leitura e escrita. Seu primeiro romance foi escrito quando estava no ensino médio, em um projeto da escola. Só em 2017 que teve coragem de levar ao público os seus textos. Graduada em História, mas, sua grande paixão são os livros.

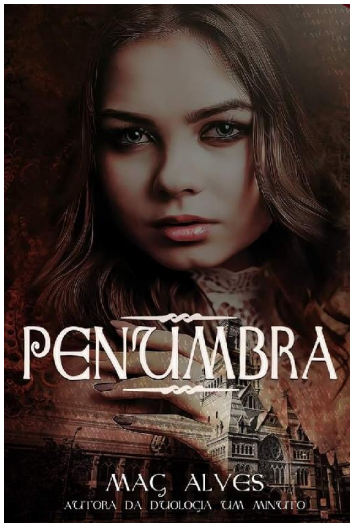
Visite e acompanhe a autora nas suas redes sociais.

**Facebook**

**Página Autora**

**Instagram**

**E-mail**

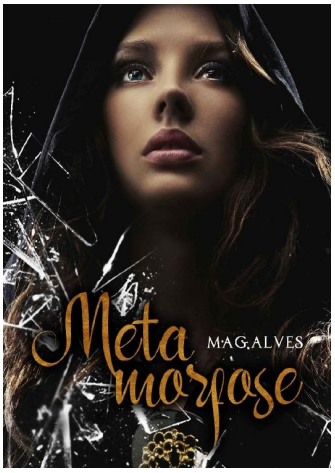



**PENUMBRA**

"Às vezes o fim é só o começo."

E se descobrisse que sua vida foi baseada numa mentira, como reagiria? A vida de Liza sempre foi monótona. Para preencher seus dias e fazer jus a bolsa de estudos que ganhou em uma misteriosa organização, ela mergulha cada vez mais em seus estudos. Cética, não acredita em nada além dos seus próprios conhecimentos. Contudo, em uma noite, tudo muda drasticamente. E, em meio a ataques constantes e mistérios, Liza conta com a ajuda de um jovem que, além de protegê-la, mexerá com seus sentimentos. Porém, na tentativa de tentar se salvar, Liza descobrirá segredos de seu passado que, até então, estavam guardados à sete chaves; segredos esses que colocará em risco, não só a sua vida, mas, de todos que a cercam. Liza será capaz de sobreviver ao caos?

Teaser/Penumbra: https://youtu.be/ndu8lkzZVCY




METAMORFOSE

Alisha tinha uma vida tranquila ao lado do pai  até que, em uma noite tudo muda quando ela presencia sua morte. Ela passa a fugir dos assassinos, sem entender o que está acontecendo ou saber em que pode confiar. Até que Kendrick e Ravi entram em sua vida.  Dois homens diferentes, que parecem saber algo sobre ela que pode ajudá-la a desvendar o enigma que a cerca. A necessidade de saber a verdade, o desejo de vingança e a atração que sente na presença dos dois, movem Alisha, transformando sua vida em uma montanha-russa.

---

[1] Frase de Winston Churchill.